

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**BRUXARIA MODERNA COMO OFÍCIO:  
UM ESTUDO ANTROPOLÓGICO SOBRE PRATICANTES NO  
SUDESTE DO BRASIL**

**Stéphanie Gribel de Carvalho Cardoso**

Dissertação de mestrado submetida como requisito parcial para obtenção do título de mestre do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

Orientadora: Marta Cioccarri

**2021**

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

C266e Cardoso, Stéphanie Gribel de Carvalho, 1994-  
Um estudo antropológico sobre praticantes no  
Sudeste do Brasil / Stéphanie Gribel de Carvalho  
Cardoso. - Caldas - MG, 2021.  
110 f.

Orientadora: Marta Regina Cioccarì.  
Dissertação(Mestrado). -- Universidade Federal Rural  
do Rio de Janeiro, PPGCS, 2021.

1. Etnografia. 2. Bruxaria. 3. Bruxaria Moderna.  
4. Ofício. I. Cioccarì, Marta Regina , 1966-, orient.  
II Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.  
PPGCS III. Título.

**STÉPHANIE GRIBEL DE CARVALHO CARDOSO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais/UFRRJ como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

**DISSERTAÇÃO APROVADA EM 31/08/2021**

---

Profa. Dra. Marta Regina Cioccarri (Orientadora) – PPGCS/UFRRJ

---

Prof. Dr. Antônio de Salvo Carriço (Titular externo) – Pesquisador independente

---

Profa. Dra. Karina Oliveira Bezerra (Titular externa) – Pesquisadora independente

---

Prof. Dr. Luiz Felipe Rocha Benites (Titular interno) - PPGCS/UFRRJ



---

---

Emitido em 2022

TERMO Nº 998/2022 - PPGCS (12.28.01.00.00.00.91)

(Nº do Protocolo: NÃO PROTOCOLADO)

*(Assinado digitalmente em 15/09/2022 10:53 )*

LUIZ FELIPE ROCHA BENITES  
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR  
DeptH/IM (12.28.01.00.00.88)  
Matricula: 2107436

*(Assinado digitalmente em 15/09/2022  
12:40 )*

MARTA REGINA CIOCCARI  
PROFESSOR DO MAGISTERIO  
SUPERIOR DeptCS  
(12.28.01.00.00.83)  
Matricula: 1451306

*(Assinado digitalmente em 16/09/2022 09:48 )*

ANTÔNIO DE SALVO CARRIÇO  
ASSINANTE EXTERNO  
CPF: 114.287.767-10

*(Assinado digitalmente em 16/09/2022  
06:55 )*

KARINA OLIVEIRA BEZERRA  
ASSINANTE  
EXTERNO CPF:  
059.479.834-51

Para verificar a autenticidade deste documento entre em <https://sipac.ufrrj.br/documentos/> informando seu número:  
**998**, ano: **2022**, tipo: **TERMO**, data de emissão: **15/09/2022** e o código de verificação: **d9aa4ddc72**

## DEDICATÓRIA

*À minha mãe, às minhas avós e a todas as minhas tias.*

## **AGRADECIMENTOS**

À minha mãe, que não deixou de me apoiar incondicionalmente. Aos meus irmãos que estiveram ao meu lado igualmente. À toda minha família em Minas, cuja distância não impediu de acompanhar cada passo. À minha orientadora Marta Cioccarri que, ao acreditar no meu potencial e na minha pesquisa, me incentivou a sempre continuar. À Mateus Cabot, que sempre me lembrou da fé e me encheu de confiança. À todos meus amigos, que me apoiaram e me ajudaram a sorrir nos momentos difíceis. Principalmente Juliana Ribeiro, cuja força eu sempre admirei. À Karina Bezerra, que me inspirou a escrever sobre bruxaria na academia. À Luiz Felipe Benites, que sempre teceu comentários sobre minha pesquisa que me instigaram a não abandoná-la. À Antônio Carriço, que me conectou a tantas pessoas quando só podíamos ficar em casa e me ajudou a não desistir diante da solidão. À todos os professores do PPGCS, por todos os ensinamentos. À todos os funcionários do PPGCS, por fazerem todo o programa funcionar.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001

*“Yo no creo en brujas, pero que las hay, las hay.”*

***Ditado popular***

## RESUMO

Esta dissertação de mestrado é resultado de um estudo antropológico que tem como objetivo apresentar a bruxaria contemporânea como uma espiritualidade potente na atualidade devido ao seu caráter de ofício – que é marcado pela ênfase dada às técnicas entre as (os) bruxas (os) e pelo desenvolvimento de uma carreira profissional. Essa compreensão foi possível em grande medida devido ao lugar de duplo pertencimento que ocupei em campo: como pesquisadora e como bruxa. As considerações aqui expostas são fruto de variadas incursões em feiras, eventos, escolas e encontros entre bruxas (os) na cidade do Rio de Janeiro, de uma comunicação mediada por diversos afetos entre diferentes praticantes de bruxaria e do esforço de realizar também uma etnografia *online*. Tendo a antropologia como fio condutor, abarco questões referentes à história, ao sentimento de pertencimento e à construção de um corpo de métodos, práticas e técnicas que fornecem a ideia de unidade entre diferentes pessoas que possuem distintas visões sobre a própria bruxaria.

Palavras-chave: Bruxaria; Bruxaria moderna; Ofício; Etnografia



## **ABSTRACT**

This master's thesis is the result of an anthropological study that aims to present contemporary witchcraft as a potent spirituality today due to its character of craft - which is marked by the emphasis given to techniques among witches and by professional career development. This understanding was made possible to a large extent due to the place of double belonging that I occupied in the field: as a researcher and as a witch. The considerations presented here are the result of various incursions in fairs, events, schools and meetings between witches in the city of Rio de Janeiro, a communication mediated by different affections between different witchcraft practitioners and the effort to also perform an ethnography online . With anthropology as a guiding thread, I embrace questions related to history, the feeling of belonging and the construction of a body of methods, practices and techniques that provide the idea of unity between different people who have different views on witchcraft itself.

Keywords: Witchcraft; Modern witchcraft; Craft; Ethnography

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>
<b>CAPÍTULO 1 - Entre a antropologia e a bruxaria: notas metodológicas.....</b>	<b>8</b>
<b>CAPÍTULO 2 - Raízes da Bruxaria Moderna.....</b>	<b>27</b>
2.1 - Desconstruindo estereótipos.....	27
2.2 - A Bruxaria Diabólica.....	31
2.3 - A importância do Romantismo, da Antropologia e dos estudos do folclore para a formação da bruxaria contemporânea.....	35
2.4 - A Wicca: o florescer da bruxaria moderna.....	43
2.5 - A Bruxaria Moderna no Brasil: o movimento Nova Era e as especificidades de uma bruxaria em território brasileiro.....	47
2.6 - Bruxaria e Feminino.....	53
<b>CAPÍTULO 3 - O ofício da bruxa.....</b>	<b>58</b>
3.1 - Desvendando a arte da bruxa.....	58
3.2 - Tirando do centro a religião.....	62
3.3 - A técnica.....	65
3.4 - O trabalho.....	71
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>82</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>89</b>

## INTRODUÇÃO

Em minha formação, na graduação e no mestrado em Ciências Sociais, tenho pesquisado sobre bruxaria moderna. Dentro dos espaços acadêmicos, curiosamente, a pergunta que mais escutei foi: “As bruxas realmente existem?” A resposta é “sim”! Existem bruxas. Algumas se organizam em grupos chamados de Clãs, *Covens*, Círculos<sup>1</sup> ou estão entre a família; outras praticam sua magia sozinhas. Elas acreditam que tudo na natureza é vivo e possui energia. É dessa força que elas obtêm inspiração e poder para realizar seus feitiços, suas poções e criar seus amuletos. Mais do que fazer feitiçaria, louvam o sol, a lua, as plantas, as pedras e os animais. Muitas também costumam cultuar deuses antigos, alguns dos quais os nomes permanecem tão esquecidos nos livros de histórias. A maior parte delas gosta de jogar tarô, runas, ler mãos e borra de café - para si mesmas, para outras bruxas e para pessoas que recorrem à sua ajuda para resolver problemas para os quais não encontram soluções sozinhas. Esses são os métodos que normalmente as pessoas entendem como “ver o futuro”. Só que, para a bruxa, o futuro é constantemente construído e destruído. Ele é resultado do que acontece aqui, no agora. É por isso que a bruxa pode ajudar as pessoas a escreverem seu próprio futuro.

Alguns desses praticantes gostam de usar o nome “bruxa” quando oferecem seus serviços; há aquelas que preferem trabalhar como terapeutas holísticas, usando o conhecimento de diversas terapias aliadas aos saberes de bruxa. Elas também podem vender poções, amuletos, banhos de ervas, estátuas de deuses, bonecas encantadas, óleos, incensos, livros e pedras. Outras mantêm uma prática privada, sem deixar muito explícito o que são, preferindo não tornar de conhecimento geral as suas atividades. Existem bruxas que, ao contrário, tornam o mais público possível todo seu conhecimento e prática: elas alimentam perfis em redes sociais como *Instagram, Facebook, Twitter e Youtube*; organizam eventos, feiras, palestras e

---

<sup>1</sup> Comparativamente, “Clã” é o nome dado para os grupos que têm como base a ideia da construção de uma família espiritual; enquanto que “Covens” é uma palavra que surge com o movimento de bruxaria moderna para designar reuniões e grupos de bruxas que partilham da mesma tradição. Devido a relação da palavra *Coven* com a religião *Wicca*, praticantes de outras formas de bruxaria que não essa, preferem outros nomes como é o caso do “Círculo”.

congressos; escrevem livros e *blogs*. Algumas até montam escolas de bruxaria e dão cursos com temas que são importantes para os praticantes dessa arte.

Para todas as bruxas que conheci e que construí relações de afeto enquanto fazia trabalho de campo, entre os anos 2016 a 2021<sup>2</sup>, no Rio de Janeiro, a bruxaria é uma arte - porque faz bem à alma e porque são necessários dedicação, estudo e habilidade para se alcançar os objetivos desejados. Numa perspectiva contemporânea na qual as pessoas se assumem como praticantes de bruxaria moderna, quem diz que a bruxa é bruxa é ela mesma. Ela decide se é e se quer assumir essa identidade para si e para os outros.

É claro que quando você está entre outras pessoas, algumas podem fazer um esforço para deslegitimar a forma como você se vê, criando regras e até manuais sobre o que faz ou não alguém ser bruxa. Só que a bruxaria não tem nenhum tipo de instituição ou livro sagrado que define o que ela é ou o que não é. Por isso, considero que cada praticante ou interlocutor(a) desta pesquisa é que tem autoridade para dizer se é ou não uma bruxa ou bruxo. Aqui, já deixo claro que tanto homens como mulheres praticam bruxaria. Essa era uma dúvida constante quando falava do meu tema em ambientes acadêmicos pois eu escolho utilizar muito mais o termo bruxa, no feminino, do que bruxo, no masculino.

Tal decisão se deu pelo fato de, no decorrer do trabalho, compreender a força simbólica que é assumir-se bruxa para as mulheres e encontrar figuras de poder feminino como as Deusas<sup>3</sup>. Historicamente as mulheres foram e ainda são mais perseguidas sob a acusação de bruxaria que os homens. Escolher priorizar o substantivo no feminino é, portanto, uma escolha política e uma tomada de consciência em relação à misoginia com que as bruxas e mulheres foram sempre atacadas.

---

<sup>2</sup> Entre os anos 2016 e 2018, conduzi a pesquisa para a monografia de conclusão do curso de graduação em Ciências Sociais. Sobre essa pesquisa, ver (Gribel, 2018). Entre os anos 2019-2021, a investigação se desenvolveu para aprofundamento das questões propostas no mestrado.

<sup>3</sup> A minha escolha em dar mais voz ao substantivo feminino concretizou-se ao ouvir do meu interlocutor Mateus que ele se considera uma bruxa por reconhecer que a bruxaria é, em sua essência, feminina. E, também, por compreender a dimensão política disso. Não significa, assim, uma relação com uma identificação de gênero do Mateus como sendo feminino, nem remete a determinada orientação sexual, como poderia parecer, mas trata-se de um reconhecimento de que a bruxaria é, sobretudo, uma forma de lutar contra a dominação de gênero e de buscar a libertação, principalmente das mulheres, das amarras do patriarcado.

Diante disso, também faço a escolha metodológica de tratar a bruxaria contemporânea como uma possibilidade de espiritualidade, não apenas de religião. Uma pequena parte das pessoas que conheci se referiam ao fato de a bruxaria ser uma religião no seu entendimento. Os termos que mais se repetiam eram caminho, espiritualidade, filosofia de vida, prática, ofício. Para a maior parte de meus interlocutores, a bruxaria não é compreendida como uma religião, mas uma forma de existir no mundo que possibilita a experiência do contato com algo divino, superior e místico. Distanciado da ideia de uma religião, tal caminho se torna menos hierarquizado e com mais possibilidade de autonomia.

É importante dizer que eu mesma me considero uma bruxa e meu interesse em pesquisar esse tema está intimamente ligado a essa minha identidade como tal<sup>4</sup>. Diante disso, acentuo que a maior dificuldade de uma pesquisa antropológica sobre o tema diz respeito à definição do que é a bruxaria. Isso porque o significado pode ter variações diversas de grupo para grupo e de pessoas para pessoas, às vezes dentro da mesma coletividade. Uma das minhas interlocutoras, em uma de nossas conversas, disse que “existem tantas bruxarias quanto bruxas”. Por isso, a questão de se tratar de uma identidade pela qual a pessoa se reconhece como bruxa (o) é tão importante. Através dela é que se torna possível esboçar uma definição que mais se aproxime da realidade.

O primeiro ponto que gostaria destacar, evitando assim conflitos com a própria história da bruxaria é em relação ao termo que mais é utilizado no campo entre meus interlocutores: bruxaria moderna. Numa perspectiva historiográfica, a utilização desses conceitos sugere uma bruxaria do período moderno, relacionada a cultos diabólicos e à caça às bruxas. Mas, para aqueles que praticam a bruxaria contemporânea ou a bruxaria moderna, se trata de um termo que sugere o caráter “atual” da prática de bruxaria.

---

<sup>4</sup> Conforme Lévi-Strauss (1977), a identidade, esse termo polissêmico e complexo, é uma espécie de lugar virtual que precisamos referir para explicar certas coisas, mas que não tem uma existência real, uma substância. Na mesma perspectiva, Marc Augé (1999), afirma que as relações entre identidade e alteridade só podem ser entendidas dentro do contexto de “sentido social”. Desta forma, pode-se considerar que os estudos da identidade – que é relativa ao “eu” – e da alteridade – relativa ao “outro” – são interdependentes ou complementares, já que a compreensão do “outro” possibilita a identificação do “eu” e vice-versa. Para Habermas (1988), a identidade é formada entre indivíduo e sociedade. É um processo que inclui a sua própria auto identificação assim como o reconhecimento do outro. Pensar identidade significa, portanto, considerar que há um eu e um outro (ou outros).

“Moderna”, para meus interlocutores, é uma palavra empregada para se distanciar do que era compreendido como bruxaria antes da década de 1950. A partir dessa época, a bruxaria ganhou os seus contornos religiosos e ela passou a ser entendida como bruxaria moderna. Por ser muito mais usada que bruxaria contemporânea e ser um conceito nativo, utilizo nesta dissertação o termo “bruxaria moderna” como sinônimo de bruxaria contemporânea.

Ainda que muitas diferenças existam dentro dessa prática, há alguns pontos em comum em relação ao que uma (um) bruxa (o) acredita e faz. Primeiro, a natureza. Starhawk (bruxa, escritora, importante teórica sobre o neopaganismo<sup>5</sup> e o ecofeminismo<sup>6</sup> dentro do meio), em seu livro chamado *A Dança Cósmica das Feiticeiras*, afirma que é da natureza que todos os ensinamentos são retirados e de onde todas as práticas buscam inspiração para se realizar (STARHAWK, 1993, p. 20).

A bruxaria moderna é um movimento profundamente ligado ao resgate das tradições religiosas pré-cristãs estudado por diversos autores (como MAGNANI, 1996; ARAUJO, 2007; OLIVEIRA, 2009; BEZERRA, 2012; CASTRO, 2016). Existe uma busca de tentar se relacionar com a natureza inspirando-se nos antigos pagãos, que possuíam uma relação de proximidade, de intimidade e de compreensão da sacralidade da natureza e dos ritos sazonais para manter o equilíbrio do mundo.

Também é muito comum que as bruxas sejam politeístas, pois acreditam e adoram diversas divindades. Não existe um único Deus ou Deusa das bruxas, mas sim vários. Referências aos deuses das culturas grega, romana, celta, egípcia e nórdica são as que eu mais ouvi durante o tempo em que realizei trabalho de campo. Um dos interlocutores que conheci cultuava Afrodite, a deusa grega do amor; outro cultuava Aine, uma deusa celta conhecida por ser rainha das fadas; alguns deles evocavam Brigid, Manannan Mac Lee e Morrigan, também celtas; havia pessoas que prestavam reverências aos deuses nórdicos Odin, Thor, Freyja e Loki; aos romanos Diana e Dianus; e,

---

<sup>5</sup>“O neopaganismo é um termo utilizado para identificar uma grande variedade de movimentos religiosos modernos, particularmente aqueles influenciados pelas crenças pagãs pré-cristãs da Europa. Esses movimentos são politeístas, animistas, panteístas, entre outros. Procuram pôr a vida humana em harmonia com os ciclos da Natureza vista como “presença” e “expressão” da divindade” (BEZERRA, 2012, p.15).

<sup>6</sup>O ecofeminismo é uma vertente do movimento feminista que relaciona a luta pela igualdade de gênero com a defesa do meio ambiente e a sua preservação.

também, Hécate, uma divindade muito popular quando o tema é bruxaria.

Percebi que os Deuses poderiam ser vistos como energias superiores, entendidas como divinas, às quais se presta um culto de fé e que são, também, aliados dos trabalhos da bruxa. Por isso, é necessário compreender que a bruxaria tem duas dimensões centrais: a da espiritualidade (que remete à fé e à concepção dos seus praticantes de que ela pode ser também uma religião) e a do ofício. Esse último aspecto representa o alicerce das minhas descobertas em campo, porque foi através dele que eu passei a pensar e analisar a bruxaria para então construir esta dissertação.

A bruxaria é o ofício da bruxa. A primeira vez que ouvi esse termo foi em um evento sobre diversidade na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ)<sup>7</sup>, onde bruxos e representantes de outras religiões não tradicionais falavam sobre o problema da intolerância religiosa. Na ocasião, anotei essa palavra e a deixei um tanto esquecida em minhas anotações. Mas ela voltou a aparecer em conversas informais e em outras palestras e atividades a que assisti.

Tomei a palavra ofício como um termo nativo e passei a persegui-lo na tentativa de compreender melhor quem são as (os) bruxas (os). Muitas vezes ele aparecia imbuído do interesse por parte dos praticantes em afastar o fazer da bruxaria de uma prática que requer apenas fé e, então, mostrá-la como uma prática que requer (também e, em alguns casos, apenas) o conhecimento e o domínio de conhecimentos, habilidades, métodos e técnicas.

A percepção de como esse termo era usado e do que representava a bruxaria “ser” considerada um ofício foi essencial para o desenvolvimento da pesquisa e para as conclusões que se seguiram. Ela surgiu ainda durante a minha graduação em Ciências Sociais, quando pesquisei o tema da bruxaria para a elaboração do trabalho de conclusão do curso também a partir do tema da bruxaria, mas buscando compreender especificamente as relações de afetos e os conflitos dentro do campo. Na época, não escrevi muito sobre esse caráter da atividade profissional, mas ao final do texto sustentei a concepção de que a bruxaria era um ofício que possibilita que variadas vertentes e tradições se unam em torno desse mesmo denominador comum: ser bruxa.

---

<sup>7</sup> O nome do evento era 1º Seminário sobre Paganismo da União Wicca do Brasil, infelizmente ele não voltou a se repetir na Universidade durante os anos que se seguiram.

Durante a pesquisa de mestrado pude então observar esse aspecto com mais atenção, a fim de verificar se essa minha primeira percepção estava certa. Ao longo deste trabalho, considero que a bruxaria é um movimento extremamente diverso, mas que se unifica em torno dessa ideia de ofício. É esse “fazer” da bruxa que sustenta a identificação de várias pessoas com a bruxaria, ainda que elas possam atribuir diferentes significados ao que é ser bruxa.

De forma objetiva, entender a bruxaria como um ofício é dizer que ela é um complexo agrupamento de técnicas, métodos e conhecimentos. Várias vezes meus interlocutores acionaram uma comparação com religiões aos moldes cristãos que se baseavam ao culto de um Deus para dizer que na bruxaria não basta apenas a fé, é preciso aprender sobre a sua prática e sobre os seus rituais religiosos. Isso é feito com dedicação e aperfeiçoamento dos estudos e das práticas.

Também é comum ouvir e ler que a bruxaria é uma arte. Ela requer o elemento imaterial da inspiração e da fé, mas requer também, e na mesma medida, o desenvolvimento de um trabalho mental, intelectual e até mesmo artesanal. É preciso que se insista no seu “fazer” para então aperfeiçoá-lo. É através da tentativa - acerto e erro - que a prática é aperfeiçoada. Assim como é com o artista, que insiste em tornar sua obra perfeita.

Ofício e arte aparecem conectados porque ao mesmo tempo em que se faz necessário praticar, aprender técnicas e métodos, treinar, se dedicar e se esforçar, se requer também paixão, entrega e fé. E, mesmo que seja uma habilidade que possa ser adquirida por qualquer um, só funciona de fato se houver uma potência “mágica”, poética, divina - um tipo de poder que é adquirido quando se acredita na bruxaria, na sua funcionalidade real e na sua potencialidade de se concretizar<sup>8</sup>. Tal ideia se afasta da ideia de que uma bruxa nasce enquanto tal ou que uma vez bruxa sempre será uma bruxa. Ser bruxa é

---

<sup>8</sup> É possível que se confunda isso com o “dom”, mas o dom explicita algo “especial” que nasceu com alguém. A capacidade de realizar algo mágico teria nascido com todos, mas somente algumas pessoas teriam, segundo as narrativas que ouvi em campo, o interesse real em se esforçar e trabalhar para desenvolver ao máximo essa capacidade. Por isso, a bruxaria moderna se consolida como um caminho possível para todos, porque todos teriam essa capacidade. Há, nesse sentido, um discurso muito meritocrático. A bruxaria pode ser para todos, mas não são todos que tem esse tempo disponível para se dedicar ou até mesmo recursos financeiros para comprar os livros, frequentar os cursos e aulas. Existem vários obstáculos sociais que podem impedir toda essa dedicação necessária.



uma escolha que, uma vez feita, demanda atividades a se realizar.

Por isso é que a bruxaria pode ser em alguns momentos uma espécie de profissão porque a prática pode ser ensinada e aprendida. Pessoas trabalham ensinando sobre bruxaria, mas também ofertando as técnicas e fazeres que aprenderam sendo bruxas. Elas dão aulas, palestras, cursos, organizam eventos e feiras. Também administram lojas de artigos voltados a esse público, prestam atendimentos como terapeutas holísticos e leem cartas para as pessoas.

Outro ponto a ser desenvolvido é que a maior parte dos trabalhos escritos sobre a bruxaria caracterizada como moderna recorrem ao seu caráter religioso de forma central. Em minha pesquisa, a dimensão religiosa está presente, mas seguindo as pistas encontradas em campo meu foco principal de análise é a dimensão da bruxaria como um ofício. Gostaria de justificar essa escolha por duas razões. Primeiro, por me parecer mais coerente com o que vi no campo em relação à forma como as pessoas se organizam em torno de uma mesma identidade. Segundo, porque me possibilita um outro desdobramento do tema: pensar como a bruxaria pode ser uma forma de trabalho, tendo em vista que as bruxas prestam serviço para outras pessoas por meio de suas práticas, vendendo uma série de produtos, dando cursos sobre o tema, organizando grandes eventos, administrando escolas e outras atividades que serão abordadas no decorrer do texto.

Optei por dividir essa dissertação em três capítulos: o primeiro trata de questões metodológicas, discorro sobre o campo - minha entrada e permanências - e as teorias que sustentaram minhas escolhas. No segundo, resgato um pouco da história da bruxaria moderna, principalmente suas raízes e seu desenvolvimento como uma espiritualidade atrelada à chamada "religiosidade Nova Era", sobretudo no Brasil. No terceiro, procuro analisar o modo como todas essas mudanças na contemporaneidade culminaram na existência de uma bruxaria que é, em sua essência, um ofício.

Por fim, foi exercendo o ofício de pesquisadora e de bruxa que eu fui conhecendo as pessoas, os lugares e questões que permeiam esse trabalho. Foi no exercício de conhecer meus interlocutores que alguns deles também me conheceram e tornaram-se meus amigos, pessoas com quem eu pude dividir

as angústias sobre a escrita e as minhas próprias teorias sobre bruxaria. Mesclando minhas anotações e afetos, entre o que servia de material para a dissertação e o que me ajudaria a desenvolver minha prática, tecei as considerações que serão encontradas aqui.

## **CAPÍTULO I - Entre a antropologia e a bruxaria: notas metodológicas**

A metodologia utilizada nesta pesquisa se caracteriza principalmente como uma etnografia e se constrói através de três principais eixos: o trabalho de campo, a participação e observação dos espaços de comunicação virtuais e o uso de uma autoetnografia (SANTOS, 2017) como forma de tratar a minha inserção e permanência do campo, bem como os afetos que permearam esse trabalho, principalmente por eu também ser uma bruxa.

As conclusões aqui apresentadas partem da minha própria observação e participação de campo entre os anos de 2015 e 2021. Entre os anos de 2015 e 2018 para a realização do Trabalho de Conclusão de Curso; e de 2019 ao início de 2021 para a pesquisa voltada à construção da dissertação de mestrado. As experiências e questões surgidas na graduação são importantes para o trabalho atual, pois representam o início da formação de uma série de perguntas que não puderam ser respondidas na época, mas que agora encontram possíveis pistas e esclarecimentos.

Eu me deparei com as questões que me inquietaram enquanto frequentava diversos eventos que aconteceram no Rio de Janeiro - como palestras, rituais públicos, feiras esotéricas e algumas aulas de bruxaria. Continuei frequentando esses mesmos lugares para realizar a investigação do mestrado. Fiz essa escolha optando por manter e estender as relações que já existiam com esses espaços e as pessoas que os frequentavam. De forma mais detalhada, participei de tais atividades:

- A) Frequentei entre 2016 e 2020 aulas e celebrações abertas ao público no templo - escola de Wicca e bruxaria Círculo de Brigantia, no bairro da Tijuca, no Rio de Janeiro. O espaço é organizado em uma casa antiga com salas onde são ministradas as aulas e palestras, com um quarto onde ficam diversos altares, uma cozinha onde são vendidos bolos, tortas e bebidas nos dias de evento. Também há lugares ocupados por pessoas que expõem seus produtos - instrumentos usados por bruxas, como pedras, pingentes, produtos naturais como ervas e sabonetes e

mais uma variedade de artesanatos feitos por bruxas (os). O Círculo de Brigantia é o espaço no Rio de Janeiro que tem uma estrutura maior e que sempre faz eventos gratuitos na sua sede - entre eles o Dia Mundial da Deusa, Festival das Fadas, Festival do Amor, Dia do Dragão e o Festival dos Ancestrais. Por ser também uma escola, oferece diversos cursos como de bruxaria e Wicca, de magia com ervas, de baralho cigano, de cristais, de magia do mar; além de *workshops* e atividades voltadas a deuses específicos. O espaço é administrado e organizado por Patrícia Ramos e Cláudio Ramos, um casal de bruxos que conta também com a colaboração de outros praticantes para compor a extensa agenda de atividades do Círculo. É importante dizer que o valor dos cursos e atividades costuma ser razoável para os padrões desse mercado. Existem atividades de um dia e, também, cursos mensais com encontros semanais. O espaço também oferece consultas com oráculos, serviços de terapias holísticas e orientação sobre bruxaria no geral.

B) Entre os anos de 2017 e início de 2021 pesquisei ainda o Via Paganus, um espaço de estudos e práticas de bruxaria, magia, feitiçaria e atendimentos mágicos com sede em Copacabana e, também, em São Paulo. Ele foi idealizado por Wagner Périco, um bruxo que segue uma linha voltada para a prática de magia nórdica, e por Chris Morgan, uma bruxa e psicóloga. Os dois, além de oferecerem cursos dentro do Via Paganus, também palestram em diversos eventos que acontecem no Rio e em São Paulo; mantêm um canal no *Youtube* onde divulgam bastante conteúdos de ensino da bruxaria e oferecem atendimento mágico. Eu tive a oportunidade de assistir, esporadicamente, às suas aulas e palestras em alguns eventos gratuitos - como feiras esotéricas - mas não frequentei o espaço físico. Se comparado ao valor de outros cursos e atividades, eles cobram um valor acima da média, mas, quando conversei com pessoas que faziam cursos lá, sempre me diziam que “vale muito a pena”. No início de 2021 Wagner e Cris se separaram, o Via Paganus continuou sob organização dela e eu continuei

acompanhando a trajetória dos dois.

C) Pesquisei também a Mystic Fair, que é a maior feira esotérica do Brasil e que acontece anualmente no Rio de Janeiro, mas também conta com edições em Belo Horizonte e em São Paulo. Fui em três edições da feira - 2016, 2018, 2019, no Rio de Janeiro<sup>9</sup>. A feira me impressionou muito devido ao tamanho do evento. Em todas as três edições que frequentei havia fila para entrar e corredores abarrotados de pessoas. Muitos *stands* dedicados a linhas diferentes de espiritualidades esotéricas e, entre eles, uma variedade enorme de espaços dedicados à bruxaria. Tanto o Círculo de Brigantia como o Via Paganus contavam com espaços dentro da feira e muitos expositores vindos principalmente de São Paulo também participavam todos os anos. Além da parte de venda de produtos, havia as palestras e “atendimento mágico” – no qual profissionais sentados em cadeiras esperavam clientes chegarem para lerem seu futuro e responderem às suas inquietações e angústias num tempo de 15 minutos por um valor de R\$50,00. Foi na Mystic Fair que eu percebi como realmente a bruxaria contemporânea era também um mercado.

D) Participei também da Expo Religião por três anos - 2017, 2018, 2019 - um evento anual que acontece no centro do Rio de Janeiro e que tem duração de alguns dias. Nele havia sempre diversas atividades envolvendo diferentes espiritualidades, incluindo palestras e *stands* de bruxaria. É um evento bem menor que a Mystic Fair, por exemplo, mas é um momento de reunir um público interessado no tema.

E) Estive presente ainda em outros encontros e atividades organizadas por grupos de estudos ou praticantes de bruxaria que aconteciam no Rio de Janeiro frequentemente. Normalmente eram reuniões de poucas pessoas, marcadas em parques da cidade como a Quinta da Boa Vista, em São Cristóvão, e o Aterro do Flamengo. Não havia uma regra na

---

<sup>9</sup> Em 2020, a feira ocorreu de forma *online* devido à pandemia do Coronavírus.

frequência com que aconteciam. Às vezes, recebia o convite *online* através do *Facebook* ou do *Whatsapp* de algum encontro que aconteceria. Na maior parte das vezes era de um grupo de estudos e de confraternização entre praticantes de alguma espiritualidade nórdica. Embora não fosse um evento marcadamente de bruxas, sempre havia algumas bruxas presentes.

- F) Além desses lugares no Rio, participei de três edições da Convenção de Bruxas e Magos de Paranapiacaba (SP) nos anos 2016, 2018 e 2019. Trata-se de um encontro anual que reúne bruxos de todo o Brasil na vila de Paranapiacaba, em Santo André (SP). Organizado pela Universidade Holística Casa da Bruxa, a Convenção é certamente o maior evento de bruxaria realizado no país. Com duração de três dias a programação é bastante extensa, com espaço para palestras, rituais, apresentação de danças, feiras de produtos esotéricos, etc. Também é o momento de muitos encontros entre pessoas que só se veem naquela ocasião.

A convenção é quase que uma espécie de retiro espiritual. Parte dos participantes se hospeda na própria vila, o que faz com que constantemente haja bruxas caminhando pelo local. Muitas delas usando grandes chapéus pontudos, longos vestidos pretos, capas e acessórios de cristais. É quase como entrar em um mundo mágico narrado em histórias fantásticas - pessoas vestidas de fadas, duendes e gnomos. O evento tem dois lados aparentemente destoantes. O primeiro é esse mais lúdico, com pessoas realmente fantasiadas com elementos de contos de fadas infantis. É como uma homenagem às bruxas da infância e aos seres encantados do folclore que habitam também as mitologias acessadas. O outro, menos fantástico, se concentra na troca de saberes reais através das aulas, palestras e *workshops* que são oferecidos durante os três dias. Os jornais regionais de São Paulo sempre publicam matérias sobre o evento, ressaltando que é um evento de bruxas.

Todas as minhas idas à Convenção foram marcadas pela minha necessidade de fazer trabalho de campo, mas de também aprender sobre bruxaria para minha própria prática. Especialmente nesses três dias de eventos minhas duas identidades se chocavam bastante - de um lado eu queria dar conta, enquanto pesquisadora, da infinidade de dados e de informações que saltavam sob meus olhos e ouvidos; porém, uma outra parte só queria se deleitar com a beleza e magia que transbordava daquele lugar. A Vila de Paranapiacaba tem uma atmosfera bastante sombria por estar sempre repleta de névoa. Nos dias de eventos, com várias pessoas caracterizadas como as bruxas dos filmes infantis ou com roupas inspiradas na época medieval, a cidade ganhava contornos fantásticos. Era como estar dentro de um “outro mundo” habitado por fantasmas, bruxas e mistérios. Não deixo de notar que era um evento bastante lúdico quando comparado aos outros.

- G) Especificamente, durante o período de 2020 e 2021 em que o país encontrava-se vivendo sob as medidas de proteção contra a Covid 19, participei de lives, palestras e aulas oferecidas em ambiente virtual (na maior parte das vezes no *Instagram* e *Youtube*) por bruxas(os) que eu havia conhecido anteriormente. Além disso, fiz parte um grupo de estudos direcionado a iniciantes na bruxaria organizado pelos idealizadores do Instituto Mãe Terra e por participantes de uma tradição de bruxaria chamada Semente Ancestral, com duração de 6 meses e encontros realizando via plataforma *zoom*; um curso sobre tarô com Victor Vieira que apesar de não ser exclusivamente para bruxas(os) era frequentado por várias delas com duração de 3 meses e realizado via plataforma *Zoom* também; um grupo de Sagrado Feminino organizado por Petrucia Finkler que é uma bruxa, com duração de 4 meses no qual haviam reuniões quinzenais via *Zoom*; um encontro com duração de um dia sobre empoderamento feminino através do estudo de divindades celtas através do *google meet*; e, alguns rituais online - pagos e gratuitos que aconteciam em diversas plataformas.

H) Por fim, participei como co-criadora do podcast Vozes da Deusa. Idealizado e organizado por Mateus Cabot, é um projeto que tem como objetivo conversar com bruxas(os) brasileiros. Até o fechamento desta dissertação havíamos gravados 8 episódios e conversado com 10 pessoas diferentes. O podcast foi um rico material para a pesquisa pois pude conhecer mais intimamente a trajetória dessas bruxas (os) e os ofícios que elas realizavam como tal. Durante as conversas, eu sempre me apresentava como bruxa e pesquisadora de bruxaria e informava que também pretendia usar o podcast como fonte da minha pesquisa de mestrado.

Como figuras centrais estão os interlocutores que conheci nesses espaços. No geral, bruxas e bruxos que davam aulas nessas escolas ou que frequentavam esses eventos. Pessoas com quem eu encontrava nesses espaços e conversava sobre diversos assuntos entre os intervalos ou durante momentos de confraternização que envolviam comida. Era comum, ao final das atividades, irmos comer juntos ou então ser parte da dinâmica da atividade nesse momento de partilhar alimentos.

Mas, de forma mais íntima, passei a me relacionar com Mateus desde o início das minhas pesquisas. Eu o conheci em 2015 no Círculo Pagão da UFRRJ - um grupo criado na universidade com o intuito de reunir adeptos de espiritualidades da terra. Mateus me apresentou a pessoas, me levou a eventos e construímos, ao longo dos anos, uma relação de amizade. Inclusive, eu sempre compartilhava com ele minhas análises, antes mesmo de escrevê-las. Nós temos a mesma idade<sup>10</sup>, temos gostos e opiniões parecidas.

---

<sup>10</sup> É interessante salientar aqui que durante o final dos anos 1980 e nos anos 1990 se popularizaram produções de filmes e seriados que traziam como tema a bruxaria moderna sendo praticada por adolescentes. Também eram retratadas bruxas jovens e bonitas, que usavam seus poderes para o “bem”. Essa geração, portanto, foi criada e influenciada por essa cultura *pop*. Mais tarde, já nos anos 2000, grandes produções literárias e cinematográficas como *Harry Potter* e *Senhor dos Anéis*, que também traziam o tema da magia, se tornaram inspiração para que eles pudessem começar a procurar seriamente sobre o tema. Esse movimento aconteceu de forma semelhante com os (as) bruxos (as) de gerações anteriores, mas a referência que eles tinham não era exatamente de bruxaria, mas sim da popularização de produções e literaturas fantásticas que falavam de ocultismo e Nova Era. Mas tudo isso preparou o terreno para o processo de desmistificação da bruxaria e desconstrução do estereótipo maligno atrelado a ela.



A grande diferença é que no decorrer do caminho ele se tornou um comunicador de bruxaria<sup>11</sup> e eu sempre mantive os meus saberes um pouco mais privados.

Por conta dessa característica comunicativa do Mateus, conheci várias pessoas da nossa faixa etária principalmente. Bruxas e bruxos com idades entre 20 e 30 anos. A maior parte deles estudante de algum curso de graduação ou pós-graduação, moradores do Rio e pertencentes à classe média. Com eles eu mantive contato virtual e nos encontrávamos nessas ocasiões. Construimos relações de afeto e de intimidade que me proporcionaram conversas e confidências que me ajudaram a ouvir e a entender mais sobre o tema.

Além deles, me mantive bastante próxima a uma tradição de bruxaria que conheci em uma das minhas idas a Paranapiacaba. O grupo era composto por aproximadamente dez pessoas. Durante 2019, 2020 e início de 2021 frequentei suas reuniões e encontros virtuais assiduamente. Eles compõem uma tradição que contém adeptos espalhados pelo Brasil, por isso os encontros eram sempre *online*, o que facilitava bastante o contato. Destaco entre eles três pessoas de quem fiquei bastante próxima - o líder religioso, que era também um professor de inglês; a sacerdotisa do grupo, uma mestranda em biologia; e um dos aprendizes, que era *designer*.

Indico a ocupação dessas pessoas para sinalizar algo que uma vez, enquanto apresentava desdobramentos da pesquisa entre colegas, foi motivo de espanto. A maior parte dos meus interlocutores tinha alguma graduação. Eram pessoas formadas em História, Química, Biologia, Jornalismo, em Letras, em Ciências Políticas, etc. Isso, em um primeiro momento, não me causou espanto, mas foi com a reação de colegas que compreendi que poderia causar um estranhamento ver que aquelas pessoas eram intelectualizadas.

Por fim, sinalizo que também utilizei como material para compor a pesquisa documentos escritos pelas bruxas (o) - como livros e textos - e documentos orais - como vídeos, *podcasts* e *lives* - produzidos pelos meus

---

<sup>11</sup> Forma que encontrei para definir pessoas que não trabalham com bruxaria exatamente, mas que, em suas redes sociais e círculos pessoais, são divulgadores da bruxaria. Estão sempre apresentando o caminho e o desmistificando.

interlocutores ou então citado por eles em diversos momentos.

Os meios virtuais como as redes sociais (com grupos e perfis de bruxas), os *blogs* sobre o tema e os canais do *Youtube* também se tornaram importantes meios de observação e interação com os meus interlocutores por dois motivos: primeiro porque a internet é um meio de comunicação extremamente usado por eles; e, segundo, porque tive a necessidade de dar continuidade à pesquisa durante a pandemia do Coronavírus e em meio às medidas de isolamento social.

A princípio, a proposta metodológica inicial descrita no projeto do mestrado era realizar uma análise da trajetória de vida de pessoas que tinham uma relação de ofício com a bruxaria - que a praticavam e trabalhavam como bruxas (os). Eu pretendia realizar entrevistas em profundidade com essas pessoas e continuaria também participando de eventos, feiras, palestras e outras atividades nas quais o tema estava presente<sup>12</sup>.

Porém, a partir de março de 2020 me vi impossibilitada de dar continuidade a esses planos. A recomendação da Organização Mundial da Saúde (OMS) era a de permanecer em casa, praticando o distanciamento social. Não haveria mais os eventos e eu não poderia mais encontrar-me com essas pessoas. Só que, como o próprio trabalho de pesquisador exige, precisamos nos adaptar e, também, adaptar nossa metodologia aos problemas e dificuldades que vão surgindo no decorrer da pesquisa.

Como o antropólogo Daniel Miller aborda, em um vídeo que publicou em maio de 2020 no seu canal do *Youtube*<sup>13</sup>, toda etnografia requer mudanças e ajustes que vão acontecendo devido ao percurso em campo. Seja ela *online* ou *offline*. Cada contexto, seja ele virtual ou não, requer o entendimento de que cada indivíduo terá formas diferentes de envolvimento. Embora a priori seja preciso esquematizar a metodologia que será usada, não temos a certeza de que ela seja utilizada da exata forma que foi pensada:

---

<sup>12</sup> O planejamento das atividades de pesquisa e do mestrado que eu organizei logo que entrei no Programa de Pós-graduação consistia em fazer todas as disciplinas do mestrado no primeiro ano, juntamente com incursões a campo nos eventos que se realizassem naquele momento. No segundo ano, em 2020, planejei fazer as pesquisas e então de fato começar a escrever com mais dedicação a dissertação. Com a pandemia e todas as atividades sendo *online*, tive que repensar esse planejamento. Primeiro, optei por tentar marcar entrevistas *online*.

<sup>13</sup> Disponível em: <https://youtu.be/NSiTrYB-0so>. Acesso em 18/03/2021.

“Acho que o ponto principal da Antropologia é que, diferentemente de outras disciplinas, não esperamos consistência na metodologia. A razão é que, para nós, o método também é algo que você aprende no curso da etnografia. Na verdade, tudo se baseia na sensibilidade, na compreensão de como uma população em particular funciona.” (MILLER, 2020)

Isso significa que algumas coisas você só percebe durante o fazer etnográfico e, por isso, o método é algo que se aprende durante todo o processo. Miller (2020) vai ressaltar que ao invés de, nesses tempos de adversidade por conta da pandemia, em que o antropólogo não pode estar em campo, apenas nos contentamos em fazer entrevistas e não em participar, devemos, principalmente, nos concentrar na observação participante.

Reconhecendo que “o exercício da etnografia sempre introduz questões não previstas no planejamento das investigações antropológicas” (BENITES, 2012, p.10), optei por me debruçar para entender como seria possível realizar uma espécie de trabalho de campo *online* ou uma etnografia virtual. Essa escolha foi essencial para os desdobramentos da pesquisa, pois me permitiu encontrar respostas que eu estava procurando, e ainda me inquietou com novas questões.

Inicialmente tentei marcar entrevistas *online*, mas recebi muitas respostas negativas. Fui surpreendida por recusas, por falta de tempo por parte das pessoas e, também, por silenciamentos por não ter minhas mensagens *online* respondidas. Aflita com a questão do tempo que tinha para concluir a pesquisa, cheguei a cogitar a possibilidade de escrever tendo como material apenas o que eu havia visto em campo durante a pesquisa de graduação e em um ano de mestrado. Porém, eu ainda precisava de algumas respostas.

Passei a acompanhar “perfis” de bruxas e de escolas de bruxaria nas redes sociais, principalmente no *Instagram* e no canal *Youtube*, mas também em *blogs* e *sites*, onde eles passaram a divulgar bastante conteúdo acerca das suas práticas, dos seus ensinamentos, de como vivem e de como vivenciam a bruxaria dentro de suas vidas, de suas casas e em seus cotidianos, principalmente em tempos de dificuldades, com a pandemia.

Apesar de a internet sempre ter sido um espaço de sociabilidade entre

as bruxas na contemporaneidade (OSÓRIO, 2005), as bruxas estavam muito mais atuantes nas redes sociais que antes. Todo esse maior movimento *online* é compreensível, pois elas também foram impactadas pelas medidas de distanciamento social. As escolas de bruxaria não funcionavam mais, as feiras estavam impossibilitadas de acontecer e até os atendimentos presenciais, mesmo que individuais, estavam comprometidos. Isso significava uma perda de parte da renda recebida por essas pessoas que tinha que ser revertida de alguma forma. A saída foi levar todas as atividades possíveis para a dimensão virtual.

Por conta disso, durante o final de 2020 e início de 2021 pude fazer parte de alguns cursos e atividades que, antes, devido à distância e pelos valores cobrados nas taxas que envolvem um trabalho presencial, eu não pude fazer. Além disso, pude também conhecer outros espaços e pessoas - ainda que só virtualmente - que me ajudaram a compreender mais o campo e a investigar mais a fundo as questões referentes ao ofício.

Embora eu continuasse me comunicando com alguns interlocutores através das redes sociais, ainda sim faltavam os componentes que só existem na troca real - com os sorrisos, as risadas, as expressões faciais e os silêncios. Mas decidir investir na interação e observação usando meios virtuais me fez olhar para outra direção e, também, encontrar pessoas novas e narrativas novas, como o uso constante dentro dos perfis dessas pessoas dos termos “terapeuta holístico”. Antes, eu não havia encontrado no campo pessoas que enfatizavam essa formação, mas nas redes sociais isso se tornou comum.

Eu não conseguia me encontrar com essas interlocutoras pessoalmente, não conseguia marcar uma entrevista, mas eu as via interagindo nas redes sociais - participando de eventos *online*, publicando textos sobre bruxaria, fazendo *lives*<sup>14</sup> no Instagram, gravando vídeos para o *Youtube* e falando de sua trajetória e práticas em *podcasts*<sup>15</sup>. E eu interagia com elas - conversando principalmente no *Whatsapp* e no *Instagram*. Tudo isso se converteu em documento de campo.

---

<sup>14</sup> Transmissões *online* em tempo real.

<sup>15</sup> Programas de áudio que ficam disponíveis em *sites* e plataformas específicas. Muito parecidos com programas de rádio, mas possuem a facilidade de poderem ser escutados e pausados a qualquer momento

Inclusive, durante a quarentena, passei a produzir junto com Mateus um *podcast* de bruxaria no qual falávamos com praticantes de diferentes vertentes sobre seu caminho como bruxa (o)<sup>16</sup>. O *podcast*, ainda que não tivesse o objetivo inicial de fornecer material para a pesquisa, contribuiu diretamente para os resultados desta pesquisa principalmente porque nossos convidados, além de contarem sobre como praticavam bruxaria, falavam também de sua trajetória.

Eu já havia percebido que a internet funcionava como um veículo de informação sobre a bruxaria justamente pelo fato de todos esses eventos terem chegado ao meu conhecimento por meio de meios virtuais. Mas foi apenas diante da impossibilidade de concretizar entrevistas que eu passei a considerar o próprio meio virtual como um universo de observação, me lancei na observação de como se organizavam os grupos *online* e a interação nas redes sociais com muito mais atenção e cuidado.

Na produção antropológica recente, Andréa Osório (2005) já tinha chamado a atenção sobre a presença de bruxas modernas na rede virtual. Lançando um olhar aos praticantes de *Wicca*, uma vertente da bruxaria moderna, a autora afirma que, por ser um grupo pequeno, essas bruxas usavam a internet como veículo de troca de informação e comunicação, se tornando um importante espaço de sociabilidade e de disputas. É notável que o mesmo aconteça com a bruxaria em um contexto mais geral, não só de *Wiccanos*. Como há uma dificuldade bastante comum de que praticantes de diferentes vertentes de bruxarias consigam se encontrar pessoalmente, a internet facilita esse encontro, seja em nível local, nacional ou internacional.

Em vários momentos, notei que encontros *online* muitas vezes se tornavam encontros reais. O Círculo Pagão da Rural, um grupo de encontro entre pagãos da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) surgiu exatamente assim: primeiro, como um grupo de interação *online* dos praticantes de *Wicca* da universidade e, depois, se tornou um grupo de encontro presencial. Devido à variedade de praticantes de bruxaria que procuraram o grupo, tornou-se um grupo para pagãos - pois todos os bruxos

---

<sup>16</sup> Disponível em <https://open.spotify.com/show/1TIAydZgCIWt4kRwht7is8> . Acesso em 10/03/2021.

que lá estavam se consideravam também pagãos. Desta forma, a intenção era integrar mais pessoas da universidade. O mesmo movimento acontecia em outros tipos de eventos: os eventos eram marcados *online* e sua divulgação também acontecia prioritariamente na internet. Os cursos, as palestras e os serviços também eram anunciados pela internet para depois se concretizar nos espaços presenciais, *offline*.

Com a pandemia, essa concretização se dava *online* também. Antes também havia serviços e aulas que eram oferecidos *online*, sempre foi uma prática comum e esse processo atualmente só se intensificou. Mas essa é a realidade de todos durante a quarentena: espaços e pessoas que antes realizavam suas práticas presencialmente tiveram que criar estratégias para oferecer seus serviços *online*.

Podemos considerar que, para além das perdas, mudanças de métodos podem significar também olhar o campo sob uma outra perspectiva. A internet se tornou, de fato, um campo que fornece elementos significativos para a percepção do fenômeno da bruxaria como um ofício, para além de uma forma de religião e prática espiritual. Nas redes sociais, inclusive, parece ter se tornado mais palpável e mais fácil de ser observada essa dimensão, na medida em que se pode acompanhar os *posts* em redes sociais, as *lives*, os vídeos e os *podcasts* sobre o tema.

O fazer etnográfico, quando se estuda cultura, está tradicionalmente ancorado no encontro entre pesquisador e nativos, mas, atualmente, é preciso considerar a existência de um campo virtual, especialmente durante um contexto de quarentena, com a pandemia. Como afirma Ferraz:

“desprezar a condição digital no contexto da cultura contemporânea, a qual alastra-se em múltiplas esferas das relações sociais (se apresentando também como campo e/ou objeto de pesquisa), é ignorar o fenômeno social da nossa era e tornar perecíveis os métodos antropológicos tradicionais por supostamente não darem conta de explicar as culturas intoxicadas pelas tecnologias nas relações sociais e materiais. Na antropologia clássica, os livros, informantes e percursos terrestres eram tidos como a condição para os contatos preliminares no início da pesquisa, no entanto, na esfera atual das relações sociais

em rede, são comumente substituídos por ícones em telas conectadas via on-line”. (FERRAZ, 2019, p.48)

Em minha pesquisa, não procurei substituir os percursos tradicionais - embora eu acredite que seja possível - pelos “ícones em telas”. Tentei utilizar ambos, como forma de enriquecer o trabalho e, também, de torná-lo possível enquanto sua realização ocorre em um contexto que exige o isolamento social. A análise de Ferraz (2019) é interessante porque ela aproxima o fazer etnográfico, com o uso de dados virtuais, da etnografia clássica, para dizer que o antropólogo continuaria, ainda que através da rede virtual, observando e classificando os fenômenos sociais. Agora, porém, lançando uma nova forma de olhar um campo de possibilidades em movimento, que não corrompe a antropologia e sim a reatualiza (FERRAZ, 2019).

Evans-Pritchard (1978), em seu livro *Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande*, escreve um apêndice onde reflete sobre o fazer etnográfico e o trabalho de campo afirmando que não há uma fórmula mágica para fazê-lo. Em uma irreverente frase, após citar diversos pesquisadores, ele conta: “Por fim falei com Malinowski, e ele me disse para não ser um maldito idiota, e então tudo iria bem. Não há uma única resposta - muito depende do pesquisador, da sociedade que ele estuda e das condições em que tem de fazê-lo” (EVANS-PRITCHARD, 1978, p. 243).

Isso não significa que não haja um método, mas sim que cada trabalho de campo tem suas particularidades e desafios específicos. Essa reflexão do autor é muito útil para pensarmos que não existe apenas um modelo a ser seguido, que desvios são muitas vezes necessários e que, às vezes, é preciso mudar a metodologia para a melhor construção do trabalho.

Quando o pesquisador se propõe a realizar etnografia é preciso que ele esteja disposto a conhecer o campo e então ir se adaptando às necessidades que o próprio campo vai mostrando. Pretende-se, de antemão, que haja uma relação de intimidade e de profundidade com os interlocutores, mas isso não depende só da disposição do pesquisador. Depende, também, da disposição e abertura que ele encontrará, ou será capaz de construir em campo. É por isso que também a autoetnografia se torna importante ao longo dessa investigação:

“Assim posto, o que caracteriza a especificidade do método auto etnográfico é o reconhecimento e a inclusão da experiência do sujeito pesquisador tanto na definição do que será pesquisado quanto no desenvolvimento da pesquisa (recursos como memória, autobiografia e histórias de vida, por exemplo) e os fatores relacionais que surgem no decorrer da investigação (a experiência de outros sujeitos barreiras por existir uma maior ou menor proximidade com o tema escolhido, etc)”. (SANTOS, 2017, p.219)

Percebi, ao longo da pesquisa, que, cada vez mais, eu me encontrava em um espaço de duplo pertencimento dentro daqueles espaços, como refleti anteriormente (GRIBEL, 2020). Isso porque, em vários momentos, eu escrevo sobre grupos aos quais eu pertença - não somente a partir deles, mas também a partir de mim e das vivências que vou tendo com eles. Sobretudo, por investigar o ofício da bruxa, acabo por aprender também sobre ele e em algumas ocasiões, por ser conhecida também como uma pesquisadora de bruxaria, acabo por assumir a posição de ensinar também sobre bruxaria - sua história ou sua prática.

Reconhecendo a importância de uma sinceridade metodológica, tal como enfatizado por Malinowski (1988) e por Favret-Saada (2005), identifico e incluo tais experiências durante a pesquisa - no processo de definir o tema, com os recursos de memória e de autobiografia que acabam por se cruzar com o desenvolvimento do próprio trabalho, na construção das relações com outros sujeitos - porque compreendi que, além de dar voz a quem falava sobre bruxaria, minha própria voz se tornou parte daquele todo. Na mesma medida em que passei a aprender mais sobre o fazer pesquisa, aprendi mais sobre bruxaria. E, da mesma forma que estou trilhando um caminho para receber o título de mestre, estou me aperfeiçoando como bruxa. Esses dois desenvolvimentos estão totalmente imbricados. Por isso, a perspectiva da autoetnografia precisa ser considerada, já que me remete a uma constante reflexividade sobre o meu envolvimento, influência e limitação em relação ao tema, à pesquisa e aos seus resultados.

Todas as vezes que me apresentei nos espaços em que estive e para as



peessoas que conheci, revelei que sou bruxa e que, como estudante de Ciências Sociais, pesquisava bruxaria. Sempre achei importante deixar claro essa última informação, mas ela parecia se perder. As pessoas, quase sempre, se mostravam desinteressadas sobre esse fato. Interessava-lhes muito mais a minha prática pessoal como bruxa: os deuses que eu cultuava, os livros que eu lia, os feitiços que eu fazia, as pedras e ervas que eu usava, o método oracular ao qual eu me dedicava. Em algumas raras ocasiões, alguns interlocutores mostraram interesse em ler meu trabalho quando estivesse pronto e, também, me indicavam livros sobre bruxaria moderna que eles entendiam como leituras fundamentais. Cheguei a deixar disponível para leitura, em um site de bruxaria, minha monografia de conclusão de curso (GRIBEL, 2018). Ninguém nunca fez algum contato relatando que tenha lido meu trabalho.

Considerarei como essencial para o desenvolvimento das minhas análises permanecer bastante tempo em campo e assim me tornar o mais próxima possível. O antropólogo Márcio Goldman salienta que “o passar do tempo, entretanto, não é apenas o passar do tempo” (GOLDMAN, 2005, p. 150) e de fato é ele que proporciona, na maioria das vezes, que uma relação de intimidade possa surgir. Esse tipo de tempo passado em conjunto auxilia na compreensão e na construção dos silêncios, das risadas, da confiança e do afeto, tão essenciais para que as pessoas se sintam minimamente confortáveis para se abrir durante as interações etnográficas.

E foi justamente com o passar do tempo que eu passei a publicar fotos e conteúdos nas minhas redes sociais sobre bruxaria. Colocava imagens dos eventos que frequentava, compartilhava textos, palestras, vídeos, dicas e mostrava um pouco da minha própria prática. Também tive a oportunidade de palestrar, como bruxa, em duas ocasiões - falando sobre meu conhecimento e prática sobre as fadas em eventos voltados à bruxaria - e de produzir o *podcast* junto com Mateus. Essa divulgação em espaço virtual colaborou para que as pessoas me procurassem como alguém que poderia lhes ajudar ou ser referência em relação à prática de bruxaria.

Porém, nunca me coloquei nesse lugar de ensinar sobre prática de bruxaria dando cursos ou palestras. Me sentia muito confortável para falar das minhas práticas pessoais e, também, das teorias que lia na Universidade, não

para dar cursos e formar grupos onde essa seria uma forma de atuação de trabalho. Mas, sempre que me encontrava em momentos de dúvidas sobre meu futuro profissional dentro das Ciências Sociais, me questionava sobre a possibilidade de começar a atuar profissionalmente como bruxa. Na primeira edição da *Mystic Fair* em que estive presente, havia uma parte da feira destinada ao atendimento oracular. Quinze minutos custam R\$ 50,00. Isso significava R\$ 200,00 a hora. E quanto custa a hora de um professor de sociologia?

Curiosamente, um outro movimento aconteceu. Ao mesmo tempo em que as bruxas com as quais eu ia convivendo e construindo relações dos mais variados tipos não pareciam sequer lembrar que eu também pesquisava bruxaria enquanto cientista social, as pessoas nos espaços acadêmicos me procuravam para tirar dúvidas de práticas de bruxaria. Colegas do curso de Ciências Sociais, de História, de Artes, de Biologia e de vários outros me pediam indicações sobre como começar a praticar bruxaria justamente por me verem comunicando sobre bruxaria *online*. A maior curiosidade dos meus colegas de graduação e pós-graduação não era sobre as questões intelectuais acerca da bruxaria moderna, mas sim sobre a possibilidade deles mesmos poderem fazer bruxaria.

Foi justamente esse convívio que fez com que Jeanne Favret-Saada (2005) “afetasse” e fosse “afetada” na relação com os seus interlocutores, pesquisando feitiçaria no Bocage francês. Devido à delicadeza do tema da feitiçaria para os seus pesquisados, eles só se abriram com ela depois de acreditar que ela havia sido “pega” pelo sistema da feitiçaria. Tal percepção da parte deles só veio porque notaram os tremores das suas mãos, perceberam o brilho no seu olhar e relacionaram os acidentes de carro que sofreram com a feitiçaria. Tudo se deu pelo passar do tempo juntos. E, sem dúvida, pelo exercício, que acabou se convertendo em uma metodologia antropológica inovadora, de se “deixar afetar” pelo que eles acreditavam. Goldman (2005), à luz de Favret-Saada afirma:

Basta que os etnógrafos se deixem afetar pelas mesmas forças que afetam os demais para que um certo tipo de

relação possa se estabelecer, relação que envolve uma comunicação muito mais complexa que a simples troca verbal a que alguns imaginam poder reduzir a prática etnográfica. Trata-se em suma, como escreve a autora (Favret-Saada, 1990a: 7-9), de conceder “estatuto epistemológico a essas situações de comunicação involuntária e não intencional”, evitando a “desqualificação da palavra indígena” em benefício da “promoção da do etnógrafo”, assim como a armadilha suprema de imaginar que fazer etnografia significa “explorar as trevas com uma filosofia das Luzes”. (FAVRET-SAADA, 1990, apud. GOLDMAN, 2005, p.150)

Tendo em mente a importância dessa comunicação, que não é puramente verbal, é importante explicitar que as informações e interações que vivenciei em campo não foram frutos de entrevistas. Foram resultados de uma presença contínua em diversos espaços para que meu rosto se tornasse então familiar àquelas pessoas. As piadas, por exemplo, passaram a fazer sentido devido ao surgimento de uma intimidade e de um convívio que, aos poucos, foi acontecendo. Embora eu tivesse planejado fazer entrevistas a princípio, não fazer foi uma escolha consciente, resultado da minha própria condição dentro do campo, que era semelhante à do antropólogo Antônio Carriço:

“As dificuldades encontradas apenas confirmavam a importância da minha condição em campo. Era sobretudo porque me colocava naquela posição de aluno (muito mais que de etnógrafo) diante de outras pessoas e, por que não, diante da própria produção de pães, que podia alimentar (me alimentar de) esse fluxo de falas, ações e reflexões.” (CARRIÇO, 2018, p. 13)

Esse fluxo de falas, ações e reflexões era então a minha vantagem. Eu me apresentava como pesquisadora, mas a dinâmica do próprio campo colocava em destaque o meu lugar como bruxa. Simplesmente deixei as coisas fluírem com naturalidade e passei a refletir sobre os lugares que meu duplo pertencimento me conduzia.

Embora a observação participante seja um método já consagrado dentro da antropologia, Favret-Saada (2005) expõe também a necessidade de

continuamente repensá-la. Para ela, observar e interrogar os informantes no máximo faz com que eles participem do trabalho etnográfico. E participar é o mínimo que se precisa fazer para observar.

É como se ser afetado suprisse algumas lacunas, pois os afetos são como intensidades - não são significáveis, justificáveis ou representáveis. Eles permitem uma identificação entre as pessoas que faz com que, de fato, seja possível conhecer os afetos dos outros. Sem essa dimensão do afeto parece que o pesquisador ainda fica um pouco no seu espaço confortável de distanciamento, de separação entre o “eu” e “eles”.

Essa metodologia do ser afetado é, portanto, sobre se deixar afetar subjetivamente pelas emoções e sensações que afetam a todos dentro do campo. É se permitir pensar como eles pensam, e não apenas representar. Mas, isso pode gerar uma certa incerteza porque, no final, você tem um texto para produzir, tem um comprometimento com um projeto de conhecimento, um propósito de fazer pesquisa.

Por isso, em alguns momentos questionei-me se estava sendo mais bruxa que pesquisadora, ou se não era nem mais pesquisadora, tal como Favret-Saada (2005) se perguntou se ainda era etnógrafa. Esse lugar de permitir-se afetar no qual nos colocamos para pesquisar desencadeia uma série de questionamentos pessoais, profissionais e intelectuais para o jovem antropólogo de forma que se torna quase impossível que não se pense em desistir em alguns momentos.

Uma coisa seria a pesquisadora Favret-Saada desenvolver uma investigação sobre bruxaria e outra é uma mestranda em formação, bruxa, atrever-se a usar recursos de uma bolsa de estudos para pesquisar bruxaria. Reflexões um tanto cruéis sobre a legitimidade e a utilidade de um trabalho, mas que deixam evidente a constante insegurança na qual as perguntas são formuladas e as questões pensadas quando se decide fazer uma pesquisa em moldes não tão tradicionais e com um tema tão ambíguo.

Favret-Saada (2005) vai dizer que é essencial arriscar-se no trabalho de campo porque sem se jogar nessa aventura de ser afetado o trabalho etnográfico não acontece. Somente se jogando, e assumindo os riscos de se perder do caminho, a investigação antropológica acontece. Para não me

perder, uma parte minha sempre se fazia alerta para que eu não esquecesse do meu compromisso com a pesquisa. Afinal, deixar-me afetar pelo que meus interlocutores acreditavam que a bruxaria causava não era difícil, já que tínhamos crenças bem parecidas. Mas eu fazia o esforço de não valorar a prática das pessoas com parâmetros científicos ou com construções pessoais.

A dificuldade, portanto, foi a de transformar certas coisas tão familiares em estranhas. Para isso eu contei com os apontamentos de colegas das Ciências Sociais que me sinalizavam sobre a falta de explicação sobre termos e conceitos, mas, principalmente, passei a realizar o exercício de definir em palavras - no meu próprio diário de campo - o que eram as coisas que aparentemente já me estavam dadas. No esforço antropológico para transformar o familiar em exótico e de conhecer aquilo que só aparentemente é conhecido (VELHO, 1980).

Mas havia também um fato da minha própria trajetória que fazia com que esse processo se tornasse um pouco mais fácil. Apesar de ser uma bruxa, eu me sentia uma “estranha” quando estava no campo porque meu início na bruxaria não aconteceu dentro daqueles espaços. Só depois de muitos anos aprendendo sobre bruxaria junto de pouquíssimos amigos que fui descobrir que existiam todos aqueles eventos acontecendo. O campo foi algo realmente novo. Aquelas movimentações não me eram familiares.

Porém, muitas vezes eu me vi saturada do tema. Era bruxaria o tempo todo: eu pesquisava, estudava, conversava, pensava e sonhava com bruxaria. Quando não era para o mestrado e para a pesquisa, era em função de meus próprios interesses pessoais. Quando eu saía com meus amigos, era para eventos envolvendo bruxaria. Quando me sentava no bar, falava do andamento da pesquisa sobre o mesmo tema. Quando eu rezava, era bruxaria.

Em contrapartida, ressaltando os aspectos positivos, entendo que tal condição me garantiu uma fácil entrada no campo e o rápido desenvolvimento de relações de intimidade, de afeto e de amizade com os interlocutores, em alguns casos. Algumas conversas e confidências aconteceram justamente por isso. Em alguns momentos, eu me sentia em uma relação vantajosa, comparada a pesquisadores de fora do campo. Por ser considerada uma igual, minhas interlocutoras me falavam das aflições, contavam dos conflitos, das

expectativas, das angústias. E eu lhes falava das minhas expectativas e angústias também.

Quem está de fora percebe que os livros, manuais e as próprias bruxas afirmam que a bruxaria funciona. Mas, internamente, quando algum resultado de feitiço dá errado ou elas vivenciam um momento de embate entre um pensamento racional e o resultado correto dos feitiços, as bruxas duvidam de sua própria lucidez e questionam-se sobre si mesmas. A proximidade da relação que construí, não ancorada na necessidade de dados de pesquisa ou em um afeto representado, mas no desenvolvimento natural de uma amizade, me possibilitou muitas conversas sinceras sobre isso, por exemplo.

Às vezes, era eu que as procurava para contar de alguma experiência sobrenatural que eu aparentemente vivenciei e me fez pensar que eu estava ficando louca. Afinal, mesmo acreditando na magia e compreendendo que ela nada tem de ilógica, ainda sim, presa a uma forma racionalizada de pensar, me questionava. E elas também. Falávamos sobre tudo isso - e sobre amor aos deuses, à natureza; conversávamos sobre os espíritos, sobre os jogos de tarô que fazíamos para nós mesmas; confidenciamos feitiços que deram errado e motivos íntimos para realizar esses feitiços

## **CAPÍTULO 2 - Raízes da Bruxaria Moderna**

### **2.1 - Desconstruindo estereótipos**

Se a pergunta sobre a existência ou não de bruxas fosse direcionada ao historiador Jeffrey Burton Russell ele provavelmente responderia que “talvez”, depende do que você pensa que é a bruxaria. Russel e Alexander (2019) afirmam que para ter uma resposta sobre a existência ou não das bruxas, é necessário definir o que é a bruxaria. Neste trabalho, a bruxaria que me interessa é aquela praticada hoje, entendida como uma forma de espiritualidade ligada aos ciclos da natureza, que tem como base o politeísmo e possui seus saberes próprios.

Para essa forma de saberes e práticas pode ser dado o nome de “bruxaria moderna”. Desta forma, bruxaria moderna é um termo nativo que designa a prática de bruxaria que acontece hoje, mas que também se inspira no que era praticado séculos atrás nas culturas pré-cristãs. A bruxa moderna acessa essas fontes, mas também se utiliza de conhecimentos mais recentes para compor sua prática. É possível usar sinônimos como magia e feitiçaria para designar o que a bruxa faz, isso porque elas mesmas utilizam essas palavras com sentidos similares.

De uma forma bastante genérica, Russel e Alexander (2019) afirmam que através de uma abordagem antropológica é possível dizer que bruxaria e feitiçaria seriam a mesma coisa; que existe uma abordagem histórica sobre a bruxaria europeia na qual a bruxa adora o Diabo; e que para os praticantes de bruxaria moderna a sua prática se baseia no culto a diversos deuses, com um enfoque em magias para boas coisas. Ou seja, a bruxaria não é a mesma em todos os lugares e momentos da história.

Para Evans-Pritchard (1976) a bruxaria compreendia toda a vida dos Azande. Ela era onipresente e não se caracterizava como uma doutrina, não havia contornos religiosos como na bruxaria moderna de hoje. Se algum infortúnio acontecesse no dia a dia, facilmente seria obra de bruxaria. Ou seja, ela existia de forma pragmática para explicar aquilo que fracassava. Tal veredito só seria desacreditado se o oráculo de veneno indicasse o contrário.

Já a imagem retratada nas histórias infantis e nos contos de terror, nos quais a bruxa é uma velha horrenda, com verruga no nariz, e que faz infinitas maldades, só existe dentro desses contextos de fantasia. Isso se dá porque uma tradição artística no século XIII que difundiu a figura da bruxa como essa imagem de personagens imaginários - na maior parte das vezes mulheres horrendas, velhas, com verrugas, malvadas e com uma risada tenebrosa (ALEXANDER; RUSSELL, 2019, p.1) que poderiam se esconder por trás do rosto de belas e jovens mulheres (AMARAL; FLECK, 2018). No século XIX, essa figura ganhou força, com ênfase na famosa pintura de Francisco Goya “O Sabá das Bruxas” e sua série de quadros intitulada *Pinturas Negras*. Essa representação continuou até os dias atuais, sobretudo nos desenhos e livros infantis, em especial nos contos clássicos da Disney - como *A Bela Adormecida*, *Cinderela*, e *A Branca de Neve*. Nelas, muitas vezes, a figura de mulher má e a da bruxa se fundem.

Maurício Menon (2008) ressalta que as crenças e superstições envolvendo as bruxas povoaram o imaginário coletivo por muito tempo, mesmo depois da Inquisição e, sobretudo em relação ao feminino, essas imagens persistiram muito tempo até serem diluídas pela razão (MENON, 2008, p.1). Mas eu questionaria essa afirmação do autor: Será que essas crenças e superstições foram mesmo diluídas ou suplantadas pela razão?

Se pensarmos que até hoje pessoas que pertencem a religiões afro-brasileiras são vítimas de violências – verbais e físicas – por conta de seu suposto envolvimento com a prática da feitiçaria, a resposta para tal pergunta não. As crenças e superstições envolvendo bruxaria e feitiçaria (aqui usadas como similares) não foram suplantadas pela razão<sup>17</sup>.

No Rio de Janeiro, embora tenha sido criada a Delegacia de Crimes Raciais e Delitos de Intolerância, atos de violência contra religiões de matriz africana continuam acontecendo. Pessoas e templos são atacados por aqueles que veem essa espiritualidade como algo ligado à prática de uma feitiçaria que é maligna e relacionada ao culto do Diabo, como se verifica em notícias

---

<sup>17</sup> Embora essencialmente a Wicca e outras tantas vertentes de bruxaria moderna não se caracterizam enquanto espiritualidades de matriz africana cabe aproximá-las devido ao sentido de acusação de malefício que é imputado à prática de feitiçaria e bruxaria.



expostas frequentemente nos jornais eletrônicos<sup>18</sup>.

Além disso, a acusação de feitiçaria e a estigmatização causada por ela não afeta apenas praticantes de tais religiões. Existe um componente racial intrínseco. Benites (2012), no artigo “Lugar de negros, lugar de feiticários: estereótipos, pertencimento racial e política no Vale do Alto-Médio São Francisco”, mostra como classificações raciais são acionadas para estigmatizar uma população. As acusações de prática de feitiçaria estão, dentro daquele contexto, totalmente associadas a questões raciais e não a um pertencimento religioso.

Mesmo que se trate de uma investigação etnográfica localizada em uma localidade específica, a associação da questão racial com a prática da feitiçaria exposta por Benites (2012) expõe uma relação presente no senso comum e, como já mencionado, causadora de violência.

O estereótipo da bruxa atrelada a algo maligno e imoral também continua presente ainda hoje como forma de julgamento moral, sobretudo em relação às mulheres principalmente, embora os homens não estejam excluídos. Por exemplo, quando naturalmente se afirma que “fulana é uma bruxa” porque tem atitudes interpretadas como cruéis - nesse caso não está em jogo acreditar ou não na bruxaria, mas sim que alguém que faz “maldades” é uma bruxa. Há também a crença de que a bruxa é uma pessoa que usa de algum poder sobrenatural para amaldiçoar e causar mal a terceiros. A ela pode ser imputada culpa em diversos momentos: “Perdi o emprego! A culpa é daquela minha vizinha bruxa, que tem inveja de mim e da minha família”.

Edward Evans Evans-Pritchard, em seu clássico estudo sobre a feitiçaria entre os Azande (1976), traz como central o elemento da acusação da prática da feitiçaria e faz avanços importantes na história da Antropologia defendendo a tese de que os nativos não são seres irracionais por acreditarem em feitiçaria.

---

<sup>18</sup> Disponível em

<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/11/22/apesar-de-criacao-de-delegacia-templos-de-religoes-de-matriz-africana-sao-atacados-ate-durante-a-pandemia-no-rj.ghtml>;  
<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/08/14/policia-investiga-acao-do-bonde-de-jesus-contra-terreiros-de-religoes-de-matriz-africana-no-rj.ghtml> ;  
<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/07/12/terreiro-de-candomble-e-destruido-em-daque-de-caxias-na-baixada-fluminense.ghtml> . Acesso em 18/03/2021

“Esses antropólogos davam respostas precisas a uma única questão – quem acusa quem de o ter enfeitado em dada sociedade? – mas ficavam mudos quanto a todas as outras – como se entra numa crise de feitiçaria? Como se sai dela? Quais são as idéias, as experiências e as práticas dos enfeitados e dos seus magos?” (FAVRET-SAADA, 2005, p.157)

Parte do meu interesse em construir essa pesquisa é dar voz a essas questões. Dado meu lugar no campo eu poderia respondê-las sozinha para mim mesma, porém não faria um trabalho antropológico, com muito esforço talvez apenas uma autobiografia. Percebo como mais urgente produzir uma investigação que dê voz a outras pessoas, outras histórias e outras interpretações de quem é a bruxa e a bruxaria. Principalmente porque ainda hoje a prática da bruxaria é vista com estranhamento dentro e fora da universidade.

Nesse sentido, a fala deslegitimadora de alguns dos colegas de curso sempre me incomodou. Eles não precisavam ter fé na espiritualidade das bruxas, mas também não precisavam ridicularizar seus cultos mostrando um espanto assombroso quanto a sua existência. “Mas elas existem?”, da forma que eu ouvia, parecia uma afirmação de que acreditavam que há tempos as pessoas haviam superado tais crenças ilógicas. Ainda eram “eles” e “nós” (FAVRET-SAADA, 2005). É por conta desse olhar que os camponeses do Bocage demoraram a revelar a existência da bruxaria diante de Favret-Saada. Como observa a pesquisadora:

“Os camponeses do Bocage recusam-se obstinadamente a jogar a Grande Divisão comigo, sabendo bem onde isso deveria terminar: eu ficaria com o melhor lugar (aquele do

saber, da ciência, da verdade, do real, quiçá algo ainda mais alto), e eles, com o pior. A Imprensa, a Televisão, a Igreja, a Escola, a Medicina, todas as instâncias nacionais de controle ideológico os colocavam à margem da nação

sempre que um caso de feitiçaria terminava mal: durante alguns dias, a feitiçaria era apresentada como o cúmulo do campesinato, e este como o cúmulo do atraso ou da imbecilidade.” (FAVRET- SAADA, 2005, p.157)

Nota-se que muitos destes meus colegas de curso de Ciências Sociais leram os trabalhos de Evans-Pritchard, nos quais ele argumenta justamente sobre o fato de que a bruxaria entre os Azande era constituída de um sistema lógico de pensamento. Também leram Bronislaw Malinowski (1988), em passagens nas quais o autor deixa claro que religião, magia e ciência estão em todas as sociedades, não apenas em sociedades primitivas. Porém, parece existir uma linha que separa o avanço científico social e cultural no processo de compreender outras formas de pensamento e a existência, “ainda”, da bruxaria.

É paradoxal, ao mesmo tempo, que uma relação esperada: a literatura anglo-saxã, na época de seus estudos sobre feitiçaria, embora fizesse um certo avanço em desenvolver uma teoria que não ignorava a feitiçaria e não a coloca como irracionalidade. Negava a existência de uma feitiçaria rural presente na Europa contemporânea, ainda que os folcloristas atestassem sua existência e Favret-Saada (2005) estivesse pesquisando dentro dela. Tais conflitos refletem o lugar ambíguo que o estudo e a prática de bruxaria ocupam até hoje (GOLDMAN, 2005).

## **2.2 - A Bruxaria Diabólica**

Essa construção da bruxa como alguém “do mal” está muito ligada ao estereótipo da bruxaria diabólica retratada na Europa durante a Idade Média e que fez com que, impiedosamente, milhares de pessoas fossem caçadas, torturadas e mortas sob a acusação de bruxaria. Segundo Russel e Alexander (2019), as acusações de bruxaria diabólica começaram no final da Idade Média e as grandes perseguições da inquisição ocorreram durante a Renascença e avançaram até o século XVIII. Não houve um movimento unificado. Até o século XVI, muitas das perseguições eram locais. Só depois que regras mais

gerais começaram a ser impostas e as acusações diminuíram.

A existência e o papel da feiticeira dentro desse contexto refletem uma visão de mundo muito dicotômica, compartilhada em grande parte por um pensamento cristão - mais especificamente católico - e que é disseminado até hoje em toda sociedade ocidental e que se estrutura através de oposições e inversões, de valores de bem e de mal como contrários:

“A um mundo superior dominado pelas forças do bem opõe-se um mundo inferior dominado pelas forças do mal; o mundo terreno, intermediário, surge como palco de disputa dessas forças, impondo ao homem uma vida constantemente ameaçada, pois sua natureza o inclina para o mal e para o castigo eterno; aos agentes divinos na Terra opõem-se os agentes do demônio, ou seja, os mágicos, as feiticeiras e os adoradores de falsos deuses.” (BETHENCOURT, 2004, p.41)

Havia uma crença de que as bruxas saíam voando em vassouras à noite, faziam orgias e matavam crianças. Também se acreditava na relação entre a bruxaria e a presença do diabo:

“As bruxas reúnem-se em assembleias noturnas, deixando para trás seus corpos ou mudando de formato a fim de poderem voar para os lugares de reunião. A bruxa suga o sangue das vítimas ou devora-lhes os órgãos fazendo com que elas definham até morrer. As bruxas comem crianças ou causam-lhes, de algum outro modo, a morte, levando às vezes sua carne para a assembleia. Cavalgam em vassouras ou outros objetos, voam nuas, usam unguentos para mudar de forma, executam danças de roda, possuem espíritos familiares e praticam orgias.” (ALEXANDER; RUSSELL, 2019, p.10-11)

Essas ideias são próprias daquele período histórico e impulsionaram uma caça às bruxas. Mas não há indícios de que essas fossem de fato práticas espirituais daquela época; não nas formas que eram retratadas e descritas nos manuais que indicavam como reconhecer as bruxas (RUSSEL; ALEXANDER, 2018). A possessão demoníaca, por exemplo, era algo relacionado à bruxaria para os inquisidores, mas que não parecia coerente quando se pensava em

uma adesão consciente à bruxaria:

“A ideia de possessão não faz sentido quando se pensa em uma prática voluntária de bruxaria, porque ela requer uma espécie de não permissão por parte da vítima. Na chamada Bruxaria Diabólica (Renascença e Reforma Europeia) a bruxa voluntariamente convocava os maus espíritos”. (ALEXANDER; RUSSELL, 2019, p.13)

Nesse período, a bruxaria aparece como algo oposto ao Cristianismo e que ia contra os principais mandamentos da Igreja. Bethencourt (2004) esclarece que, em primeiro lugar, as bruxas pecariam contra o primeiro mandamento – “Amar a Deus sobre todas as coisas” -, pois se as bruxas evocavam demônios para lhes socorrer, então não amavam a Deus sobre todas as coisas, mas sim o temiam e pediam auxílio a alguém que não a Ele.

O que a história continua a nos indicar é que toda essa construção foi elaborada a partir de interesses próprios da Igreja Católica em demonizar qualquer comportamento que não fosse alinhado aos seus valores. Havia um grande interesse em manter uma estabelecida ordem e o uso da força era bastante comum:

“a imagem da feitiçaria diabólica, com todos os seus acessórios - pacto com o diabo, *sabá*, profanação dos sacramentos - foi sendo elaborada, entre meados do século XIII e meados do século XV, por teólogos e inquisidores, para depois difundir-se progressivamente, através de tratados, sermões, imagens, por toda Europa e, mais tarde, até mesmo para além do Atlântico. Essa difusão - mas seria mais exato falar de superposição do esquema inquisitorial já mencionado a um extrato preexistente de superstições genéricas - realizou-se de forma particularmente dramática no próprio curso dos processos, modelando as confissões dos acusados graças aos dois instrumentos já mencionados: a tortura e os interrogatórios “sugestivos”.” (GINZBURG, 2010, p.8)

Ginzburg (2010), Russel (2010) e Bethencourt (2004) abordam o problema de se utilizar, para compreender o que era a prática da bruxaria, as fontes das confissões que, em primeiro lugar, foram escritas pelos inquisidores interessados no assunto, e que também eram fruto de torturas físicas,

psicológicas e de interrogatórios sugestivos. Ginzburg (2010) afirma que os iluministas italianos se desinteressaram das confissões das bruxas por elas representarem o quão irracionais e bárbaras eram as perseguições e como as narrativas eram construídas a partir de violências extremas.

“Historicamente, há três tipos de bruxo: o feiticeiro, que pratica a magia simples, encontrado no mundo inteiro; o herege, de quem se afirmava praticar diabolismo e que foi perseguido durante as caças às bruxas; e o neopagão. Os três grupos têm pouco em comum, salvo o designativo de “bruxo”.

Dentre os três tipos, aquele das caças às bruxas surtiu o maior efeito histórico. A bruxaria européia histórica era um satanista (adoração do Diabo) formado por elementos retirados da antiga feitiçaria, do paganismo, do folclore, da heresia, da teologia escolástica e dos julgamentos em tribunais locais, estatais e eclesiásticos. Se alguém de fato praticou esse tipo de bruxaria, é uma questão em aberto. Alguns indivíduos ou grupos podem ter realizado rituais diabólicos, mas foram raros. A principal importância da bruxaria herética é o conceito em si mesmo: o que podem realmente ter feito esses bruxos é eclipsado por aquilo que se acreditava que eles faziam. As pessoas agem com base naquilo que acreditam ser verdadeiro, e aquelas que acreditaram na real existência de uma conspiração diabólica da bruxaria provocaram a morte de cerca de 60 mil pessoas, aterrorizaram outros milhares, distorceram as mentes educadas durante séculos e deixaram uma mancha indelével nos registros históricos da cristandade.

Muitas razões foram apontadas para a origem, difusão e declínio final das caças às bruxas. Mas a importância fundamental dessas caçadas não se encontra em sua gênese particular e intelectual. Essencialmente, as caças às bruxas atestam a presença de uma horrenda falha na natureza humana: o desejo de projetar o mal sobre os outros, de defini-los como excluídos e de então puni-los cruelmente. As condenações à fogueira em Bamberg e os enforcamentos de Salem são funcionalmente comparáveis aos fornos de Dachau, às brutalidades do Gulag e aos genocídios no Camboja e em Ruanda. A ideologia determina a forma a ser assumida pelo mal, mas o mal que se esconde por trás da forma é uma característica embutida na própria humanidade. A negação da existência do mal somente fortalece seu poder”. (ALEXANDER;

RUSSELL. 2019, p.241)

O que se coloca em evidência, portanto, é que “o mal” não é a bruxa. Essa foi em diversos momentos perseguida por pessoas e instituições que tinham como objetivo punir e excluir aqueles que, por algum motivo, encontravam-se em dissonância dos valores sociais, culturais e morais de uma determinada época. A bruxaria deveria incitar medo e pavor entre aqueles que desejavam dominar, mas viam na prática de magia - ou no que se imaginava ser a prática de magia - algo que não podia ser controlado. Então, o caminho mais fácil seria o de perseguir pessoas.

### **2.3 - A importância do Romantismo, da Antropologia e dos estudos do folclore para a formação da bruxaria contemporânea**

Deve-se assinalar que os praticantes de hoje assumem que a bruxaria tem raízes muito mais antigas do que as registradas pela Igreja e pela Inquisição. E essas são muito mais importantes para a construção das bases da sua prática. Diante das narrativas que encontrei no campo é possível afirmar que a bruxaria moderna se inspira principalmente nas culturas pagãs pré-cristãs, como a Helênica, a Druídica, a Céltica e a Nórdica; nos conhecimentos de origem xamânicas oriundos de tribos indígenas e sociedades primitivas; e nos conhecimentos esotéricos.

Durante o final do século XVIII, o Romantismo impulsionou uma série de estudos e escritos literários que buscavam a valorização do folclore e dos costumes tradicionais, principalmente na Europa. Sob a inspiração da visão de mundo romântica, buscava-se uma concepção menos racionalista e mais pautada na fantasia e na intuição, considerando a noção de natureza como central, não apenas relacionada a uma paisagem, mas como uma natureza interna e externa, sentida e vivida como tal.

Foi um movimento artístico, político e filosófico. Opondo-se ao racionalismo e aos valores do Iluminismo, o Romantismo colocava ênfase na criatividade, na imaginação e nos movimentos fugazes da vida subjetiva - a fé,

o sonho, a paixão, a intuição, a saudade, os sentimentos e, também, a força das lendas nacionais. É através dessa última que se conduzia uma busca pelos mitos, pela linguagem dos povos fundadores e por construir um forte nacionalismo.

Desta forma, alguns pesquisadores se voltaram especificamente ao estudo das religiões pré-cristãs. Escritores românticos como os ingleses W. B. Yeats, Lord Byron e Percy Shelley colaboraram no sentido de incluírem em seus trabalhos temas como a mitologia celta e nórdica como forma de contestar os valores da sociedade atual na qual viviam (DUARTE, 2013). Esses escritos, por si só, não representavam uma religiosidade, mas, muitas vezes, eles se opunham aos valores cristãos.

“Para Hobsbawn e Morgan<sup>19</sup>, essas manifestações literárias estavam ligadas principalmente a ideais nacionalistas, desenvolvendo-se no seio das classes intelectualizadas de povos cuja identidade cultural havia sido sufocada, seja pela dominação por outros povos, seja pela própria alienação cultural promovida pela Revolução Industrial. Um outro exemplo desse tipo é o Völkisch Movement, interpretação germânica do movimento populista que agregava um interesse patriótico sentimental com o interesse no folclore germânico e com a ideia visionária de uma vida auto-suficiente, em estreita relação mística com a terra. De qualquer maneira, todas essas manifestações tiveram o mérito de chamar a atenção das classes populares para o folclore local, ainda que de forma romantizada.” (DUARTE, 2013, p.13)

No século XIX, alguns pesquisadores começaram a ser acusados de não só pesquisar as lendas e costumes, mas sim de reconstruir essas espiritualidades. É dentro desse contexto que começa a surgir uma variedade de ordens herméticas e ocultistas espalhadas pela Europa que alegavam possuir algum tipo de conhecimento oculto e que era passado através de estudos e de rituais formais de iniciação: “todas elas alegando origens antiquíssimas e serem portadoras e transmissoras de uma sabedoria secreta

---

<sup>19</sup> MORGAN, Prys. Da morte a uma perspectiva: a busca do passado galês no período romântico in HOBBSAWN, E. e RANGER, T. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p.7



imemorial” (DUARTE, 2013, p.14).

É interessante notar que, apesar da história nos remeter a um desenvolvimento das práticas e estudos sobre magia das ordens herméticas e ocultistas, os praticantes de bruxaria moderna quando me contavam sobre o desenvolvimento da sua espiritualidade não citavam tais ordens e nem o ocultismo. Remetiam, quando falavam de seu passado, aos povos pagãos. Para eles, a bruxaria contemporânea buscava resgatar alguns saberes e práticas pagãs.

Nesse sentido, eram os costumes e a espiritualidade dos povos pagãos - homens do campo não cristãos que tinham uma relação de sacralidade com a natureza e que acreditavam na importância das celebrações sazonais para garantir a existência de seu povo e a fertilidade da terra (CASTRO, 2016) - que lhes interessava mais. É por isso que a maior parte das bruxas com quem tive contato se dizia bruxa e pagã.

Tal identificação era recorrente porque a própria bruxaria contemporânea estava imersa, ainda que não completamente, no chamado neopaganismo: movimento religioso resultado da “motivação romântica de resgate do passado, da tradição, com estudos, pesquisas e evidências, porém dando valorização a imaginação e a interioridade” (BEZERRA, 2019, p.93).

Apesar da palavra “pagão” sugerir um pertencimento a um contexto histórico europeu, o neopaganismo - ou paganismo contemporâneo - passou a englobar também outras religiosidades que consideram as forças da natureza como importantes para a manutenção do próprio ciclo da vida. Por isso, ele pode incluir, por exemplo, tribos nativas da América do Norte, as culturas astecas e maia, religiões africanas e, também, afro-brasileiras (ARAÚJO, 2007). Um ponto central do resgate dessas espiritualidades de adoração à natureza é que elas são politeístas (OLIVEIRA, 2019). Os deuses são entendidos como as forças dessa natureza ou estão nela. Por isso, de maneira geral, as bruxas acreditam na existência de diversos deuses e se conectam com vários deles.

Diante disso, não é errôneo afirmar que a bruxaria contemporânea é também pagã (ou, neopagã). Ao fazer uma conexão com o que é humano e o

que não é humano - como as plantas, as pedras, as forças da natureza e os espíritos - a bruxaria moderna reposiciona o lugar da natureza. Ela deixa de ser oposta aos homens para ser compreendida em relação às pessoas e à sua existência.

Isabelle Stengers (2017) indica que “reativar o passado não é uma questão de ressuscitá-lo [tal] como ele era, de sonhar em tornar realidade uma dada tradição ‘verdadeira’, ‘autêntica’” (STENGERS, 2017). É mais sobre compreendê-lo como um passado que nos molda, não necessariamente recuperá-lo. As bruxas contemporâneas parecem cientes disso, pois tomam a sua história como resultado dos antigos costumes pagãos e buscam inspiração neles, mas, ao mesmo tempo, entendem-se como “modernas”, palavra que ressalta que essa bruxaria é realizada no agora, com elementos e símbolos que também remetem ao tempo atual.

Embora essa relação entre paganismo e bruxaria esteja dada dentro da bruxaria contemporânea hoje, ela só se desenvolveu através de estudos antropológicos e folclóricos que demonstravam uma ligação entre um fazer mágico que está conectado e que depende da natureza (DUARTE, 2013). Esses estudos indicavam que existia uma forte relação entre o que a Igreja considerava ser bruxaria e magia com as práticas das espiritualidades pagãs. E mais: eles demonstravam que essa espiritualidade teria sobrevivido à Inquisição.

Uma obra muito importante e que está diretamente ligada a essas descobertas do final do século XIX e início do XX é *Aradia: O Evangelho das Bruxas*, de Charles Leland, publicada em 1899. Leland (1824-1903) foi um folclorista e jornalista norte-americano que tinha forte interesse pelo ocultismo e neoplatonismo. Ele chegou a participar da Revolução de 1848, na França. Da mistura entre sua atividade política e seu interesse pelo folclore e ocultismo escreveu sobre o culto à deusa Diana das *streghe* - bruxas e curandeiras italianas.

Teoricamente, para compor esse trabalho, Leland teria tido contato com uma informante chamada Madalena - uma bruxa italiana que teria passado a ele textos sagrados da antiga religião praticada por ela e outras pessoas de sua família. Nesses textos, Diana aparece como uma deusa - mãe versada em

magia que envia sua filha - Aradia - à terra para ensinar bruxaria a homens e mulheres que sofrem com a desigualdade social cada vez mais crescente. Nessa narrativa, a bruxaria seria então um instrumento para lutar contra a opressão e escravidão da época.

Charles Leland é até hoje criticado em relação à veracidade desses textos sagrados e questionado acerca de sua interlocutora realmente existir. Outra possibilidade apontada pelos críticos do seu trabalho é de que ela teria, sim, existido, mas que se moldou a fim de agradar os interesses do folclorista. O autor se defende das acusações dizendo que Madalena não era sua única fonte, porém ela compreendia o que ele desejava e sabia exatamente como extrair tais conhecimentos de seus semelhantes. Teria essa mulher extraído os conhecimentos de seus semelhantes para então entregar diversos textos sagrados a Leland? Ou teria ela entendido o que ele desejava e então entregue um material criado por ela mesma?

Apesar das críticas feitas na época e até hoje - Jeffrey Russell, por exemplo, desconsidera totalmente a obra -, *O Evangelho de Aradia* é um livro muito importante para a história da bruxaria moderna e corresponde a outras literaturas do seu tempo, como, por exemplo, *La Sorcière*, do historiador Jules Michelet, publicada em 1862, que mostrava a bruxaria como uma crença da resistência popular. Estudos sobre o caráter político da bruxaria já vinham sendo conduzidos, mas a inovação de Leland era no sentido de demonstrar que havia indícios da sobrevivência de uma espiritualidade pagã dentro do que era chamado e considerado bruxaria. No caso italiano, especificamente, tal sobrevivência se dava através de um culto das bruxas formado por familiares.

É notável que o que aconteceu em algum momento histórico, embora não seja possível precisar, foi que a categoria de bruxa, antes usada como acusação por parte da Igreja e de teóricos, tenha sido incorporada como forma de nomear as práticas pagãs existentes durante e após a Inquisição. Embora as práticas e crenças espirituais dos povos pagãos não sejam por eles chamadas de bruxaria, com a difusão do termo pela Igreja tornou-se então comum que fossem chamadas como tal. Assim, alguns estudiosos passaram a adotar o termo bruxaria para falar daquelas práticas e, também, os próprios praticantes - algo que permaneceu até os dias atuais.

Madalena, a famosa informante da narrativa de Leland, já se considerava parte de um grupo familiar de bruxaria e os conhecimentos aos quais tinha acesso teriam passado de geração em geração, de forma oral e muito sigilosa. O material por ela entregue serviram para ilustrar a bruxa italiana de Leland: homens e mulheres que dançavam à luz da lua cheia, faziam sortilégios para o amor, realizavam encantamentos de boa sorte, faziam feitiços para garantir a prosperidade de suas próprias plantações ou arruinar a colheita daqueles que lhes faziam mal e cultuavam deuses quase esquecidos.

Em 1922, Sir James Frazer, publicou um importante livro, *O Ramo de Ouro*. Nesta obra, o antropólogo defendeu a ideia de que todas as religiões possuíam um cerne comum: a associação dos ciclos das estações a um culto de fertilidade que estaria baseado na figura de um Rei Sagrado que seria adorado e sacrificado para a garantia da continuidade da vida.

O Rei sagrado seria um tipo de divindade solar que realizaria um tipo de casamento com uma divindade da terra, que morreria durante a colheita para então renascer na primavera. Frazer (1890) argumenta que até mesmo o Cristianismo possuiria raízes pagãs - observadas, por exemplo, no caso do mito da crucificação e ressurreição de Jesus que se assemelhava à ideia de sacrifício, morte e renascimento.

As ideias de Frazer causaram um alvoroço e ele foi acusado de comparar culturas muito diferentes e muito distantes no tempo e espaço. Mas, conforme Duarte, é possível afirmar “que a ideia de uma “religiosidade primitiva” centrada em uma deusa da fertilidade e de um deus consorte, central para o neopaganismo atual, foi consolidada a partir da obra de Frazer.” (DUARTE, 2013, p.16)<sup>20</sup>. E, embora a obra tenha causado uma série de críticas de outros antropólogos, ela também causou o encantamento e influenciou trabalhos que contribuíram com o movimento neopagão (BEZERRA, 2019).

---

<sup>20</sup> Quando li sobre isso, mandei uma mensagem para três amigos bruxos que sabiam que eu estava me dedicando a esse projeto de pesquisa. Conte-i-lhes as conclusões do autor, usei outros conhecimentos de história para melhor contextualizar esses estudos e, por fim, mencionei que o livro *O Ramo de Ouro* (ou, em outras traduções, *O Ramo Dourado*) é um livro que aborda o culto de Diana ao redor do lago do Nemi. Eu, pessoalmente, cultuo Diana e com a descoberta de que estudos sobre seu culto na Itália foram tão importantes para a consolidação de uma espiritualidade neopagã fiquei alvoroçada. A minha fé em Diana sempre foi um pilar na minha vida e ver o quanto ela é importante para a história da bruxaria me fez sentir um misto de sentimentos - gratidão, força, coragem, certeza. Era como se ela estivesse abençoando meu trabalho e com isso eu me sentisse confiante para continuar a pesquisar e a escrever.

“Ao invés de desacreditar a magia e a religião, Frazer, com sua densa obra, despertou mais ainda o interesse sobre o sentido e o valor das práticas religiosas antigas. Sua pretensão de levar luz aos primitivos foi realizada, mas de maneira inversa ao que ele desejava. Os costumes do povo começaram a ser vistos como uma sabedoria superior, pois estavam em contato com a natureza e assim promoviam uma harmonia social”. (BEZERRA, 2019, p. 95)

O problema, segundo Karina Bezerra (2019), é que tanto Frazer como outros folcloristas influenciados por ele ultrapassaram o limite da ciência, pois as evidências empíricas não eram suficientes para se afirmar que as práticas pagãs haviam sobrevivido:

“O movimento romântico exaltou o natural e o irracional, a beleza e a sublimidade da natureza selvagem e da noite, e a “Grande Deusa”. Porém, a forma como o passado foi apresentado representa mais os desejos dos modernos sobre os antigos do que a representação do passo em si, com a qual as evidências deixam mais dúvidas do que respostas.

(...)

Em síntese, temos grandes autores, arqueólogos, historiadores, antropólogos, psicólogos e mitólogos que passaram um pouco a mais dos limites científicos, buscando essências e estruturas a fim de explicar nosso passado e dar respostas e significados para o presente. Imaginando situações e histórias, que podem ser verdadeiras, mas não são verificáveis, portanto não podem ser apresentadas como históricas”. (BEZERRA, 2019, p.96-106)

Mesmo assim, diante das críticas e de um romantismo exacerbado, uma literatura começou a ser desenvolvida no sentido de pensar que a religiosidade que teria sido perseguida na época de “caça às bruxas” continuava viva. O livro mais importante talvez tenha sido *O Culto das Bruxas na Europa Ocidental*, de Margaret Murray, publicado em 1921. Murray era linguísta e especialista em egiptologia. Quando ficou impedida de realizar pesquisas no Egito por conta da Primeira Guerra Mundial passou a pesquisar os julgamentos de bruxaria na Europa, principalmente na Grã-Bretanha. Muito influenciada por Frazer, Murray

descreve a bruxaria como um culto de fertilidade que teria sido a religião primitiva de toda a Europa Ocidental no período neolítico. O culto estaria centrado na figura de um deus de chifres ao qual se faziam sacrifícios periodicamente. Esse deus teria sido a base para a construção do diabo no Cristianismo.

Trabalhos como *La Sorcière* (1862), de Jules Michelet, já demonstravam essa relação entre o paganismo e a associação da Igreja como prática de bruxaria. Mas Murray argumenta que as bruxas seriam, de fato, as antigas sacerdotisas de um culto da fertilidade. Diferente de Frazer que afirmava a existência de uma religião primitiva centrada em uma grande mãe, Murray defendia a ideia de um Rei Divino (o Deus de Chifres) que tinha como central dentro do seu culto a figura das suas sacerdotisas. Tal culto teria se mantido secreto até começar a ser exposto e perseguido pela Inquisição entre os séculos XV e XVII (DUARTE, 2013).

Ginzburg, por sua vez, defende que um interesse real em relação a quais seriam as crenças dessas bruxas perseguidas durante a Inquisição realmente surgiu com Murray, mas o problema de sua tese consistiria na leitura acrítica das confissões das bruxas. Segundo ele, “a reconstrução das linhas gerais do suposto culto de fertilidade era efetuada com base em processos muito tardios, nos quais a assimilação do esquema inquisitorial já se havia completado” (GINZBURG, 2010, p.10).

Em *Os Andarilhos do Bem* (2010), Ginzburg até se dedica ao estudo das crenças populares da sociedade friulana entre o final do século XVI e meados do XVII. Seu interesse é compreender a feitiçaria popular para além dos esquemas cultos propostos pelos inquisidores para apreender o significado e a natureza da própria feitiçaria popular. Para isso, ao invés de se apoiar em termos que ele considera genéricos como “mentalidade coletiva” ou “psicologia coletiva” para perceber como essas crenças foram assimiladas à feitiçaria, ele prefere retirar de toda a documentação analisada atitudes individuais. Mas isso é devido à particularidade dos casos friulanos que permitiam com maior precisão recriar a penetração da crença popular na feitiçaria diabólica, sendo possível afirmar que a percepção das reuniões noturnas dos *benandanti* foi

deformada para caber nos moldes do *sabá* demoníaco.

De fato, Ginzburg aponta que é muito difícil demonstrar que a bruxaria popular remonta a um antigo culto de vegetação e fertilidade<sup>21</sup>. E é muito provável que a pretensão de Murray tenha sido a de fazer um trabalho acadêmico, só que ela recebeu uma enxurrada de críticas da comunidade acadêmica e foi acusada de cometer muitos exageros e falhas - “tanto na argumentação quanto nos métodos” (DUARTE, 2013, p.19) e que teria construído sua teoria a partir de falácias (ALEXANDER; RUSSELL, 2019, p.56). O problema, de acordo com esses críticos, é que a autora teria usado como documentos as confissões de bruxaria que teriam sido conseguidas sob tortura. Há dois problemas centrais nisso: se as confissões aconteceram durante sessões de tortura, não poderiam essas mulheres terem confessado algo que não fizeram apenas para se verem livres da tortura? E os materiais foram produzidos pelos próprios inquisidores, que tinham como referência da prática de bruxaria os manuais de demonologia construídos pela Igreja. A acusação, em resumo, é de que Murray teria alterado o sentido dos documentos para que esses se encaixassem no resultado da sua pesquisa (ALEXANDER; RUSSELL, 2019).

No entanto, essas críticas teriam ficado em periódicos específicos, por isso não afetaram a popularidade dessa teoria entre os leigos e nem entre aqueles que, mais tarde, a usaram para construir narrativas históricas sobre uma religião das bruxas. Os praticantes de bruxaria costumam ler esse livro de Murray. Aliás, essa obra me foi indicada por mais de uma pessoa e a

---

<sup>21</sup> O historiador aponta que há relatos chamados de “voo noturno” (ou *sabá* das bruxas) que datam do século X, mas que se referem a uma prática ainda anterior. Neles não há a presença de figuras diabólicas ou uma negação da fé cristã. Tratavam-se encontros noturnos que eram presididos por uma divindade feminina (às vezes Diana, Herodíades, Perchta ou Holda). Embora essa hipótese tenha sido levantada, ainda fica um questionamento: como se explica “a razão pela qual as bruxas, sacerdotisas desse suposto culto de fertilidade, aparecem desde o início (e não apenas na bruxaria tardia, deformada pelas suposições dos juizes) nas vestes de inimigas das colheitas, de evocadoras de granizo e tempestades, de portadoras de esterilidade para homens, mulheres e animais”? (GINZBURG, 2010, p.11). Em *Aradia, o Evangelho das bruxas* (LELAND, 2000) é possível observar que uma das habilidades das bruxas era arruinar as colheitas com chuvas e tempestades.

Quando me volto ao questionamento de Ginzburg penso nas vezes em que ouvi sobre como os saberes da bruxaria moderna indicavam um caminho pelo qual o praticante saberia mistérios tanto da vida como da morte. Porém, se as afirmações de hoje não podem fornecer respostas a questionamentos de um período histórico tão anterior, elas me ajudam a pensar como as bruxas podem responder a essas indagações caso fossem feitas hoje, com base em uma construção moderna de bruxaria.

justificativa era sempre parecida - seria o livro que contava, com bases históricas, o que era a bruxaria. Ou seja, era uma espécie de literatura indispensável para quem gostaria de conhecer, para além da literatura esotérica do tema, o que foi a bruxaria. As bruxas de Murray praticavam um culto da fertilidade no qual havia ritos chamados de *esbats* e *sabbats* - esses continuam sendo os ritos que as bruxas modernas, em sua maioria, celebram.

## 2.4 - A Wicca: o florescer da bruxaria moderna

Todas as discussões envoltas no termo “bruxaria” colaboram para que, em meados do século XX, a bruxaria moderna pudesse florescer de fato. Como o contexto do seu surgimento se localiza na Europa e nos Estados Unidos, está diretamente ligado ao que politicamente ocorria nesses lugares, como a Segunda Guerra Mundial, que foi um importante acontecimento que marcou o desabrochar dessa espiritualidade. Com o seu fim e os resultados catastróficos dos nacionalismos exacerbados, o mundo havia mudado:

“Estava criado o clima necessário para o surgimento de uma nova forma de paganismo, que resgatasse a tradição e o passado britânico, ainda que apoiado em suposições sobre este passado que eram escassamente comprováveis ou mesmo pouco lógicas. Novas identidades podiam se formar, uma vez que, como propõe Kathryn Woodward, em uma situação de mudança, fluidez e constante incerteza, é comum recorrer-se ao passado para a criação de uma identidade que proporcione alguma certeza. Esse passado, seja de uma nação ou de um grupo específico, serve como legitimação da afirmação da sua identidade, e é criado em contraste com o presente”. (DUARTE, 2013, p.21)

Dentro desse contexto, surge Gerald Gardner - o precursor da bruxaria como religião de fato. Em 1950<sup>22</sup> Gardner sistematizou todos esses saberes e fundou uma religião das bruxas: a Wicca. Por isso, ele ficou conhecido como o

---

<sup>22</sup> É importante ressaltar que foi nessa década que a última lei que criminaliza a prática de bruxaria foi extinta na Inglaterra



pai da bruxaria moderna. E, embora a bruxaria tenha sido objeto de estudos em diversos momentos do século XX, o surgimento da Wicca revolucionou sua história.

Tanto que já nos anos 1990 havia uma intensa publicidade em torno da ideia de que a bruxa não era mais a mulher feia e de que era possível ser uma boa bruxa - em oposição àquela imagem maligna. Filmes e séries sobre o tema foram produzidos por Hollywood, artistas e bandas lançavam músicas com essa temática; livros esotéricos e de fantasia eram escritos aos montes; e outros grupos que não o de Gardner começaram a surgir e a batalhar por espaço. Pessoas iam aos programas de televisão dos EUA se assumir e se afirmar como bruxas; uma variedade de material dos mais diversos tipos começou a ser divulgado; e, finalmente, a possibilidade de ser bruxa, além de ser real, era comercializada (OSÓRIO, 2005; DUARTE, 2013; RUSSELL, 2019).

Aqui no Brasil, esse florescer da bruxaria contemporânea aconteceu já no final do século XX, ancorado principalmente no desabrochar do movimento Nova Era e das produções cinematográficas. Mas, quando ela se estabelece aqui - 40 anos depois do borbulhar da Wicca na Inglaterra e nos EUA - outras possibilidades de se tornar bruxa, sem os parâmetros fixos de uma religião estruturada como a Wicca, que continha seus dogmas e código de ética e moral estabelecidos, estão desenvolvidas.

Se antes havia na Wicca um processo formal de iniciação para se tornar bruxa, as outras variadas formas de bruxaria contemporânea apresentavam um caminho de prática e espiritualidade bem mais amplo e autônomo. Era possível ser bruxa sem pertencer a uma religião. Desenvolveu-se uma espiritualidade menos estruturada e uma maneira de experienciar um caminho de fé mais livremente.

Ainda assim, a importância da Wicca para a história da bruxaria moderna é muito viva até os dias atuais. Dentro do contexto pesquisado, a Wicca se mostrou principalmente como a porta de entrada para a bruxaria. Muitos dos meus interlocutores não eram wiccanos, mas contam que seu início foi marcado por essa influência. Mateus, que foi uma das primeiras pessoas

que conheci por conta da pesquisa em bruxaria, ainda durante a monografia, no início se dizia wiccano, mas depois sua identificação mudou.

Ele e um outro estudante da UFRRJ criaram um grupo com o interesse de juntar wiccanos e praticantes de bruxaria dentro da Universidade. O intuito era criar um espaço para as pessoas se conhecerem, trocarem experiências e praticarem junto. Mas, os alunos que frequentavam eram majoritariamente de outras vertentes de bruxaria. Por isso, tão logo o grupo foi criado seu nome mudou para abarcar mais pessoas.

A maior parte dos alunos da UFRRJ que passaram a frequentar o Círculo Pagão também tinha relatos semelhantes ao do Mateus. Uma aluna de História, contou, certa vez, que quando criança gostava de Harry Potter e ficou curiosa em saber se as bruxas existiam mesmo. Ela foi até o computador da sua casa e pesquisou na internet “bruxas realmente existem?” e o resultado que encontrou foi um material voltado à Wicca. Depois ela foi se aprofundando e encontrando outras informações. Na época, ela era uma grande interessada na cultura celta, praticava bruxaria e parecia muito dedicada ao Tarô e Baralho Cigano. Passados alguns anos, hoje ela joga tarô profissionalmente e trabalha confeccionando sabonetes artesanais usando o conhecimento que adquiriu das plantas enquanto atuava como bruxa.

Quando viajei pela primeira vez para a Convenção de Bruxas e Magos de Paranapiacaba (SP), junto de um grupo que frequentava o Círculo de Brigantia (inclusive dando aula), nenhum dos integrantes desse grupo se dizia wiccano, mas todos pontuaram a sua importância enquanto pontapé inicial na bruxaria. O próprio Círculo de Brigantia se define como um Templo-Escola de Wicca e Bruxaria<sup>23</sup>, marcando a existência de uma separação entre ambas. O Via Paganus, enquanto espaço de estudos e práticas pagãs<sup>24</sup>, em seu curso Jornada de Bruxaria, aborda a Wicca como uma das primeiras bruxarias modernas:

“Como uma proposta de Estudo vamos conhecer as mais diversas vertentes e caminhos da Bruxaria, pois

---

<sup>23</sup> Essa informação está contida em todas as mídias sociais relacionadas ao curso.

<sup>24</sup> Como está definido em seu site oficial. Disponível em:

<https://www.viapaganus.com/copia-via-paganus?lang=pt> Acesso em 07/01/2021

estudaremos a sua história, as origens nas antigas práticas espirituais pagãs e como no decorrer da história humana a Bruxaria foi se construindo, passando pela época medieval, a caça às bruxas, o renascimento das práticas através da Wicca como uma das primeiras bruxarias modernas, e as demais vertentes e práticas que surgiram desde então até hoje. Assim praticaremos uma Bruxaria Eclética, sem fugir das bases da espiritualidade pagã.”<sup>25</sup>

A própria Universidade da Bruxa, em Santo André (SP), que organiza a Convenção de Bruxas e Magos em Paranapiacaba, oferta cursos de Wicca, mas não restringe a prática de bruxaria a essa religião. As aproximações e distâncias entre Wicca e Bruxaria moderna representam, portanto, um ponto que precisa ser percebido com atenção.

Muitas vezes, a Wicca é tratada como a religião das bruxas de fato, seja pela literatura esotérica do tema, seja pelos estudos acadêmicos. Isso se dá devido à facilidade de explicar a bruxaria moderna através do entendimento de uma religião das bruxas como a Wicca, que possui um “nascimento”. Mas tal escolha faz parecer que não existe outra forma de se relacionar religiosamente e espiritualmente com a bruxaria. Além disso, o acesso à Wicca é facilitado pela quantidade de livros sobre o tema. Existem muitos materiais e grupos virtuais voltados à prática e ao estudo e diversos cursos específicos sobre essas questões. É muito possível que alguém interessado em se tornar bruxo, ao buscar o tema na internet, encontre justamente esses materiais. Imagine uma pessoa leiga que “ouviu dizer” que a bruxaria existe e é uma religião que cultua a natureza e acredita em diversos deuses. Em suas buscas iniciais ela encontrará que a Wicca é a religião dessas bruxas e, até estudar mais profundamente, seguirá acreditando que é dessa forma que, exclusivamente, a bruxaria se organiza.

Notei que, no campo, existia um esforço por parte dos não wiccanos em se afirmarem como tais. Embora reconheçam a importância histórica de uma religião das bruxas, querem se desvincular dos estereótipos que foram construídos ao longo do tempo devido à exposição e publicidade constante sob a Wicca. Para essas pessoas, se tornou bastante negativo ser reconhecido

---

<sup>25</sup> Disponível em: <https://www.viapaganus.com/old-jornada-de-bruxaria> Acesso em 07/01/2021

como um praticante de Wicca. Isso apareceu de forma muito clara no grupo de estudos no qual participei.

A primeira aula era sobre a história da bruxaria. Temas como diferenças entre paganismo e neopaganismo, bruxaria moderna e bruxaria medieval, magia, feitiçaria e bruxaria estavam presentes. Mas havia um tópico especial que tomava metade das páginas do documento, no qual se dedicavam a falar sobre as diferenças sobre bruxaria moderna e Wicca. Inclusive eles adotaram o termo “bruxaria contemporânea” para evitar que se confunde bruxaria moderna com Wicca.

Na discussão dentro de um grupo do *Whatsapp* que antecede os encontros virtuais, os participantes perguntavam como as pessoas se identificavam - como bruxas, como wiccanas, como pagãs. A maior parte se dizia bruxa e pagã. E como justificativa de tal escolha estava o não pertencimento à Wicca por não construírem sua espiritualidade ao molde dessa religião e por não se identificarem com toda a liturgia proposta por ela.

## **2.5 - A Bruxaria Moderna no Brasil: o movimento Nova Era e as especificidades de uma bruxaria em território brasileiro**

Em 1970 a bruxaria contemporânea pagã encontrou no movimento Nova Era um ambiente muito fértil para a disseminação dos seus saberes e práticas. Ele proporcionou um espaço promissor para o desenvolvimento de espiritualidades, que, recorrendo a uma roupagem antiga ou se apresentando como uma prática antiga, desenvolveram-se confortavelmente dentro dos espaços urbanos do cotidiano (ALVES, 2011).

As espiritualidades agrupadas no termo Nova Era são religiosidades não-institucionais que se caracterizam como místicas ou esotéricas que “incluem desde a oferta de livros de autoajuda, passando por uma ampla gama de oráculos e sistemas divinatórios, rituais ocultistas, práticas corporais de inspiração oriental, até as terapias alternativas, juntamente com o consumo de produtos naturais” (MAGNANI, 2005, p. 220).

O movimento já foi considerado como uma religião pós-moderna por não ter uma hierarquia centralizadora, uma doutrina ou rituais unificados e se construir como uma bricolagem de livre escolha (MAGNANI, 2005). Ana Carolina Chizzoline Alves (2011) explica que a proposta era uma mudança na forma de vivenciar uma espiritualidade, mudança essa que significava também uma transformação na própria consciência humana:

“Mas como definir a Nova Era? Podemos defini-la como uma espiritualidade caleidoscópica. Ela sobrevive no trânsito religioso e nas muitas oportunidades de composição religiosa que o indivíduo pode dispor. Assim como um caleidoscópio, que cada sujeito olha e vê formas diferentes, assim são as nossas percepções sobre este fenômeno.” (ALVES, 2011, p.20)

As definições do movimento Nova Era elaboradas por Alves (2011) e por Magnani (2005) caberiam perfeitamente para se pensar também a bruxaria moderna.

“desprovido de uma hierarquia centralizadora, de uma doutrina apresentada como revelada e um corpo unificado de rituais, aparecia como uma imensa bricolagem, resultado da livre escolha e junção (regida apenas pela criatividade de cada participante e encerrada nos limites de sua individualidade) de elementos retirados, aleatoriamente, das mais diversas tradições e filosofias” (MAGNANI, 2005, p.220)

Tanto a Nova Era como a bruxaria moderna e o neopaganismo se desenvolvem lado a lado. Como afirma Bezerra (2012), características da pós-modernidade contribuíram para a expansão do neopaganismo. A globalização, a virtualidade, a desconstrução das identidades fixas são, para a pesquisadora, pontos que corroboram para a construção da identidade pagã. Com a identidade em crise e a decadência dos valores que sustentavam as instituições sociais ocidentais, o neopaganismo – e a bruxaria moderna que se encontra como parte desse movimento – passa a ser uma possibilidade para se pensar e para responder questões que envolvem o questionamento de Deus, do Ser, da Razão, da Totalidade da Ciência, da Família, do sujeito, da

sua consciência e produção.

Isso se verifica em outras espiritualidades compreendidas como pertencentes à Nova Era - movimento este que teria atingido a ciência, a moda, a literatura, o cinema, a estética, o lúdico e outras formas de arte. Em 1996, o jornal *Folha de S. Paulo* escrevia que a *New Age* teria garantido um mercado fiel na música ao longo dos anos 1990<sup>26</sup>. Ela então passou a ser considerada o berço das religiões esotéricas e místicas. Magnani (2005) explica que as práticas tidas como xamânicas e outras formas de espiritualidades não-convencionais eclodiram nos anos 1990 no Brasil e foram incorporadas de tal forma que passaram a ser praticadas com regularidade nos grandes centros urbanos. Nessa época, no Brasil, era comum encontrar carros com o adesivo escrito “eu acredito em duendes”, livros que tratavam da existência de fadas, gnomos e outros seres, filmes, séries e músicas que colaboram para toda essa construção no imaginário.

Diante disso, é possível concluir que, o grande impulsionador da possibilidade de se praticar a bruxaria moderna é, sobretudo no Brasil, o movimento Nova Era, que, por sua vez, encontra-se ancorado nas mudanças envolvendo o próprio campo das religiões e das identidades, antes marcadas pela tradição. Aparentemente, a modernidade seria um espaço destradicionalizante, sobretudo nos grandes centros urbanos, mas o que se vê, no que tange à religião, é que ao invés desse componente se desfazer, ele se mantém e se reinventa. A resposta que os neopagãos dão a toda essa crise de identidade, por exemplo, é baseada na construção de uma nova identidade que resgata antigos valores pagão e, portanto, tradicionais (BEZERRA, 2012). É possível nessa construção substituir o neopagão pela (o) bruxa (o). Entendendo que o segundo faz parte do primeiro, mas assumindo que a bruxaria tem suas singularidades, vemos esse misto de novos valores se misturando com crenças tradicionais.

Jungblut afirma que “a sobrevivência das cosmovisões religiosas estão longe de serem previsíveis” (JUNGBLUT, 2012, p.454) já que elas compõem aquilo que, na modernidade, deveria “corroer” por causa da secularização, da

---

<sup>26</sup> Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/2/10/ilustrada/7.html> Acesso em 15/03/2021.

laicidade e do desencantamento do mundo.

No Brasil, o campo religioso não só se desfez como se tornou muito mais plural. Os estudos sobre religião já apontavam que diversas tradições e práticas influenciaram o campo religioso do país – entre elas, influências europeias, africanas e dos povos indígenas brasileiros. Mas a modernidade intensifica o individualismo e a subjetividade no perfil brasileiro religioso (BURITY, 2001), o que faz com que o indivíduo possa vivenciar diversas experiências religiosas e tenha múltiplos contatos sagrados (ALMEIDA; MONTEIRO, 2001)<sup>27</sup>. Essa é uma mudança muito significativa quando se pensa em um país que por muito tempo estava acostumado a um monopólio católico (JUNGBLUT, 2012).

Outro fator importante é que a religião passou a ser vivida para além dos espaços institucionais, fazendo com que o mais importante fossem os sentidos e a eficácia simbólica para os próprios indivíduos (PORTELLA, 2006). Esse contexto possibilita o desenvolvimento de uma religiosidade própria:

“Se tal estabelecimento de um ‘cosmos sagrado’, de sentido ou eficácia para a vida estava, dantes, ancorado nas instituições religiosas, na Tradição, a Modernidade secularizadora, particularmente a contemporaneidade, reverte este quadro. Plausibilidades, legitimações do mundo e teodiceias me parecem cada vez menos elementos atrelados exclusivamente à regulação oficial de uma instituição na vida das pessoas. Os indivíduos até buscam nas tradições/instituições esses elementos, mas o fazem a partir da subjetividade de suas experiências, sem fidelidades a identidades fixas, ultrapassando fronteiras antes bem delimitadas e borrando-as”. (PORTELLA, 2006, p. 74).

Como as pessoas passaram a ter mais possibilidades de escolhas religiosas, não precisando estar fixamente atreladas a uma tradição/instituição, mas podendo se utilizar de elementos de várias tradições, é possível que

---

<sup>27</sup> Embora se compreenda que exista uma variedade de identificação cultural religiosa no nosso país, Karina Bezerra (2012) propõe uma interessante reflexão: “O que faz um sujeito se identificar, escolher e ingressar em um credo que aparentemente se encontra distante da sua realidade?” Pensando que a Wicca – pesquisada pela autora – e estendendo à bruxaria moderna, não são espiritualidades ancestrais no Brasil como o Cristianismo e outras formas de espiritismo: O que faz com que essas pessoas se identifiquem como tais e desenvolvam sentimentos de pertencimento?

escolham suas próprias referências e construam suas próprias relações com o sagrado de maneira individual e plural.

Além disso, o processo de racionalização secularizante da modernidade reorganizou de tal forma o cenário religioso que proporcionou uma forma de renovação do sagrado, no qual a sociedade passou a abrigar todas as religiões por não ser fundada sobre um princípio religioso que a organiza (STEIL, 2001) e onde indivíduo passou a poder optar, como um consumidor, por um ou mais produtos do mercado da fé:

“A tradição religiosa, que antigamente podia ser imposta pela autoridade, agora tem que ser *colocada no mercado*. Ela tem que ser “vendida” para uma clientela que não está mais obrigada a “comprar”. A situação pluralista é, acima de tudo, uma situação de mercado e as tradições religiosas tornam-se comodidades de consumo”. (BERGER, 1985, p.149)

A economia religiosa é muito semelhante a qualquer economia comercial - você tem os consumidores e os concorrentes que buscam servir aquele mercado de produtos (JUNGBLUT, 2012). Todo esse ambiente é muito propício ao desenvolvimento da bruxaria moderna. Ela é uma forma de espiritualidade que não depende de qualquer tipo de poder centralizado, não possui normas e regras fixas, não tem um livro sagrado que permeia suas práticas. Tudo na bruxaria parte do processo de construção do próprio indivíduo que, diante de uma infinidade de matérias de estudos, de sugestões de práticas, de cursos, de discussões, etc, faz suas próprias escolhas e arranjos. Desde a sua divulgação, na década de 1950, “anúncios são publicados em jornais e revistas com ofertas para divulgar os segredos da bruxaria e treinar novas bruxas (mediante honorários)” (RUSSEL; ALEXANDER, 2019, p.171).

Se os grupos religiosos precisam se organizar para conquistar seus consumidores (BERGER, 1985), a forma que a bruxa encontra de ganhar espaço nesse mercado é oferecendo o seu ofício porque sua prática facilmente aprendida e ensinada dentro desse mercado religioso. Entende-se que, apesar de ter contornos religiosos e envolver a crença no divino, o que a bruxa faz, em



sua grande maioria, é ofertar não a sua fé, mas seu trabalho. E é interessante pensar também que não é obrigatório que se seja bruxa para poder frequentar os cursos, as aulas e para ter acesso a todos os outros produtos disponíveis. As pessoas podem apenas beber desses saberes para construir suas próprias religiosidades. Não é preciso que mantenha uma relação de pertencimento à bruxaria.

Também é importante que se compreenda a internet como parte fundamental da expansão de uma espiritualidade que não é fixada e regulamentada por alguma Instituição. Ela quebra com os monopólios das grandes e tradicionais religiões e intensifica ainda mais essa relação de consumir e vender possibilidades de espiritualidades. No que tange à bruxaria moderna, ela possibilita um espaço onde é possível não só ler sobre o tema, mas também criar um conteúdo sobre sua própria prática e se relacionar com diferentes pessoas, trocando saberes sobre conhecimentos e práticas. Na internet:

"Todos que buscam religião são chamados a serem, ao mesmo tempo, artífices e desfrutadores, escritores e leitores, emissores e receptores, observadores e observados, produtores e consumidores de bens religiosos. Trata-se do melhor lugar do mundo para alguém se inteirar de tudo que precisa saber para tomar uma decisão, reforçar ou refutar uma posição, invalidar ou validar – autônoma ou mutuamente – uma percepção, um sentimento ou uma crença religiosa qualquer." (JUNGBLUT, 2012, p.463)

É como se nesse espaço tudo fosse potencialmente possível: "O que parece marcar indelevelmente o uso religioso individual da Internet é propensão à autonomia identitária e, muito comumente, a insubordinação a sistemas de crenças muito exclusivistas." (JUNGBLUT, 2012, p.464). Bezerra (2012) salienta que na internet a Wicca encontrou um caminho para se desenvolver sem a regulação de uma sociedade dominante.

Para a bruxaria e seu mercado, a internet também liga pessoas que estão distantes fisicamente - ela conecta saberes e vivências. Tal conexão só faz aumentar o alcance do processo de desmistificação da bruxaria que

começa no ambiente virtual, mas que se expande para fora dele.

## **2.6 - Bruxaria e Feminino**

Dentro de todo esse contexto, algo que se destaca é a forte relação que a bruxaria contemporânea estabelece com mulheres que buscam sentidos de sagrado no feminino. Há um ponto em comum entre diversas vertentes de bruxaria existentes hoje e, também, entre as acusações de bruxaria dos séculos passados: o feminino. Mesmo sabendo que a crença na bruxaria se apresenta de modo diverso em diferentes culturas, é comum que ela seja retratada como mais praticada por mulheres. Pode-se destacar que a semelhança entre as bruxarias africanas e as europeias era o fato de serem praticadas, quase que exclusivamente, por mulheres e, na maioria das vezes, idosas (ALEXANDER, RUSSELL, 2019).

Diante disso, parece ser de comum acordo entre os autores que o feminismo e bruxaria andem juntos - a história da caça às bruxas faz parte da história da misoginia e da ascensão do patriarcado. Feministas, ao se identificarem com as bruxas, fizeram da bruxaria também um símbolo de revolta (FEDERICI, 2019). Em paralelo, mulheres que primeiro passaram a se identificar como bruxas, ao "esbarrar" em seus estudos com pautas feministas, passaram a também construir uma relação de identificação com o movimento.

É importante ressaltar que, no primeiro caso, a identificação não necessariamente é religiosa. Trata-se mais de compreender que a perseguição, a tortura e a morte de centenas de milhares de mulheres foram causadas por uma estrutura de poder que as submetia a tais formas de dominação e controle. Esses episódios, embora possam não ser tão relevantes para a história dos homens do mesmo modo, com certeza estão no centro da história das mulheres. Quando nos damos conta da recorrência e da quantidade de acusações a mulheres na caça às bruxas chama a atenção o fato de que é um dos fenômenos menos estudados na história da Europa. Além disso, nas poucas vezes em que eram estudados, comumente eram tratados como episódios de loucura e até mesmo como uma epidemia (FEDERICI, 2019).

Durante o século XVII, havia um ditado francês que dizia que as mulheres eram como “um animal imperfeito, sem fé, sem lei, sem medo, sem consistência” (FEDERICI, 2019, p. 288). Silvia Federici vê na figura da bruxa o sujeito feminino que o capitalismo tratou de destruir. Essa bruxa não era simplesmente uma feiticeira, mas a mulher “herege, a curandeira, a esposa desobediente, a mulher que ousa viver só, a mulher *obeah* que envenenava a comida do senhor e incitava os escravos à rebelião” (FEDERICI, 2019, p.23)<sup>28</sup>.

Hoje existem em jogo duas dimensões: a acusação de ser bruxa recai de uma forma muito mais simbólica e cruel para as mulheres, sejam elas bruxas ou não, devido à construção hierárquica das relações de poder entre “feminino” e “masculino” na nossa sociedade; na bruxaria moderna, a forma como o feminino é retratado é justamente uma forma de rompimento com o patriarcado vigente.

Starhawk (1993), ao escrever para as bruxas, argumenta que as religiões manifestam, principalmente, um conceito de divino que é masculino - Deus, Buda, os profetas, gurus e pregadores são, predominantemente masculinos - dessa forma, ensina-se às mulheres que elas devem submissão ao homem. Também negam os corpos e as sexualidades femininas. Esse processo legitima as posições dos homens não só nesses espaços divinos, mas em todas as instituições sociais.

A bruxaria moderna é um modelo de religião e espiritualidade que se atenta ao feminino, colocando-o de forma central em seu culto. A figura de uma Grande Deusa presente na Wicca, por exemplo, envolve a crença de que, ao contrário de um Deus que governaria o mundo, ela seria o próprio mundo. De onde o próprio masculino vem. Por isso, masculino e feminino seriam

---

<sup>28</sup> Filósofa e escritora feminista, Silvia Federici discorre em seu livro, *Calibã e a Bruxa* (2019), sobre a relação entre o sistema capitalista e a caça às bruxas. Para ela, Marx deixou de lado o papel da caça às bruxas, evento tão importante quanto a colonização e a expropriação do campesinato europeu para o desenvolvimento do capitalismo. Sua perspectiva, portanto, é a de que a exploração feminina foi e ainda é necessária para a implantação e manutenção desse sistema. Capitalismo e patriarcado se valeram do controle do Estado sob os corpos das mulheres, principalmente sua capacidade reprodutiva e laboral. A caça às bruxas teria tido um papel importante no processo de transformar o corpo das mulheres em recursos econômicos porque tratou de aniquilar a participação e a resistência feminina que eram comuns em comunidades pelo mundo inteiro. É interessante lembrar que a caça às bruxas aconteceu no mundo inteiro, de diversas formas, não apenas na Europa. Então, ao queimar o corpo dessas mulheres, queimava-se também uma resistência ao Capitalismo.

manifestações do mesmo sagrado. A figura de uma grande Deusa e de outras tantas deusas abre espaços para experiências nas quais o poder é também feminino, não só masculino:

“A importância do símbolo da Deusa para as mulheres deve ser enfatizada. A imagem da deusa inspira as mulheres a se verem como divinas, seus corpos como sagrados, as faces de mudanças como sagradas, a agressividade como saudável, a raiva como purificadora e o poder para alimentar e criar, mas também de limitar e destruir quando necessário for, como a força em si que sustenta toda a vida. Através da Deusa, podemos descobrir a nossa força, iluminar as nossas mentes, os nossos corpos e celebrar as nossas emoções. Podemos ir além dos papéis limitados e forçados e nos tornarmos um todo.

A Deusa é, também, importante para os homens. A opressão dos homens em um patriarcado governado por Deus-Pai é, talvez, menos óbvia, mas não menos trágica que a das mulheres. Os homens são estimulados a se identificarem com um modelo a que nenhum ser humano pode, com sucesso, rivalizar: serem pequenos governantes de universos limitados. Eles vivem uma divisão interna, com um "espiritual" que, supostamente, busca dominar as suas naturezas emocionais e animais mais primárias. Lutam consigo: no Ocidente, para "dominar" o pecado; no Oriente, para "dominar" o desejo ou o ego. Poucos escapam desses embates sem prejuízos. Os homens perdem contato com os seus sentimentos e corpos, transformando-se nos "apáticos homens bem-sucedidos"”. (STARHAWK, 1993, p.26-27)

Ao olhar para as religiões cristãs, por exemplo, temos a criação do mundo marcadamente masculina e um papel secundário atribuído à mulher<sup>29</sup>. Mesmo que se defenda a grandiosidade do papel de Maria, mãe de Jesus, na história, há de se considerar que a ela são atribuídas virtudes por ser virgem. Oprime-se assim a sexualidade da mulher. Na bruxaria, o corpo feminino e seus desejos sexuais são naturais e a própria natureza é compreendida como sagrada. Tal espiritualidade modifica a relação com o

---

<sup>29</sup> Por exemplo, na Igreja Católica mulheres não podem exercer o sacerdócio.

corpo, com o lugar que se ocupa e com o que é considerado sagrado.

De forma geral, mas mais especificamente na Wicca, entende-se que todas as mulheres seriam parte da Deusa (essa que representa um princípio feminino, dizem que ela “é de onde tudo veio e para onde tudo vai”). Uma Deusa que gera o mundo (e em algumas mitologias ela mesma gera o masculino de si) rompe com a lógica, muitas vezes inconsciente, de que o masculino predomina porque ele próprio é a potência criadora. Isso é extremamente forte emocionalmente quando se é mulher, ressignifica seu próprio papel social.

Osório (2004) e Bezerra (2012) esclarecem que os atributos femininos exaltados, embora sejam os mesmos para as sociedades marcadas pela dominação masculina, passam a possuir um valor positivo. A maternidade, o ciclo menstrual e o envelhecimento são ressignificados a todo instante que é trazida a imagem de um feminino que é sagrado, que possui ciclos alinhados à natureza e que possui um corpo que precisa ser liberto.

Dentro do campo vivenciei experiências muito profundas justamente por ser mulher e entrar em contato com essa perspectiva de um feminino que é absolutamente sagrado e divino. Em especial, quando participei do grupo de estudos sobre o Sagrado Feminino no final de 2020. Ele era composto por

18 mulheres que tinham entre 20 e 50 anos. Todas elas moradoras do Sudeste, principalmente de São Paulo. A dinâmica de funcionamento desse grupo era completamente *online* devido à quarentena. Semanalmente eram disponibilizados textos, sugestões de filmes, poesias, músicas, documentários e atividades práticas para serem feitas. Quinzenalmente aconteciam encontros via plataforma *Zoom*, onde nós nos “encontrávamos” e conversávamos sobre os aprendizados, as experiências e as angústias de ser mulher.

Tal grupo era coordenado por duas mulheres – uma, bruxa; a outra, psicóloga<sup>30</sup>. No primeiro encontro todas nós apresentamos seguindo um critério: devíamos falar quem éramos a partir da nossa linhagem materna,

---

<sup>30</sup> Esta não se apresentava como bruxa, mas era assumidamente politeísta.

remetendo à memória familiar e aos elos de pertencimento. Com um fio vermelho nas mãos, dávamos voltas no pulso toda vez que falávamos de alguma ancestral, enquanto entoávamos: “Eu sou... Filha de... Que é filha de... Que é filha de... Que é filha da Mãe da Terra. Eu sou... Que é mãe de... Que é mãe de... Eu sou... Avó das gerações futuras”.

O momento da apresentação e os encontros que se seguiram me marcaram profundamente. Pessoalmente, eu refletia sobre todas as potencialidades de ser mulher. Aprendi sobre meu corpo, dividi angústias que descobri serem semelhantes, encontrei colo e confiança. Tudo isso porque éramos mulheres, reunidas por sermos mulheres.

A bruxa povoa sua prática e seus mitos com deusas, que podem inspirar diversos arquétipos para as mulheres. Essas deusas são honradas e, nesse sentido, o próprio feminino também o é. Ao buscar afinidades e estabelecer relações com divindades mulheres, também se constrói relações de afeto e respeito com as outras partes que contém o feminino - seus corpos, outras mulheres. Esse processo acontece também com homens, que passam a ser críticos com relação às suas próprias atitudes machistas e passam a desconstruir o estereótipo de dominação e violência que foram ensinados a perseguir.

## **CAPÍTULO 3 - O ofício da bruxa**

### **3.1 - Desvendando a arte da bruxa**

Fazer bruxaria, fazer feitiçaria e fazer magia apareciam no campo como sinônimos. A diferenciação entre elas surgia com os termos “bruxaria moderna” e “feitiçaria”, marcando uma separação entre ambas. “Bruxaria moderna” era usado para demarcar um conjunto de práticas e de crenças. Ela conteria em si a feitiçaria - que seria a prática. Já a feitiçaria teria uma característica mais operacional. Por isso, nesse sentido, realizar um ato mágico seria fazer feitiçaria. Alexander e Russell destacam:

“A feitiçaria ocorre em quase todas as sociedades do mundo. É também o mais antigo e o mais profundo elemento no conceito histórico da bruxaria européia, a qual se formou a partir da religião pagã, do folclore, da heresia cristã e da teologia.

Tal como acontece com todas as formas de magia, a feitiçaria baseia-se na pressuposição de que o cosmo é um todo e de que, portanto, existem ligações ocultas entre todos os fenômenos naturais. O feiticeiro tenta, por meio do seu conhecimento e poder, controlar ou, pelo menos, influenciar essas ligações a fim de produzir os resultados práticos que deseja.

A feitiçaria mais simples consiste no desempenho mecânico de uma ação física a fim de produzir uma outra: atar um nó numa corda e colocá-lo debaixo de uma cama para causar impotência; consumir relações sexuais num campo lavrado para aumentar a colheita; espetar alfinetes numa imagem para causar dor ou grandes danos. O significado de uma dada ação varia entre sociedades: espetar alfinetes na imagem de uma divindade, por exemplo, pode ter o objetivo não de causar dano a alguém, mas, pelo contrário, de liberar o poder da deidade.” (ALEXANDER; RUSSELL, 2019, p.47)

A feitiçaria seria a prática que não se vincula exclusivamente à religiosidade e que pode estar presente em várias religiões. Uma ação com um determinado fim: acender uma vela para que, simbolicamente, haja luz no caminho até um objetivo ou para afastar maus espíritos, tomar um banho de sal grosso para afastar energias negativas ou de rosas para atrair o amor, cortar um fio como forma de cortar algo em sua própria vida ou dar um nó como uma maneira de assegurar que algo está amarrado ao seu destino. De forma mais complexa, é possível citar rituais mais elaborados, feituas que levam mais tempo. Mas todas essas são ações simbólicas e físicas que se realizam para que outras se concretizem.

Dentro do que encontrei em campo, observei que, quando uma bruxa está limpando sua casa fisicamente, ela limpa também de energias maléficas o espaço e sua família. Formas de magia imitativa e magia contagiosa (FRAZER, 1982) são acionadas constantemente: quando o fogo é usado como metáfora para paixão, espírito e poder; quando um boneco é feito para representar a si mesmo ou outra pessoa e se adiciona a ele o que se deseja atrair; quando fios de cabelo, sangue e unhas são usados para representar as pessoas às quais pertenciam.

A bruxaria, como meio de produzir ações mágicas, não só se limita ao campo da crença. Frazer [1890] (1982) já pressupunha que os atos mágicos visavam um fim e que existia uma relação de causa e efeito<sup>31</sup>. Por isso, havia uma preocupação em delimitar como seria o desenrolar das suas ações mágicas na vida cotidiana. Ao fazer um feitiço para encontrar o emprego ideal não bastava apenas executá-lo, era necessário que a pessoa também se empenhasse em procurar oportunidades. E que também determinasse o caminho através do qual o objetivo se realizaria.

Imagine a seguinte situação: uma bruxa deseja ficar rica e faz um feitiço para isso; semanas depois seu pai morre deixando-lhe uma herança. O propósito foi alcançado, mas a que custo? Entre as bruxas que conversei sempre havia a preocupação de sobre como seria o desenrolar das coisas.

---

<sup>31</sup> Embora Frazer trate de uma aproximação entre a ciência e a magia por ambas reconhecerem as leis de causalidade, ele deixa claro que a magia seria uma forma de ciência infantil, não baseada nas suposições empíricas.



Primeiro, para garantir a eficácia do feitiço, que precisa estar alinhado ao funcionamento do mundo e às possibilidades reais dos desejos acontecerem. Segundo, para ter certeza de que o resultado viria de uma forma boa, sem que seja preciso perder pessoas no caminho, como no exemplo.

No entanto, Mauss e Hubert [1904] (2003) vão afirmar que é difícil assimilar a magia às ciências, pois ela possui uma autoridade que faz com que a experiência, mesmo que contrária, não abale a crença: “A magia, como a religião, é um bloco, nela se crê ou não se crê” (MAUSS; HUBERT, 2003, p. 126). Se tivéssemos em nosso vocabulário, tal como os melanésios, a palavra *mana* (MAUSS; HUBERT, 2003) talvez fosse mais fácil tratar destas aproximações e distâncias. Isso porque, na prática, a palavra bruxaria quer dizer muita coisa. Ela remete a feitiço, a ofício, a magia, a poder, sobrenatural, ao espírito, a encantamento. No entanto, tal como *mana* a bruxaria é uma ideia que também acreditamos ter-nos livrado enquanto ocidentais civilizados.

“A magia ultrapassa qualquer versão dessa narrativa épica. E é precisamente por isso que as bruxas neopagãs chamam de “magia” o ofício ao qual se dedicam: nomeá-lo dessa forma, dizem elas, é em si um ato de magia, já que o desconforto que ele cria nos ajuda a perceber a fumaça pairando nas nossas narinas. Mais do que isso: elas aprenderam a lançar círculos e a invocar a Deusa – Ela que, dizem as bruxas, “retorna”, Ela a quem se deve agradecer pelo acontecimento que as torna capazes de fazer o que chamam de “trabalho da Deusa”.

Ao fazê-lo, elas nos colocam à prova! Como aceitar a regressão ou a conversão a crenças sobrenaturais? A questão aqui, contudo, não é nos perguntarmos se devemos “aceitar” a Deusa que as bruxas contemporâneas invocam em seus rituais. Se disséssemos: “Mas a sua Deusa é apenas uma ficção”, sem dúvida elas sorririam e perguntariam se somos daquelas pessoas que acreditam que a ficção não tem poder.

O que as bruxas nos desafiam a aceitar é a possibilidade de abrir mão de critérios que julgam transcender os agenciamentos, e que reforçam, por repetidas vezes, a narrativa épica da razão crítica.” (STENGERS, 2017, p.13)

A linguagem da magia não é científica e isso causa estranhamento a aqueles que só estão acostumados a pensar e a experienciar o mundo através de um paradigma científico. Scott Cunningham (1997), praticante e importante escritor de Wicca, sugere que pessoas praticarem magia não deveria ser algo surpreendente:

"a magia se baseia inteiramente na capacidade de exercer influência sobre nosso meio [...]. a magia pode, e deveria, ser utilizada em nossa rotina para obter mais uma vida melhor! Cada um de nós recebeu mente e corpo, e certamente temos uma obrigação espiritual de usar completamente esses maravilhosos dons. Mente e corpo atuam em conjunto, e a magia é apenas a extensão dessa interação em dimensões que ultrapassam os limites normalmente concebidos. Eis o porquê de associarmos o "sobrenatural" aos domínios da magia [...]. A magia prática está relacionada à Arte de viver bem em harmonia com a natureza, com a magia da terra, com as coisas da terra, as estações e os ciclos, e aquilo que fazemos com as mãos e com a mente". (CUNNINGHAM, 1997, p.10)

Mais adiante ele afirma:

"a magia é a prática de utilizar energias naturais ainda que pouco compreendidas para efetuar mudanças necessárias [...]. Outro ponto fundamental: a magia não é um meio de forçar a natureza a fazer aquilo que deseja. Esta é uma noção completamente equivocada, gerada pela crença de que a magia é algo de certo modo sobrenatural, como se algo que existe pudesse estar de fora da natureza. *Magia é natural.*" (CUNNINGHAM, 1997, p.24-25)

Cunningham chama atenção para um fato que só é relevante para quem não é praticante de bruxaria: a necessidade de tentar explicá-la através de parâmetros científicos quando ela não fala essa linguagem. A magia e, portanto, a prática de bruxaria, é para o bruxo um processo natural que ainda não foi totalmente compreendido pela ciência, mas que nem por isso vai deixar de existir. Não interessa tanto à bruxa a rigidez de uma racionalidade exacerbada e uma ciência que nega sua existência através de uma narrativa

em que defende que a crença na bruxaria e na magia é algum tipo de retrocesso.

### **3.2 - Tirando do centro a religião**

A bruxaria moderna contemporânea se desenvolveu como uma espiritualidade, como mostra sua história. O seu caráter religioso é baseado na relação que seus praticantes constroem com os deuses, com os espíritos - dos mortos, dos animais, das coisas - e com tudo que é entendido como divino, sobrenatural, do campo da fé, da crença e do sentido. Porém, o campo demonstrou que a sua consolidação e expansão se deu devido ao seu caráter de ofício.

Tanto Frazer [1890] (1982) como Mauss e Hubert [1904] (2003) pensavam no surgimento da religião como posterior ao pensamento mágico - que percebia uma realidade possível de ser remodelada a partir da aplicação de uma ação mágica. A religião é o componente que tira esse poder da mão do homem e coloca-o nas mãos dos deuses e em outras forças que estariam acima dos homens e que teriam poder real sobre o mundo:

“O homem, que havia inicialmente, sem hesitação, objetificando suas ideias e seus modos de associá-las, que imaginava criar as coisas assim como sugeria a si mesmo pensamentos, que se acreditara senhor das forças naturais assim como era senhor de seus gestos, acabou por perceber que o mundo lhe resistia; imediatamente, dotou-o das forças misteriosas que se arrogara para si mesmo; depois de ter sido deus, povoou o mundo de deuses.”(HUBERT; MAUSS, 2003, p.51)

O que a bruxaria moderna faz é reorganizar esses lugares. Não há uma linearidade e tanto a ação mágica como a crença no poder dos deuses podem ser articuladas de diversas formas. Quando a bruxa coloca a sua prática na posição de ofício, ela atribui um importante peso às suas próprias ações. A realização de um propósito através de ofício só acontece se este for concretizado, não ficando apenas no plano das ideias.

É importante pontuar que, como um conceito nativo, a ideia de ofício aparece muito mais nas falas dos interlocutores que são praticantes de bruxaria e, por isso, sem uma definição rígida. Essa ideia está se construindo, tal como o campo que é relativamente novo e encontra-se em constante transformação. As interpretações e delimitações que trago, portanto, são fruto de um trabalho etnográfico dedicado a perseguir algumas pistas menos óbvias, mas que dão forma a uma possível interpretação do que seria um praticante de bruxaria hoje.

Entender a bruxaria como ofício é tirar a centralidade do culto às divindades e trazer ao centro o sujeito - com suas habilidades, saberes e potencialidades. Dessa forma, os deuses, deixam de ocupar lugares superiores e distantes para se tornarem colaboradores, que podem ou não ser convocados. Isso acontece porque a bruxaria moderna requer do bruxo algo além de acreditar nela e nos deuses: ela requer prática e que se faça algo, de fato.

A prática em si, embora esteja muito relacionada com os elementos da crença e da fé, pode se deslocar para ser ensinada e aprendida de forma isolada. É como uma separação didática que vai permitir que o campo se expanda: desloca-se o componente divino do lugar central porque ele pode gerar muitos atritos e divisões. E, em contraposição, aciona-se os elementos práticos que podem ser compartilhados.

A principal troca entre as pessoas não seria sobre os deuses, as mitologias e as particularidades de cada vertente. É sim sobre as técnicas, os métodos e todos os conhecimentos que, de forma prática, podem ser acionados para se fazer um feitiço, um ritual ou ainda uma celebração. Independentemente do tipo de fé que uma pessoa bruxa tenha e de onde esteja localizada sua parte devocional - se e nos deuses, nas forças da natureza ou na sua própria energia -, ela interage com outras bruxas principalmente através da troca de saberes e de experiências sobre os seus ofícios, seus afazeres mágicos.

Cabe aqui, portanto, a observação de Mauss e Hubert acerca das contrariedades da magia, pois seus elementos e representações são coletivos.

Mas, ainda sim, ela é retratada como “praticada por indivíduos, isolada, misteriosa e furtiva, dispersa e fragmentada, enfim, arbitrária e facultativa (...). Como conceber a ideia de um fenômeno coletivo em que os indivíduos ficassem perfeitamente independentes uns dos outros?” (HUBERT; MAUSS, 2003, p. 124). Os autores respondem a tal questão afirmando que a magia, em si, seria um fenômeno social, ora se aproximando, ora se afastando de outros fenômenos, como das ciências e da religião.

Essa é uma questão bastante paradoxal, na medida em que apresenta a bruxaria como uma nova espiritualidade que vai se construindo. A bruxaria moderna se populariza sobre a alcunha de “religião das bruxas”. Apesar disso, o que borbulha dentro do seu caldeirão é uma série de práticas, de métodos, de formas de fazer e de conhecimentos, com uma generosa pitada de fé - que pode ser nos deuses, nos espíritos e/ou em uma própria capacidade do ser humano de criar e transformar.

Nesse sentido, o ingrediente da fé, embora presente para muitas pessoas, não seria obrigatório e quando estivesse presente seria o último a ser adicionado. Ele está muito ligado à subjetividade de cada grupo ou pessoa e é parte de uma narrativa particular. Já a parafernália, a organização, o modo de fazer, esses são compartilhados e construídos à medida que se conhece e se troca sobre bruxaria – a partir de livros ou com outras bruxas, fisicamente ou virtualmente.

Para entender mais a fundo a bruxaria moderna é preciso compreender que existem duas dimensões do ofício, seja ele qual for: a técnica e a ocupação. A técnica pode ser compreendida como um conjunto de procedimentos e formas de realizar um determinado ato. Envolve um tipo de habilidade e de destreza. Tal como um dançarino que possui movimentos específicos dentro da dança ou um pintor que tem uma forma específica de dar pinceladas sobre a tela. A ocupação refere-se à qualidade de tornar-se um trabalho, uma profissão e ser executada como um serviço. A bruxa pode exercer ambas ou apenas uma dessas dimensões.

Quando olho o campo da bruxaria moderna percebo que o que se refere à técnica, na verdade, reúne um conjunto de métodos, de formas de fazer, de

usos de materiais e de saberes que são acionados quando se deseja realizar uma ação mágica. Tal ato não é dependente da crença nos deuses e nos espíritos, embora apareçam quase sempre entrelaçados.

Por fim, enquanto ocupação, a característica de ofício da bruxaria moderna contemporânea possibilitou, de forma crescente, que ser bruxa fosse também um trabalho. Embora possamos traçar aproximações com as atividades das benzedadeiras, curandeiras, cartomantes e mães/pais de santo em relação às técnicas, aqui se destacam homens e mulheres que oferecem serviços - na maior parte das vezes remunerados -, sob a alcunha de bruxos.

Pessoas que individualmente oferecem serviços de previsão do futuro, de limpeza de ambientes, de realização de feitiços - de prosperidade, de amor, de cura -, leitura de mapa astral, de consultoria; que realizam cursos e palestras. Mas, também, pessoas que formam escolas de bruxaria, que ensinam as técnicas para turmas pequenas, mas também para turmas de vinte pessoas. Outras se concentram em comercializar os materiais e instrumentos que são utilizados por bruxas. Abrem lojas, organizam grandes feiras. Por isso que a bruxaria moderna, ao se consolidar como ofício, pode se expandir para espaços além daqueles alcançados enquanto espiritualidade.

### **3.3 - A técnica**

Como técnica, a bruxa possui algumas maneiras de realizar uma ação mágica. Este fazer, que constrói a prática, é parecido com um artesanato por ser um trabalho manual que serve a um propósito. Se você pode, através de ponto a ponto do crochê, fazer uma colcha, a bruxa pode, com suas velas e ervas, realizar um feitiço que lhe traga um emprego. Para Mauss e Hubert (2003):

“A magia é essencialmente uma arte do fazer, e os mágicos utilizaram com cuidado seu *savoir-faire*, sua destreza, sua habilidade manual. Ela é o domínio da produção pura, *ex-nihilo*; faz com palavras e gestos o que as técnicas fazem com trabalho”. (MAUSS; HUBERT, 2003, p.174)

Existe um certo conjunto de procedimentos que, de maneira quase homogênea, é acionado quando se é bruxa(o): acender uma vela, queimar um pedido, banhar-se com ervas, cortar ou atar um fio e fazer do pensamento uma oração, fazer oferendas, usar oráculos.

Mateus, sempre que se encontrava em uma situação difícil, acendia uma vela e fazia ali um pedido. Vinicius, diferentemente, sempre tomava um banho de ervas, de arruda principalmente. Ele sempre dizia que era bom tomar um banho com a erva abre-caminho para garantir, justamente, a abertura dos caminhos. Wagner, durante uma palestra, ensinou fazer um feitiço para se realizar sonhos: para cada desejo, um nó em um fio; depois seguia-se a parte espiritual, fazer uma oferenda aos deuses de seu agrado - especialmente aqueles ligados ao destino -, entregar a eles uma oferenda e então o pedido. O fio significava a própria linha da vida; o nó, o ponto de intervenção divina, o desejo.

Num grupo sobre o feminino que frequentei, Petrucia Finkler pediu para separarmos uma bacia de água para lavarmos as mãos. À medida que íamos realizando essa ação falávamos, em voz alta, aquilo que queríamos “limpar” em nós mesmas. Nesse caso, as falas eram sobre dor, tristeza, submissão, dominação, rejeição. Muitas vezes, sentimentos oriundos da relação com homens. Além disso, eu ouvi várias vezes sobre a importância de, durante um feitiço ou ritual, verbalizar aquilo que se desejava. Era uma forma de dizer ao universo, aos deuses, aos espíritos - ou o que quer que fosse naquela ocasião um intermediário da realização - aquilo que realmente se desejava. Escrever, cantar e dançar também eram possibilidades. Era necessário colocar para fora aquilo que estava dentro e que se desejava transformar.

Essas diversas ações eram repletas de sentidos. E, por simbolizarem algo, elas não eram aleatórias. Ao contrário, eram determinadas e escolhidas pelo que representavam. Essas ações simples, com o tempo, podiam ser complexificadas. A vela podia ser untada com óleo de uma flor. E a forma como se unta a vela corrobora para a feitura do feitiço que será realizado.

Apreendi isso primeiro com Kefron, depois eu vi Victor e Wagner falando sobre esses aspectos. Todos eles ensinavam essas coisas em suas redes

sociais. Mas também ouvi sobre isso diversas vezes em conversas menos formais. A ideia era que, ao untar a vela com movimentos específicos, você estaria atraindo ou afastando algo. Se o intuito era atrair a prosperidade, deveria fazer o movimento do pavio em direção à base. Imagine uma vela sendo consumida pelo fogo - à medida que a cera derrete, mais energia de prosperidade será atraída. Para o contrário, unta-se a vela da base até o pavio, trazendo a ideia de algo que vai saindo, que parte, que se extingue na medida que é consumido pelo fogo.

Raphael Kakuzo, um bruxo que eu conheci através do Via Paganus, costumava dar cursos de forma presencial e online, em parceria com a escola. Em um vídeo no canal do *Youtube* ele trata da prática de “Glamour mágico” que é muito recorrente entre os bruxos (as). Segundo Raphael,

“É uma técnica importantíssima quando necessitamos criar um ambiente mais favorável (...). O Glamour mágico trabalha nosso magnetismo pessoal. Conhecer as técnicas, entender a forma que ele atua no nosso cotidiano e no nosso campo energético faz com que nosso magnetismo seja moldado da maneira que a gente necessita para a gente passar a imagem que a gente precisa naquele momento. Seja para trabalho ou seja para nossa vida social como em uma apresentação.”<sup>32</sup>

Nessa fala fica clara a concepção de que tais práticas de magia são uma espécie de técnicas a serem desenvolvidas e aperfeiçoadas. E elas são ensinadas exatamente dessa forma. Mateus, como um comunicador sobre bruxaria em suas redes sociais, possui também um canal no *Youtube* onde aborda diversos temas relacionados à parte religiosa e prática. Em um deles, faz uma lista bastante didática sobre “5 coisas que te fazem bruxa”. Seriam elas: autodenominação, posicionamento político, conhecimento da história, não necessidade de iniciação<sup>33</sup> e prática.

“Pessoal, não adianta a gente se dizer bruxo se a gente lê

---

<sup>32</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ngd2YqfpmhE> . Acesso em 16/04/2021

<sup>33</sup> Aqui Mateus faz uma referência a Wicca, que tem como um dos pilares da sua religião o ritual de iniciação aos seus mistérios. Na bruxaria contemporânea no geral esse tipo de ritual não existe em muitas vertentes. Algumas tradições optam por manter alguns ritos de passagem. Mas aqui se destaca a não necessidade de fazê-los.



um livro e nada mais, né? A bruxaria requer prática, porque ela é um conhecimento<sup>34</sup>. A bruxaria não é uma religião somente. Ela é uma gama de conhecimentos que requer ação, que requer testes, que requer você coloque a mão na massa, que você vivencie esse êxtase, que você desenvolva qual é a sua prática - para o que que você tem mão, pra o que que você não tem mão? Então, sim! Mais do que você ter fé, mais do que você ter um culto pagão a certos deuses sem querer se envolver com prática, a bruxaria, em si, ela é uma prática. Ela requer que a gente mergulhe nessas práticas, que a gente teste, que a gente vivencie elas no nosso dia a dia.”

Nesse contexto, a prática é o ofício da bruxa, pois requer o ato de fazer algo. Para além de puramente acreditar, é necessária uma técnica de trabalho manual que precisa de treino, dedicação e experimentação. É a base do que é trocado entre bruxas de diferentes vertentes e com caminhos individuais dentro da bruxaria. Rosea Bellator se identifica como uma bruxa e taróloga. Eu a conheci apenas através de seu *blog* chamado de “Oficina das Bruxas”. Na sua página da internet, ela escreve sobre variados temas dentro da bruxaria - desde o que é ser bruxa até o passo a passo de rituais. Para ela, bruxaria é

“fazer um chazinho ou esfregar aquela erva de curar machucado. Bruxaria é sentir, transformar. A bruxaria é um ofício. São atividades, uma mistura de sentir, dons, estudos sobre a energia (...). A bruxaria não tem regras definidas por algum humano, mas pela própria Natureza. Nós apenas estudamos e trabalhamos, cada um da sua forma e concepção.”<sup>35</sup>

Aqui, Rosea marca a presença da palavra ofício. Mas acrescenta a ela uma complexidade, por não se tratar apenas de atividades mecânicas, já que exigiria algo do “sentir”. Por isso, eu percebo as atividades da bruxa como muito semelhantes ao ofício de um artesão que, além da destreza com as mãos, precisa de uma sensibilidade para criar as peças. Não basta saber moldar a matéria-prima, é necessário combinar as cores, os cheiros, as

---

<sup>34</sup> Nesse ponto, Mateus destaca que o conhecimento é desenvolvido com prática. Ou seja, apenas errando, acertando e testando que poderá chegar a construção do saber.

<sup>35</sup> Disponível em <https://oficinadasbruxas.com/a-arte-da-bruxaria-parte-2/>. Acesso em 15/04/2021. Alguns dos outros textos da escritora foram intitulados: “Bruxaria é religião?”; “Quem é o bruxo?”; “O que é magia”; “Os ingredientes das bruxas”; e “As artes divinatórias”.

texturas.

A bruxa precisa combinar as ervas, os incensos, a intensidade do fogo, os sons e as palavras proferidas. Às vezes, ela também combina as cores e as linhas. E as regras, como apontou Rosea, são oriundas e definidas pela própria natureza. Em vários eventos em que estive ouvi sobre os feitiços imitarem a natureza. Pessoalmente, gosto muito da explicação que ouvi de Wagner Périco, em uma palestra na Convenção de Bruxas, quando ele dizia que alguns insetos se sentem atraídos pelo aroma de algumas flores. Reproduzimos isso quando usamos um perfume específico para atrair alguém especial. E a bruxa refaz esse próprio movimento quando usa certos aromas em seus feitiços com a intenção de atrair ou afastar algo.

Pegue uma vela, unte-a com aroma de rosas do pavio para a base, embaixo dela escreva o nome da pessoa desejada e então clame aos deuses para que aquele desejo, representado por todos aqueles elementos, se realize. Se não der certo, faça em outro dia, em outra lua, com outra cor de vela. Acrescente outros elementos - pedras, fotos, cabelos. Peça mais alto. Tal como uma abelha é atraída pela flor, busca-se atrair a pessoa por meio desses rituais.

À luz de Frazer (1982) é possível, mais uma vez, pensar sobre os dois tipos gerais de magia - a magia imitativa (homeopática) e a magia simpática (contagiosa). A primeira contém em si o princípio da similaridade, no qual imitam-se os atos que se deseja que ocorram. A outra relaciona tudo o que se faz a um objeto à pessoa à qual pertence ou com quem tem ligação. Percebe-se, no decorrer dessas técnicas, como essas ideias estão imbricadas. Ainda que o pensamento de Frazer (1982) seja considerado ultrapassado do meio científico por novos conhecimentos, como autor clássico no estudo da magia ele é também lido por algumas pessoas que são bruxas e que desejam ir além em seus estudos, aprofundando assim seus conhecimentos sobre a própria história acadêmica da magia.

Álex, um bruxo com quem conversei para a gravação do *podcast*, usou um termo muito interessante para explicar como a dedicação à parte prática aparece para a bruxa. Ele disse que todas as praticantes de bruxaria deveriam ter sua “*witch hour*”, que poderia ser uma hora do dia ou da semana separada

para que pudessem ser feitos os seus afazeres de bruxas. Esse momento não seria destinado ao estudo, mas às ações que precisam ser realizadas: fazer os feitiços, cuidar dos objetos, usar seus métodos oraculares, limpar a casa energeticamente, tomar seus banhos de ervas, fazer suas orações, limpar seu altar e seja lá o que mais for que exija algo para além de um esforço intelectual. Uma outra prática que estava bem presente era o ato de realizar oferendas. Todos que eu conheci no campo, sem exceção, faziam oferendas - aos seus deuses, aos espíritos da natureza e aos seus antepassados. A forma com que faziam e a frequência variavam, mas era uma prática muito presente. Destaco-a como uma parte do ofício e não apenas da parte espiritual por ela estar contida em muitos feitiços feitos e por ser uma parte do cotidiano das bruxas, da essência em fazer bruxaria quando se pede o auxílio dos deuses e outros espíritos.

Dar oferendas era como dar presentes. Não porque as suas divindades precisassem daquilo, mas era uma prática importante. Ela remetia à gratidão, ao afeto e à necessidade de chamar a atenção daquelas forças. O poeta grego Eurípedes acentua: "Dizem que presentes persuadem até os deuses". Dar, receber e retribuir (MAUSS, [1925] 2003) aparece como modelo de troca básica, reafirmando o caráter universal da dádiva<sup>36</sup>. Esses movimentos nem sempre eram conscientes. No primeiro evento do qual participei no Rio de Janeiro, Wagner ensinou um feitiço para se obter o que se deseja no prazo de 30 anos: são necessários três fios de lã negra. Cada um deles deve ser entregue, junto a uma oferenda de mel e cerveja, para cada uma das Nornes - divindades nórdicas ligadas ao presente, passado e futuro - pedindo que elas deem o que você deseja se você se mostrar merecedor. Depois da entrega e do pedido feito, junta-se os três fios e para cada desejo faz-se um nó. A relação da dádiva está contida pois existe a oferenda aos deuses (dar), a realização dos desejos (receber), mas apenas se você se mostra digno através dos seus atos (retribuir).

---

<sup>36</sup> Ao comparar diferentes sistemas de dádivas na Polinésia, Melanésia e Noroeste Americano, Marcel Mauss percebe que há algo que regula todas essas trocas, envolvendo o ato de dar, receber e retribuir. Sendo assim, ele demonstra que é um fenômeno universal que ultrapassa a esfera econômica. Os objetos trocados não são apenas coisas. Eles representam pessoas, almas e intenções. Em jogo, além do material, está a honra e o prestígio.

Por último, abordo um importante meio utilizado pelas bruxas para sua prática, o uso de oráculos - que são meios através dos quais pode-se comunicar com os deuses e, também, saber o futuro. Um dos oráculos mais conhecidos e mais usados é o Tarô, um baralho de 78 cartas entre os Arcanos Maiores e os Arcanos Menores. Além deles, encontrei no campo com frequência pessoas que faziam uso de baralho cigano, um outro formato de baralho que conta com 36 cartas; runas nórdicas, pedras que contém símbolos ligados ao antigo alfabeto nórdico; *ogham*, um sistema de escrita céltico que era normalmente entalhado em pequenos gravetos de madeira.

Popularmente, a consulta com o oráculo é a mais vendida pelas bruxas. Mas atribuo ao fato de ser como uma prática porque é apenas depois de ser estudada, compreendida e treinada dentro das técnicas usadas pelas bruxas que ela passa a ser comercializada. Só depois de a bruxa incorporar o jogo de tarô, por exemplo, a sua prática de magia, que ela abre para jogar para outras pessoas. Isso porque é preciso que, antes de tudo, ela estude os símbolos e ganhe intimidade e experiência com o manejo dos oráculos.

Wagner Périco sempre citava a importância de a bruxa dominar um oráculo. Por servir como meio de comunicação com os deuses e espíritos, considerava que o oráculo também funcionava como um método de assegurar que determinada magia poderia ser feita, que tal feitiço efetivamente teria se concretizado e até mesmo saber se alguém estava lhe fazendo mal através de bruxaria, se os deuses haviam gostado da oferenda, se os espíritos que habitam sua casa eram malignos ou não. Além disso, as questões mais cotidianas também podiam ser sanadas: devo fazer tal viagem?, devo me envolver amorosamente com aquela pessoa?, Fulana fala mal de mim?.

Os oráculos são objeto de muita atenção das bruxas que conheci. Elas fazem curso sobre oráculos, estudam normalmente mais de um, trocam informações e perspectivas, usam-nos para feitiços e, também, como conselheiros para seu dia a dia. Eu mesma, quando fiz diversas escolhas pessoais e acadêmicas, me consultei com meu tarô. Questionei inclusive se seria interessante para minha trajetória firmar a bruxaria como tema da monografia. A carta que saiu foi A Sacerdotisa, que representa exatamente um caminho para a sabedoria, o conhecimento, a intuição. Tomei como “sim”.

### 3.4 - O trabalho

Como trabalho, caracterizo a parte do ofício da bruxa que é comercializada, ou seja, vendida: às vezes, em eventos e em instituições que ensinam sobre a bruxaria, mas sempre por uma pessoa que se identifica como bruxa ou bruxo. Algumas atividades não são exclusivas do campo da bruxaria - como é o caso da leitura dos oráculos de cartas, que é usado por cartomantes em geral. O que as torna uma forma de trabalho das bruxas é que, além de fazerem parte da sua prática pessoal de bruxaria, elas são ofertadas para outras pessoas sempre com a imagem de que é uma bruxa que a realiza.

Conversando com Breno, um membro do Grupo de Estudos sobre Tarô que frequentei e que também se identificava com a bruxaria, soube de seus planos para se estabelecer nesse meio como profissional. Ele criaria uma marca para usar em suas redes sociais e assim divulgar seu trabalho como tarólogo. Além disso, estava se dedicando a escrever para o seu *blog* um material voltado ao tarô. Mas todos esses deveriam ser conteúdos direcionados ao público leigo que, movido pelo interesse despertado através de suas publicações e textos, iria querer fazer uma consulta com ele. Para chamar uma gama maior de clientes, ele também tinha como meta estudar e fazer cursos sobre astrologia para conseguir vender o serviço de interpretação de mapa astral.

A trajetória dele é muito parecida com a de outras pessoas que encontrei em campo e que ainda não estavam com as suas carreiras consolidadas. Quando ele iniciou seus estudos sobre o tarô começou a jogar para outras pessoas também. Nesse primeiro momento não cobrava nada por pergunta, mas depois de pouca experiência começou a cobrar R\$ 10,00 por consulta e agora cobra R\$50,00. Nessa consulta, o consulente pode fazer algumas perguntas sobre uma área específica da sua vida, ou então Breno faz jogos mais amplos, a partir dos quais pode falar um pouco da vida financeira, do futuro, do lado profissional, dos relacionamentos, da saúde e da espiritualidade do seu cliente. Ele não cobra por hora e, por isso, o tempo pode variar bastante. Breno contou que algumas consultas demoram menos de uma

hora, mas outras se arrastam por mais de duas horas.

Há pessoas que cobram por hora. Victor é uma delas. Apesar de ele não ser um bruxo, eu o conheci através de pessoas do campo da bruxaria que consumiam tanto os cursos como os conteúdos de aulas, palestras e vídeos que ele disponibilizava na internet. Tais materiais normalmente eram sobre tarô. A consulta com o Victor custa atualmente R\$200,00 a hora. Já o ouvi contando que hoje ele se mantém financeiramente com o que ganha com o tarô e os cursos que ministra sobre assuntos voltados à magia.

Esse valor anunciado por Victor é bastante semelhante ao que vi sendo cobrado na primeira *Mystic Fair* em que estive presente: R\$ 50,00 por 15 minutos de consulta. Foi nesse momento que percebi que algo acontecia nesses espaços para além da comunhão entre diferentes práticas religiosas e foi a partir daí que comecei a tentar conhecer como as bruxas trabalhavam, para além dos seus afazeres espirituais. Não seria absurdo generalizar e dizer que a entrada para o mundo do trabalho como bruxo é exercendo a função de oraculista - e na maior parte das vezes usando o tarô. Semelhante a trajetória do Breno outras pessoas me relataram que começaram jogando para seus amigos de graça - muitas vezes na escola, dado que o contato com a bruxaria muitas vezes acontece na adolescência.

Ao ganhar mais experiência com essa prática torna possível começar a cobrar. Primeiro, cobra-se um valor mais simbólico - R\$ 5,00 ou R\$ 10,00 por pergunta ou algum “presente” (uma vela, um incenso, um enfeite). Progressivamente os valores vão aumentando, paralelamente as consultas vão ficando mais estruturadas e embasadas no conhecimento que vai sendo adquirido. Ao manusear cada vez mais o oráculo, maior se torna a compreensão sobre ele e maior é o domínio do bruxo na produção de uma resposta satisfatória às questões dos seus clientes.

O reconhecimento do trabalho da bruxa vai se espalhando através do “boca a boca”, por meio da fama que se constrói relacionada àquela pessoa - seja em ambiente *online* ou não. Quem confia e acredita naquele bruxo passa a consumir seu produto mesmo diante do aumento dos valores cobrados. É nesse momento que algumas pessoas optam por expandir seus horizontes: além das consultas oraculares oferecem orientações.

Se o oráculo aponta que na parte de trabalho a vida do consulente está travada, então é possível orientá-lo com práticas mágicas: acender uma vela e fazer uma oração a alguma divindade, tomar um banho de ervas, defumar a casa ou até mesmo fazer alguma oferenda. As orientações podem se complexificar se o bruxo decidir ensinar sobre símbolos que podem ser usados ou ensinar como criar algum amuleto que ajude a pessoa a lidar com determinado problema. Também pode ser ofertado ao cliente que ele mesmo faça tal amuleto, alguma poção ou feitiço que vai ajudá-lo nessa situação. Como as consultas são tanto para um público leigo como para outros bruxos, os complementos também tendem a acompanhar o arcabouço teórico e prático do praticante. Por ter ouvido tantas histórias de inícios semelhantes, considero que a porta de entrada para o mercado da bruxa - para aqueles ou aquelas que querem trabalhar como tais - é o atendimento como oraculistas. Posteriormente, o atendimento com os oráculos, acrescido das orientações mágicas, coloca o bruxo em um outro patamar - aquele que é central nesta dissertação - no qual ele desenvolve o seu próprio ofício.

É importante marcar essa separação porque o conhecimento dos métodos oraculares introduz os bruxos no circuito do trabalho, mas não garante o “status” de bruxo. O que traz o reconhecimento externo são os outros elementos que vão sendo adicionados - a indicação dos amuletos, do uso das ervas, das velas, da feitura de um feitiço - e que existem como parte da prática pessoal dessas pessoas. Elas ensinam o que elas fazem.

Nas andanças pelas palestras sobre bruxarias ouvi que a bruxa é um agente social porque ela possui uma função - tornei a ouvir a mesma coisa no grupo de estudos sobre tarô em relação aos tarólogos. No mundo de hoje, para as pessoas que trilham esse caminho contemporaneamente, seria o de iluminar o que ainda se encontra obscuro para outras pessoas. Se elas conseguem, através dos métodos oraculares, perceber algumas situações-problema, por meio da prática da bruxaria, elas podem propor soluções.

Para além deste, que é o passo inicial - atendimento com os oráculos -, existem as outras atividades de trabalho que as bruxas vão realizando com o decorrer da sua carreira nesse mercado. A segunda atividade mais popular

seria a de dar aulas sobre o tema. Novamente, inicia-se dando palestras gratuitas. Na medida que a boa fama vai se espalhando é possível propor palestras, aulas e até cursos pagos. Foi assim que conheci vários nomes dentro do meio: primeiro, eu os assistia nas palestras gratuitas, que eram normalmente oferecidas nas feiras ou eventos maiores - como o Dia do Orgulho Pagão e o Dia Mundial da Deusa. Depois, eu avaliava a possibilidade de participar de algo que era pago.

Os valores variam e são ditados pelo status do bruxo dentro do meio. Wagner Périco, por exemplo, já ofertou cursos com duração de um dia que custava R\$ 320,00. O seu curso de Runas, apesar do preço alto, era bastante disputado. Quando questionei um dos bruxos que eu sabia que tinha feito esse curso de Runas ele me disse que era um valor alto, mas que valia a pena. É nítido que o valor dos cursos muitas vezes torna-os inacessíveis para algumas pessoas. Porém, não é tão difícil encontrar outras ofertas de valores.

O Círculo de Brigantia tinha uma dinâmica bastante interessante que mesclava atividades gratuitas e cursos com valores acessíveis. Com frequência eles organizam eventos gratuitos na casa que sediava a escola. Eram normalmente nos finais de semana e contavam com uma média de seis palestras durante o dia, mais um ritual de finalização das atividades. Nesse dia, dentro da escola, havia sempre uma feira de produtos esotéricos organizada por parceiros do Círculo. Não cheguei a ter conhecimento se os comerciantes pagavam alguma taxa para participarem. O que sei é que a escola lucrava, nessas ocasiões, com a venda de seus produtos (pois eles tinham uma sala repleta de objetos mágicos a serem vendidos) e, também, de alimentos - normalmente havia um bolo doce, algum prato de comida, refrigerantes e café.

Lá os cursos possuem duração de meses e são cobrados através de mensalidades que variam entre R\$ 100 a R\$ 200 mensais. Com encontros semanais ou quinzenais, apesar de ser um valor considerável, se torna muito mais acessível do que o citado anteriormente com duração de um só dia. Os valores cobrados pelo Círculo de Brigantia eram abertamente divulgados. No site e na escola havia informativos sobre o que seria abordado e o valor. Já no Via Paganus, quando os criadores dessa escola se separaram, para saber os valores das atividades por eles oferecidas era necessário perguntar



diretamente. Os preços não eram expostos tão visivelmente.

Os tipos de cursos versavam entre conhecimentos de oráculos, de plantas, de pedras, de prática de feitiçaria e de bruxaria. Alguns, como os de Wagner Périco, costumam ser mais específicos: magia com bonecos, magia com nós, magias com espelhos. Mas é bem mais comum que os cursos sejam mais amplos e que contenham em suas organizações didáticas tais especificidades.

Na época em que Wagner e Cris compunham o Via Paganus alguns cursos estavam relacionados à: Introdução a Bruxaria; Benzimentos e Rezas; Xamanismo; Pedras das Bruxas; Cursos de Feitiçaria; Poções, Filtros, Pós e Banhos; Casas Assombradas, Fantasmas e Vampiros; Tarô; Baralho Cigano; Magia Ancestral; Magia de Portais; e Magias de Nós.

Cito de forma exaustiva para dar a ideia exata do que vi em campo. As práticas das bruxas são muitas, quando aperfeiçoadas para se tornarem cursos e listadas de tal forma, elas mostram como o campo é amplo. Todos esses saberes podem ou não ser acessados por pessoas que estão se iniciando no caminho ou então desejando se aprimorar em algo específico. Isso é uma questão importante - por nada ser obrigatório, as possibilidades de arranjos e criações são infinitas. E por serem fruto do estudo e da organização das pessoas que se dispõem a montar os cursos, aulas e palestras, costumam ser atividades remuneradas. Mia Bueno - que trabalha junto de Victor produzindo e divulgando o trabalho que, apesar de não ser direcionado ao público da bruxaria é bastante consumido por eles - explicou assim sobre o fato de cobrar ou não:

“(...) eu vim aqui tirar uma dúvida que vocês mandam muito. Toda vez que a gente oferece uma oficina nova, um curso, ou quando a gente lança um grupo de estudos de tarô, a primeira pergunta é: é de graça? Não! Não é de graça e eu vou explicar para vocês uma coisa. Eu sei, porque muitos de vocês já falaram, que acreditam que o que o Victor sabe é um dom divino, que o Victor é um mestre ascensionado, um escolhido do Senhor. Só que Deus nunca escolheu o Victor, ele é um renegado. Deus nunca deu dom nenhum para ele. E tudo que ele sabe ele

precisou seguir por outro caminho, que foi - livros, cursos, oficinas, trocas com outras pessoas. Assim que ele começou a ter esse conhecimento que ele tem hoje em dia. E ele estuda há muitos anos, fez muitas experiências, se fodeu muito, teve sucesso em outras coisas e assim, se envolvendo em várias coisas. É por isso que ele sabe tanto quanto ele sabe hoje em dia. E mesmo hoje em dia em que o Victor se acha apto para ensinar, ele não para de estudar, porque ele acredita que sempre pode aperfeiçoar o trabalho dele. Então, isso custa não só o tempo dele, mas custa dinheiro. A gente tem que tá se esforçando sempre para tá pagando tudo isso, e nem sempre é tão fácil para a gente aqui também. Então é por isso que nenhum dos serviços é de graça. Porém, nós fazemos sempre o possível para oferecer oficinas a preços acessíveis.(Mia Bueno)

A fala de Mia vai de encontro com uma crítica que é bastante comum às pessoas que trabalham com algo que, para o senso comum, parece um “dom divino”. Como se elas não precisassem se esforçar, estudar ou preparar um conteúdo para passar tais conhecimentos. E mesmo que o fosse, a questão é que as pessoas que trabalham com essas práticas gastam seu tempo se aperfeiçoando e produzindo os cursos e demais atividades. O que elas vendem, então, não é apenas o ofício que dominam, mas o tempo que usaram e que gastam para poderem ofertar uma consulta ao público interessado. Seus conhecimentos e habilidades, quando bem desenvolvidos e bem vendidos, oferecem a possibilidade de que a (o) bruxa(o) possa fazer desse seu ofício não só uma complementação das suas próprias rendas, mas sim seu sustento.

Embora exista essa possibilidade, o que mais encontrei foram, de fato, pessoas que complementam sua renda mensal formal com os ganhos do ofício de bruxa. É difícil chegar a esse lugar de ter como única renda as atividades de bruxaria. Uma das pessoas que conseguiu chegar a esse ponto foi Lua Serena. Mateus e eu a convidamos para que ela nos contasse sua história no *podcast* Vozes da Deusa.

A formação de Lua - nome mágico - é em Direito. Ela chegou a atuar na área, mas em determinado momento da vida percebeu-se insatisfeita com a

sua profissão e decidiu mudar totalmente de vida. Passou a dar mais e mais cursos de bruxaria, ao lado de seu marido, que também é do meio, e atender cada vez com oráculos. Hoje, eles possuem um Instituto chamado Mãe Terra, no qual concentram as atividades voltadas à bruxaria, ao holismo, a terapias integrativas e outros assuntos do esoterismo. Como Lua diz em suas redes sociais, a bruxaria é uma “salada mística”, ou seja, uma mistura de assuntos e práticas que são comumente compreendidos como místicos - ou misteriosos. Diante disso, ela e seu marido fazem escolhas racionais sobre o que vão ofertar ou não ao seu público.

O Instituto Mãe Terra fica localizado na cidade de Taubaté (SP). Na descrição da sua página do *Instagram* - principal meio através do qual é feita a sua divulgação -, apresenta-se como um “Centro de Desenvolvimento Humano”<sup>37</sup>. Oferece cursos de bruxaria e paganismo; de magia das ervas; formação de terapias holísticas e naturopatia; e uma série de palestras gratuitas, que, além de servirem para passar conhecimentos, funcionam como um chamariz para os cursos pagos, que são mais aprofundados.

Outra bruxa que acompanhei durante essa pesquisa foi Petrucia Finkler. Conheci seu trabalho ao assistir a uma palestra sobre círculos mágicos na *Mystic Fair* do Rio de Janeiro. Em seu perfil no *Instagram*, ela escreve sobre si: “Astrologia, psicoterapia junguiana, tarot e magia são minhas paixões e meu trabalho. Também não resisto a rodas de tambores e bons rituais”. Ela tem alguns vídeos no *Youtube* e possui um *site* onde conta sua trajetória, oferece seus serviços de consultas astrológicas, leitura de Tarot, psicoterapia e terapias

---

<sup>37</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/institutomaeterra/?hl=pt-br>. Acesso em: 25/05/2022

femininas - como a bênção do útero<sup>38</sup>, a cura do útero<sup>39</sup> e a cura da alma feminina.<sup>40</sup>

Petrucia também oferece outros serviços que estão descritos em seu site: sugestão de rituais; criação de óleos e poções; purificação pessoal e de ambiente; formas de proteção, de aberturas de caminho para amor, coragem, autoconfiança e prosperidade; bênçãos de bebês, cerimônias de casamentos e ritos fúnebres. Este último chamou minha atenção quando ouvi sua explicação - era um trabalho que ela fazia como “parteira da morte” ou “doleira da morte”. Consistia em um apoio a familiares no momento da perda de algum ente querido e, também, um auxílio espiritual que forneceria uma passagem mais tranquila e segura da alma da pessoa que morreu para o outro mundo<sup>41</sup>.

Ela é exemplo de uma bruxa que se utiliza de diversos símbolos e significados para compor sua prática e, a partir de suas escolhas pessoais,

---

<sup>38</sup> A bênção é uma sincronização energética que ativa e conecta o centro da mulher à fonte de energia divina da sacralidade feminina, ao amor e totalidade da Deusa. Os efeitos vão aparecer onde a mulher mais necessite, entre eles estão alívio do estresse, capacidade de administrar sua vida e suas transformações dentro de um fortalecimento feminino, conexão com a Deusa, força emocional, sensação de propósito de vida e de alma, abandono da culpa e do medo de não nos enquadrarmos nas expectativas externas de como uma mulher "deve ser", redução da competitividade e de comportamentos baseados no medo, fomentar relações a partir da nossa feminilidade, aceitação de nosso ciclo menstrual (caso o tenhamos) e viver em harmonia com ele, entender a força da nossa natureza de fêmea, despertar da espiritualidade, sexualidade e criatividade, livres de expectativas e restrições, abertura para a alegria e liberdade de expressar quem somos em toda a beleza de ser mulher. Pode ser feita de forma individual, em grupos de até quatro pessoas, mãe e filha. Duração: de 30 a 45 minutos. Investimento: R\$170 só a Womb Blessing®, ou R\$ 260 Womb Blessing® + cura simples, ou R\$ 290 Womb Blessing®+ Female Soul Healing. Disponível em: <https://www.petruciafinkler.com.br/atendimentos>. Acesso em: 17/03/2021

<sup>39</sup> Essa terapia é mais voltada para questões físicas, trabalhando nos três principais centros da energia feminina, ativando os centros e o fluxo energético entre eles. Auxilia o ciclo hormonal e abertura da consciência espiritual, facilita curas emocionais (culpas, mágoas, abandono, cuidado, dar e receber) e atua em problemas físicos e padrões emocionais que tendemos abrigar na região da cintura e quadris. A Cura pode trazer equilíbrio a ciclos menstruais carregados e difíceis e, também, trazer completude às mulheres que não vivem mais esse ciclo (pós-menopausa ou pós-cirurgia). A Cura pode ser feita em combinação com a Bênção, ou sozinha. Duração: 45 minutos. Investimento: R\$125. Disponível em: <https://www.petruciafinkler.com.br/atendimentos>. Acesso em: 17/03/2021

<sup>40</sup> Trabalha os três portais da alma: o Caldeirão, o Cálice e a Estrela, propiciando curas que vão além da expressão diárias dos arquétipos e da nossa criatividade, mas refletindo em nossos relacionamentos, conexões e, também, a transcendência e a conexão universal. Se você busca transformar padrões mentais e emocionais, esta terapia é a mais indicada para você. Investimento: R\$ 170. Disponível em: <https://www.petruciafinkler.com.br/atendimentos>. Acesso em: 17/03/2021.

<sup>41</sup> De forma geral, bruxas acreditam em uma alma imortal, que, mesmo após a morte do corpo físico, permanece viva em um outro mundo habitado por espíritos até vir novamente a nascer em um outro corpo físico. Cada tradição se ancora em uma mitologia própria para compor mais detalhes desse outro mundo e de como se dá a passagem e a permanência nele.

oferece seus serviços, confirmando o que Lua diz sobre a bruxaria ser de fato uma “salada mística”. Contratei dois serviços com ela, a fim de compreender como se dava o processo de comprar tal produto e como isso se passava na prática. Devido à pandemia, foram realizadas atividades *online*. A primeira, de grupos de estudos voltados ao feminino, e a segunda<sup>42</sup>, de um ritual a ser feito para a Deusa Hécate - a Deusa das Bruxas.

Hécate é uma deusa sobre a qual ouvi meus interlocutores falarem bastante. Antes da atividade da Petrucia eu havia participado de algumas aulas que Cris Morgan ministrou sobre o tema. Naquela ocasião nada foi cobrado, porque Cris entendia que falar da Deusa não era um ofício a ser cobrado. Era uma atividade de gratidão por tudo que a Deusa havia feito em sua vida. Ao invés de fixar um valor, ela fez um minicurso gratuito justamente para agradecer à Deusa tornando-a mais conhecida.

Porém, Petrucia que também é uma devota da Deusa, fixou um valor de R\$18,00 para aqueles que quisessem fazer o ritual junto dela, de forma remota, através da plataforma *Zoom*. Fiz minha inscrição e paguei a taxa estabelecida. Posteriormente, recebi um *email* com todas as instruções para o dia da atividade e a lista de materiais a serem usados, além das letras das canções que cantaríamos durante a cerimônia e do poema de invocação à Deusa.

Seguindo as orientações do *email*, no dia eu organizei um altar como era sugerido, posicionei o computador com a câmera de modo que eu conseguisse visualizar as pessoas que fariam parte e que elas também pudessem me ver. Inicialmente, Petrucia falou sobre o que faríamos naquele ritual e contou um pouco da sua história, porque ela ministra essa prática há cinco anos. Ela relata que o motivo é um acordo que fez com a Deusa Hécate - por isso o ritual era em honra aos fogos sagrados dessa Deusa. Mas nada além disso foi revelado.

Os momentos de invocação da Deusa e dos outros espíritos que são convidados a estarem ali são feitos por pessoas diferentes. Organizados previamente, cada um abre seu microfone na hora que lhe cabe e recita o

---

<sup>42</sup> Mais à frente, na sessão em que trato da relação da bruxaria com o feminino, abordo detalhadamente essa experiência.

poema que escreveu para aquela ocasião. Presencialmente, em outros rituais em que estive e ouvindo as pessoas contarem, é comum que se sintam certas sensações quando as invocações são feitas. Sempre é comentado sobre os arrepios, o sentir da presença da energia e o vento - um vento que surge quando as palavras são faladas. Para minha surpresa, senti todas essas sensações, ainda que todas aquelas pessoas estivessem longe de mim, fazendo as práticas em suas próprias casas, apenas sendo observadas através das telas. Ou seja, ainda que de forma remota e com as dificuldades tecnológicas, o que acontecia em um ritual presencial continuava a acontecer - mesmo que não exatamente com a mesma intensidade.

É desta forma que rituais e atividades que antes eram presenciais - com as pessoas podendo olhar umas nos olhos das outras, tocar as mãos e compartilhar comida ao final - aconteciam em ambiente *online*. Se você perguntar a uma bruxa por que as práticas continuam acontecendo mesmo nessa modalidade à distância é possível que ela diga que a energia está em todo lugar. Estar separados fisicamente não impede a energia de se manifestar e ser sentida pelas pessoas em lugares diferentes. Mas o que de fato podemos afirmar é que a bruxa precisou reinventar o seu trabalho diante de uma situação sentida e vivida pelo mundo todo.

Por fim, tendo em vista todo esse movimento, podemos considerar o atendimento com oráculo e o oferecimento de cursos e aulas (tanto individualmente como através da criação de escolas e institutos) como as principais formas de trabalho das bruxas. Assim sendo, existe no plano de fundo uma outra forma de ofício, capaz de instrumentalizar aqueles que desejam praticar bruxaria: as bruxas e bruxos artesãos. Coloco-os nessa categoria por compreender que, para além do serviço que inclui ensinar e orientar sobre como deve-se praticar bruxaria, é preciso que existam pessoas que forneçam os materiais.

Em uma feira presencial, durante um evento ao ar livre ou nos ambientes virtuais, existem pessoas que se identificam como bruxas (os), que trabalham como tal, mas que optam por vender produtos como velas, incensos, baralhos, runas, estátuas dos deuses, ervas, tambores, sabonetes, perfumes,

cristais, jóias, caldeirões, athames<sup>43</sup>, objetos de madeira entalhados com símbolos (cadernos, caixas, bastões e colheres), roupas, pinturas, tarôs, livros, penas, caldeirões e tudo mais que pode ser usado quando se pratica bruxaria. Novamente, assim como na outra forma de exercer o ofício, tal atividade aparece como secundária, servindo para complementar a renda principal, oriunda de um trabalho formal e nem sempre ligado à bruxaria.

---

<sup>43</sup> Um tipo de punhal cerimonial, normalmente de dois gumes, usado em algumas tradições de bruxaria.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos argumentos apresentados e das experiências de campo aqui descritas, considero que a compreensão da bruxaria como um ofício nos leva a pensar, sobretudo, em uma nova forma de labor. Este tem ganhado corpo na atualidade dentro de um mercado religioso no qual as pessoas consomem cada vez mais produtos de espiritualidades não tradicionais.

A história da bruxaria contemporânea e sua intensa publicização na década de 1990 (ALEXANDER; RUSSELL, 2019) colaboraram para uma ressignificação da imagem da bruxa, mas, o que não havia como prever é que a concepção da bruxaria em seus modos de fazer abriria caminho para o desenvolvimento de uma “profissão”.

O intuito inicial que moveu o desenvolvimento do projeto desta pesquisa foi compreender mais a fundo - e até mesmo exclusivamente - o trabalho dessas bruxas modernas. Mas tornou-se necessário compreender as duas faces do ofício dessas pessoas. Provavelmente, se a conduta da espiritualidade das bruxas não tivesse sido tão intrínseca à concepção da importância do estudo, dos desenvolvimentos da prática e das técnicas, dificilmente ela se desenvolveria de forma tão forte como uma possibilidade de trabalho. Além disso, se o mercado religioso do Brasil não fornecesse um espaço confortável para o desenvolvimento de espiritualidades não tradicionais, sobretudo aquelas ligadas à Nova Era, também teria a bruxaria encontrado obstáculos para crescer.

A forma como os filmes estadunidenses passaram a tratar a bruxaria e suas praticantes no cinema dos anos 1990 colaboram imensamente para o que podemos chamar de desconstrução dos estereótipos da bruxaria diabólica. Até hoje essas produções influenciam a entrada em um mundo de espiritualidade e magia permeado de palavras como “bruxa” e “feitiço”. Como exemplo, cito o filme *The Craft*, de 1996. A produção norte-americana ficou conhecida no Brasil como *Jovens Bruxas*. Ela contava a história de três belas jovens que conheciam a bruxaria e utilizavam-na como uma ferramenta de apoio para lidar com os problemas de uma adolescência permeada de conflitos com a família e



na escola. Em 2021, foi lançado um *remake* desse filme, novamente trazendo à tona o papel de bruxas jovens e bonitas.

O que eu quero demonstrar é que o caminho está traçado e disposto. A bruxa não é mais feia - e o que é feio também significa o que não é aceito, o que não é desejado, o que está à margem e no qual não devemos nos espelhar. Sua imagem cada vez mais pode ser comercializada: vendida e consumida. Há público para consumir o curso, frequentar a escola e comprar toda a parafernália. Há pessoas interessadas em adquirir as consultas de oráculo, vislumbrar o futuro e se envolver com esses mistérios que antes estavam escondidos, ocultos e enevoados. E há pessoas interessadas em uma formação para atender esse público.

O que talvez seja original nesta dissertação - porque não há muito material publicado sobre o tema - é a perspectiva de que a bruxaria se desenvolve na atualidade como uma espiritualidade com contornos cada vez mais ligados a uma atividade laboriosa, seja ela rentável ou não. O conceito nativo de “bruxaria como ofício” encontra no seio do capitalismo o ninho perfeito. É uma religião que, além de poder ser comprada, pode ser vendida.

Nas últimas observações que fiz em campo, em espaços *online*, percebi que praticamente todas as pessoas com quem eu mantive contato desde o início da minha pesquisa sobre bruxaria (ainda na graduação) exercem hoje trabalhos como bruxos - direta ou indiretamente.

Uma das pessoas que ajudou a consolidar o Círculo Pagão da Rural, lá em 2015, confidenciou-me no último mês de pesquisa que sua autonomia financeira veio com o atendimento oracular por meio do tarô. Ele me escreveu assim:

“Eu conquistei toda minha independência financeira só com isso, por isso não moro mais com minha família. É pouco dinheiro no final das contas, mas para quem vive sozinho dá. A maioria das pessoas não sabe mesmo que trabalho com isso, não é um trabalho que eu divulgo porque tenho medo de me queimar como cientista<sup>44</sup>. Só que, se os deuses me ajudarem, eu vou entrar em uma rede de tarólogos na qual só entra por indicação e lá eu ganho mais do que eu posso ganhar como biólogo na vida. Aí não

---

<sup>44</sup> Atualmente ele está fazendo graduação em Biologia.

vai me importar mais minha imagem científica”.

Mateus, interlocutor que permeou muitas dessas páginas, também tem como fonte de renda extra o tarô. Lembro ainda de três outras pessoas que começaram a atender com oráculos durante minha estadia no campo. Outros interlocutores da pesquisa passaram a vender produtos: canecas com temas dos deuses, bonecos de tricô de fadas e sabonetes de ervas. Todas essas atividades dialogam de certa forma com a bruxaria. São fontes de renda que se tornaram possíveis porque o caminho da bruxaria instrumentalizou essas pessoas para tal.

Inclusive eu mesma passei a oferecer consultas de tarô cerca de três meses antes do fechamento desta dissertação. Nada disso foi planejado. A decisão de passar a trabalhar com o tarô foi motivada devido a necessidade financeira. Me vi sem a bolsa de mestrado, sem emprego e com todo um conhecimento acumulado. A bruxaria é um ofício: você se dedica a aprender um de seus inúmeros instrumentos e logo a conclusão lógica chega: se você domina aquilo e pode cobrar para fazê-lo, por que não? E assim começa, com uma consulta paga por mês. Depois, uma por semana. E o movimento vai aumentando. A ideia de uma espiritualidade com contornos de ofício direciona o praticante para realizar de fato esse labor. Ser ou não bem-sucedido é uma questão que ultrapassa os limites desse trabalho. Mas aqui fica registrado que é possível tentar.

Todavia, não restam só respostas ao final de uma pesquisa. Sobram muito mais perguntas do que quando se começou. Existem alguns desdobramentos possíveis que ficam registrados nessas linhas como possibilidades a serem perseguidas em uma nova oportunidade de investigação. Um desses aspectos diz respeito ao aprofundamento da bruxaria como uma identidade e/ou como uma identificação. Compreendi que o que faz uma pessoa ser bruxa não é, necessariamente, o que ela pratica e como ela o faz. Isso vem em segundo plano. Em primeiro lugar, está o fato de que ela se identifica realmente como bruxa.

O sujeito fragmentado pós-moderno do final do século XX serviu como ponte para a possibilidade dessa forma de identificação com a bruxaria que

existe hoje. As mudanças nas paisagens de gênero, de raça, de classe, de etnia e, também, de identidades pessoais deslocaram o sujeito integrado do mundo social e cultural de si e daquilo que dava sentido à sua vida (HALL, 1992). A espiritualidade desse sujeito, antes muito mais ancorada em uma visão de mundo ocidental cristão, passou a ganhar várias nuances. O próprio processo de identificação tornou-se mais provisório, variável e até mesmo problemático com a possibilidade de uma pessoa ter identidades fragmentadas que podem ou não serem contraditórias (HALL, 1992).

Podemos considerar, segundo Da Matta (1997), que a nossa identidade é ter, então, várias identidades. Isso se torna claro quando refletimos nos pertencimentos – pertencemos à família, à igreja, ao trabalho, aos estados, cidades e regiões. Na religião não seria diferente. Tomando isso como norte é possível refletir sobre alguns posicionamentos que vi em campo e que mereceriam um estudo mais aprofundado.

E a identidade da bruxa, além dos contornos espirituais, é fortemente marcada pela necessidade de ação política no mundo físico. Meu interlocutor Mateus, por exemplo, se posiciona dizendo que a bruxaria enquanto prática pode ser acessada por todos, mas o “ser bruxa” exige de certa forma que se ocupe um lugar que não é apenas religioso, mas, principalmente, político:

"Todas essas ponderações são para dizer que se dizer bruxa, tomar este nome para si, é para além do conhecimento que você acumula ou tão somente a deidade que você cultua, mas é carregar nesta autodenominação uma memória viva, logo egrégora, de resistência à opressão.

Se voltarmos aos mitos mais ancestrais, temos Inanna, Medusa, Gaia, Athena, Arianrhod... todas violentadas faces de uma terra suprimida por um masculino que avança.

E como poderíamos chamar por essas deusas, cultuar este feminino, fazer uso dos conhecimentos da terra, das ervas e das estrelas sem considerarmos as tensões políticas que

essas memórias nos trazem? E como poderíamos vestir essa face de bruxa hoje esperando nos abstermos das violências que nos rodeiam?

Como poderia uma bruxa, mulher ou homem, não lutar ativamente pela preservação das florestas e povos originários? Se é de lá que vem o saber e os ingredientes das nossas magias feitas na cidade. Como poderia se calar diante discursos e atos que violentam as mulheres? Se são elas face da Deusa que está sob os nossos pés e acima das nossas cabeças? Como poderia uma bruxa se opor aos oprimidos e marginalizados que sofrem nas mãos do Estado como já estiveram nossas ancestrais na mão da Inquisição? Ser contra a arte se de dança, canto e poesia são feitos nossos ritos? Como poderia uma bruxa perpetuar um sistema racista se nossas irmãs já estiveram no tronco da fogueira? Como poderiam ser bruxas se não travam também essas batalhas?”<sup>45</sup>

Existe também uma tríade druídica bastante aclamada no meio dos bruxos praticantes de uma espiritualidade celta que ressalta a importância de “curar a si mesmo, curar a tribo, curar a terra” como um dos pilares dessa fé. Isso significa que, ainda que no mundo abstrato, o pagão (e, portanto, o bruxo) deve se preocupar e atuar em prol de uma sociedade justa com relação aos oprimidos.

Além disso, a bruxaria moderna se torna um instrumento de ruptura com o patriarcado. Mas não só para as mulheres. Ela também o é para todas as pessoas que não se identificam com modelos de gêneros impostos que exaltam as desigualdades. Ao transitar por diferentes espaços dentro das tradições de bruxarias, é notável que ela pareça ser um lugar confortável para pessoas que, seja pelo sexo biológico, a orientação sexual, a identidade de gênero ou a expressão de gênero, não fazem parte de um padrão heteronormativo.

Outro ponto consonante é como os próprios estudos de bruxaria guiavam também para o entendimento da natureza enquanto sagrada. Surgia assim uma consciência ambiental e o desejo de também se posicionar em relação à degradação do meio ambiente. As bruxas que conheci através de um

---

<sup>45</sup> Disponível em: <https://medium.com/@mateuscabot>, texto de 06/06/2020. Acesso em: 13/01/2021.

contato que se deu pessoalmente, e aquelas que conheci através de eventos *online*, apesar de morarem, na maioria das vezes, em centros urbanos como o Rio de Janeiro e São Paulo, viam na cidade grande, ainda que tomada pelo cinza dos prédios, um espaço de natureza também.

A natureza não está mais “lá fora”, nas florestas fechadas e matas grandes. Ela é o próprio solo, coberto de grama ou de asfalto. Uma conversa que eu mesma sempre tinha com aqueles interlocutores com quem construí uma relação de amizade e que moravam - assim como eu - em uma grande cidade, era sobre como redescobrir a natureza nos lugares em que ela estava esquecida. Esse processo era facilitado pela compreensão de que a Terra, enquanto planeta de fato, é o corpo da Deusa, da Grande Mãe, de Gaia. É assim que as bruxas entendem a Terra: um organismo vivo, esteja ele preenchido de espaços pouco tocados pelo homem ou totalmente transformados. A noção, intrínseca à bruxaria contemporânea há mais de 50 anos, aparece também dentro da antropologia e dos estudos das ciências humanas como um fato a se constatar: se alguma vez estivemos descolados da natureza, foi apenas na teoria, porque na prática tal afastamento não é possível. Se algumas áreas de estudos gostam de dividir e classificar para compreender melhor o mundo que nos rodeia, pode-se dizer que a bruxa prefere fazer pontes e tecer relações (STENGERS, 2012).

Se afirmar como bruxa, significa, portanto, não só ter uma espiritualidade fundamentada no animismo, no politeísmo e na ideia de ofício. É também um modo de agir e de se posicionar frente às necessidades dessa mesma terra que é adorada pelos praticantes e cujos seus deuses se manifestam nela: “A Feitiçaria pode ser vista como uma religião ecológica. O seu objetivo é a harmonia com a natureza, de modo que a vida não apenas sobreviva, mas viceje” (STARHAWK, 1993, p.27).

Ações de proteção ao meio ambiente são defendidas por praticantes de bruxaria que utilizam seus perfis em redes sociais para sinalizar a importância de estar consciente das questões ecológicas do país. Não pude medir o quanto essas práticas se tornam ações efetivas fora dos espaços virtuais. Mas constatei que a maior parte das(os) bruxas(os) são veganas(os) ou vegetarianas(os) e o discurso dessas pessoas, apesar de não ditar verdades

absolutas sobre a bruxaria, nos remete a reflexões sobre o excessivo consumo de alimentos e bens de origem animal e sobre a exploração do meio ambiente.

Ao encerrar essa pesquisa mantenho algumas questões em aberto para serem resolvidas no futuro e espero ter construído pontes com tantos outros estudos, pesquisadores e praticantes. Abrindo espaço para compreender a bruxaria como trabalho, outras perspectivas podem se desenvolver a partir daqui.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXANDER, Brooks; RUSSELL, Jeffrey Burton. *História da bruxaria*. São Paulo: Aleph, 2019.

ALMEIDA, Ronaldo de; MONTEIRO, Paula. Trânsito religioso no Brasil. *Revista São Paulo em Perspectiva*, v. 15, n. 3, p. 92-101, 2001.

ALVES, Ana Carolina Chizzolini. *Wicca e Corporeidade: A Bruxaria Moderna e o Imaginário do corpo*. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.

AMARAL, Lara Luiza Oliveira; FLECK, Gilmei Francisco. As bruxas da América Latina: Memórias das cicatrizes. *Revista REVELL*, v.3, nº.20, p.221-243, dezembro, 2018.

ARAÚJO, Susana de Azevedo. *Paradoxos da Modernidade: A crença em bruxas e bruxarias em Porto Alegre*. 2007. 246f. Tese de Doutorado - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

BENITES, Luiz Felipe Rocha. Lugar de negros, lugar de feiticeiros: estereótipos, pertencimento racial e política no Vale do Alto-Médio São Francisco. *Vivência 40*. Revista de Antropologia, n.40, p.9-26, 2012

BERGER, Peter L. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulinas, 1985.

BETHENCOURT, Francisco. *O imaginário da magia: feiticeiras, adivinhos e curandeiros em Portugal no século XVI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BEZERRA, Karina Oliveira. *A Wicca no Brasil: Adesão e permanência dos adeptos na Região Metropolitana do Recife*. Dissertação de Mestrado. Universidade Católica de Pernambuco, Pernambuco, 2012.

BEZERRA, Karina Oliveira. *Paganismo contemporâneo no Brasil: A magia da realidade*. Tese de Doutorado. Universidade Católica de Pernambuco, Pernambuco, 2019.

BURITY, Joanildo A. Religião e Política na Fronteira: desinstitucionalização e deslocamento numa relação historicamente polêmica. *Revista Rever*, n. 4, p.27-45, 2001.

CARRIÇO, Antônio de S. Sensibilidades técnicas e práticas etnográficas: diálogos entre feitiçaria e qualificação profissional. In: Cioccarri, M.; Carriço, A.; Coutinho, P.; Gomes, R. *Etnografias, engajamentos e subjetividades (no prelo)*. Rio de Janeiro: iVentura, 2018

CASTRO, Dannyel. Sob a sombra da samaumeira, uma roda de neopagãos: o neotribalismo na relação entre religião e espaço público a partir do Encontro Social Pagão em Belém, Pará. *Sacrilegens*, Juiz de Fora, v. 13, p. 23-38, 2016.

DUARTE, Janluis. *Reinventando Tradições: representações e identidades da bruxaria neopagã no Brasil*. Tese de Doutorado. Brasília, 2013.

DURKHEIM, Emile. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.



EVANS-PRITCHARD, Edward. *Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. *Cadernos de Campo*. São Paulo, n.13, p. 155-161, 2005

FEDERICI, Sílvia. *Calibã e a Bruxa: Mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Elefante Editora. 2019.

FERRAZ, Cláudia Pereira. A etnografia digital e os fundamentos da Antropologia para estudos em redes on-line. *Aurora: revista de arte, mídia e política*, São Paulo, v.12, n.35, p. 46-69, jun.-set.2019.

FRAZER, James George. *O Ramo de Ouro*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

GINZBURG, Carlo. *"Os Andarilhos do Bem: feitiçaria e cultos agrários nos séculos XVI e XVII"*. São Paulo: Editora Companhia das Letras. 2010.

GRIBEL, Stéphanie. *Ser bruxa e pesquisar bruxaria: reflexões acerca de um duplo pertencimento dentro do campo*. Anais do 44º Encontro Anual da ANPOCS. De 01 a 11 de dezembro de 2020, na forma remota.

GRIBEL, Stéphanie. *Ecos de bruxaria: Um estudo antropológico sobre identidade, conflitos e afetos*. Monografia de conclusão de curso. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2018.

HABERMAN.S, Jurgen. Teoría de la acción comunicativa, Vol II. Madrid:Taurus,1988.

JUNGBLUT, Airton Luiz. Transformações na comunicação religiosa: Análise dos dois modelos comunicacionais operantes no Brasil atual. *Civitas*, Porto Alegre, v. 12, n. 3, p. 453-468, set.-dez. 2012.

LELAND, Charles G. Aradia. *O Evangelho das Bruxas*. São Paulo: Outras Palavras, 2000.

MAGGIE, Yvonne. *Medo do feitiço: relações entre magia e poder no Brasil*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1992.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Xamãs na cidade. *Revista USP*, São Paulo, n.67, p. 218-227, setembro/novembro 2005.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. O Neo-esoterismo na cidade. *Revista USP*, "Dossiê de magia", 31, 1996.

MALINOWSKI, Bronisław. *Magia, ciência e religião*. Edições 70, 1988.

MALUF, Sônia. *Encontros noturnos: bruxas e bruxarias na Lagoa da Conceição*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.

MATTA, Roberto da. *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco,

2000. MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify,

2003

MAUSS, Marcel; HUBERT, Henri. 2003. **Esboço de uma teoria geral da magia**. In: Marcel Mauss. *Sociologia e Antropologia*. (trad. Paulo Neves) São Paulo: Cosac & Naify, pp. 47-181. [1902-3]

MENON, Maurício César. Da Bruxa na Literatura Brasileira do Século XIX. XI Congresso Internacional da ABRALIC: *Tessituras, Interações, Convergências*. 13 a 17 de julho de 2008, USP – São Paulo.

MICHELET, Jules. *A feiticeira*. Tradução de Ronald Werneck. São Paulo: Círculo do Livro, [s.d.].

MURRAY, Margaret. *O culto das bruxas na Europa Ocidental*. São Paulo: Madras Editora. 2003.

OLIVEIRA, Rosalira. Ouvindo uma terra que fala: O renascimento do paganismo e a ecologia. *Revista Nures*, São Paulo, n. 11, p.1-9, janeiro/abril, 2009.

OSÓRIO, Andréa. Bruxas modernas na rede virtual: a Internet como espaço de sociabilidade e disputas entre praticantes de wicca no Brasil. *Revista Sociedade e Cultura*, v.8, n.1, p. 127-139, jan-jun 2005.

PORTELLA, Rodrigo. Religião, Sensibilidades Religiosas e Pós- Modernidade e da ciranda entre religião e secularização. *Revista Rever*, n.2, p. 71-87, 2006.

SANTOS, Silvio Matheus Alves. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. *Plural, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP*, São Paulo, v.24.1, p.214-241, 2017.

STARHAWK. *A Dança Cósmica das Feiticeiras*. Porto Alegre: Nova Era, 1993.

STEIL, Carlos Alberto. Pluralismo, modernidade e tradição: Transformações do campo religioso. *Ciencias Sociales Y Religión/Ciências Sociais e Religião*, ano 3, n. 3, p. 115–129, out. 2001.

STENGERS, Isabelle. Reativar o animismo. *Cadernos de Leituras*, n.62, p.01-15, maio, 2017.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1980.

### **Sites Consultados**

MILLER, Daniel. Notas sobre a pandemia: como conduzir uma etnografia durante o isolamento social. 03/05/2020. Disponível em <https://youtu.be/NSiTrYB-0so>. Acesso em: 18/03/2021.

<https://open.spotify.com/show/1TIAYdZgCIWt4kRwht7is8>. Acesso em: 10/03/2021.

<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/11/22/apesar-de-criacao-de-delegacia-templos-de-religoes-de-matriz-africana-sao-atacados-ate-durante-a-pandemia-no-rj.ghtml>. Acesso em: 18/03/2021.

<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/08/14/policia-investiga-acao-d-o-bonde-de-jesus-contra-terreiros-de-religoes-de-matriz-africana-no-rj.ghtml>. Acesso em: 18/03/2021.

<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/07/12/terreiro-de-candomble-e-destruido-em-duque-de-caxias-na-baixada-fluminense.ghtml>. Acesso em: 18/03/2021.

<https://www.viapaganus.com/copia-via-paganus?lang=pt>. Acesso em: 07/01/2021.

<https://www.viapaganus.com/old-jornada-de-bruxaria> Acesso em: 07/01/2021.

<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/2/10/ilustrada/7.html> Acesso em: 15/03/2021.

<https://www.petruciafinkler.com.br/atendimentos>. Acesso em: 17/03/2021.

<https://www.metropoles.com/mundo/violencia-int/acusado-de-bruxaria-casal-e-a-marrado-a-poste-e-queimado-vivo?amp> Acesso em 19/03/2021.

<https://www.greenme.com.br/informarse/povos-da-floresta/46100-guia-espiritual-maia-torturado-e-queimado-vivo/> Acesso em: 19/03/2021.

<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/almanaque/5-mulheres-que-foram-acusadas-e-mortas-por-bruxaria-no-brasil.phtml> Acesso em: 19/03/2021.

<http://revistadr.com.br/posts/bruxaria-escravidao-e-misoginia-no-brasil-colonial/> Acesso em: 27/05/2021.

<http://drhima.poli.ufrj.br/index.php/br/destaque/noticias/309-o-covid-19-e-a-hipotesese-de-gaia#:~:text=A%20teoria%20de%20Gaia%20%C3%A9,%C3%A9%20um%20imenso%20organismo%20vivo.> Acesso em: 28/05/2021.

<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs12049803.htm>. Acesso em: 28/05/2021.